

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

*A caracterização do ser na cultura nordestina:
uma leitura semiótica do folheto de cordel de
acontecimento*

RENATA DE OLIVEIRA PINTO

JOÃO PESSOA-PB

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RENATA DE OLIVEIRA PINTO

**A CARACTERIZAÇÃO DO SER NA CULTURA NORDESTINA:
UMA LEITURA SEMIÓTICA DO FOLHETO DE CORDEL DE
ACONTECIMENTO**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, área de concentração **Linguagens e Cultura**, linha de pesquisa **Semióticas verbais e sincréticas**, para a obtenção do grau de mestre em Letras.*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista

JOÃO PESSOA-PB

2010

RENATA DE OLIVEIRA PINTO

**A CARACTERIZAÇÃO DO SER NA CULTURA NORDESTINA:
UMA LEITURA SEMIÓTICA DO FOLHETO DE CORDEL DE
ACONTECIMENTO**

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, área de concentração **Linguagens e Cultura**, linha de pesquisa **Semióticas verbais e sincréticas**, para a obtenção do grau de mestre em Letras.*

Data da aprovação: 15/03/2010

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista – UFPB
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria Elias Soares – UFC
(Examinadora)

Prof.^a Dr.^a Elinês de Albuquerque Vasconcelos e Oliveira – UFPB
(Examinadora)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Maria do Carmo e José Antônio que trabalharam arduamente para fornecer a mim uma boa educação, mesmo enfrentando dificuldades em certos momentos, mas nada que desviasse o objetivo de me proporcionar o saber.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu Deus, possuidor dos céus e da terra, que me capacitou intelectualmente para a realização desta dissertação, porquanto não são só os mais velhos, os sábios, não são só os de idade que entendem o que é certo, mas é o espírito dentro do homem que lhe dá entendimento; o sopro do Todo-poderoso.

A meu namorado Daniel Uchôa, pelo companheirismo e amor que sempre dedicou a mim. Seu incentivo e apoio constantes foram importantes colaboradores para a conquista deste momento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa de estudo.

Aos amigos Fernanda Barboza, Hermano Rodrigues, Jailto Chaves Filho e Juliana Perônico, que acompanharam de perto a minha trajetória ao longo desses dois anos, sempre acreditaram na minha capacidade e torceram pela concretização deste curso.

Ao Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP), pelo fornecimento do *corpus* necessário à realização deste trabalho.

Aos colegas de curso que, juntos, enfrentamos os obstáculos e trilhamos o longo caminho do mestrado.

A todos aqueles que contribuíram de alguma maneira para a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista

Pelo empenho, confiança e dedicação em compartilhar seus conhecimentos com o propósito de proporcionar meu crescimento cultural, intelectual e, principalmente, acadêmico. Ela, sem dúvida, foi um instrumento utilizado por Deus para a obtenção desta conquista.

À professora Fátima, meus sinceros agradecimentos.

*Eu sou o Deus, e não há nenhum outro;
eu sou Deus, e não há nenhum como eu.
Desde o início faço conhecido o fim,
desde os tempos remotos, o que ainda virá.
Digo: Meu propósito permanecerá em pé,
e farei tudo o que me agrada.
Do oriente convoco uma ave de rapina;
de uma terra bem distante,
um homem para cumprir o meu propósito.
O que eu disse, isso eu farei acontecer;
o que planejei, isso farei.*

Isaiás 46: 09-11

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar, semioticamente, as narrativas populares de acontecimento, observando os valores axiológicos sustentados pelo enunciador, capazes de refletir, implicitamente ou não, a visão de mundo de um povo cuja memória e história se presentificam em suas manifestações literárias. A literatura de cordel, ao apresentar formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das relações socioculturais daqueles que a produzem, torna-se um verdadeiro registro da cultura nordestina. É uma literatura heterogênea que aborda desde temas e fatos tradicionais, a acontecimentos atuais, possuindo uma marcante e importante característica: a de informar, que está presente, sobretudo, nos folhetos denominados de *narrativas de acontecimento*. O aparato teórico fundamentou-se na proposta Semiótica greimasiana que possui como principais defensores: Greimas, Courtés, Pais, e Fiorin. Optou-se por explicitar, inicialmente, um panorama histórico do signo linguístico, com o propósito de situar as discussões acerca do signo ao longo do tempo, chegando, desse modo, às preocupações com a significação, a ciência semiótica, cujos alicerces se encontram em Hjelmslev, nas suas contribuições sobre o signo que veio complementar a teoria sígnica de Saussure. Chegando à Semiótica, retratou-se, em particular, a Semiótica greimasiana, com a descrição minuciosa das etapas que compõem o percurso gerativo de sentido: a fundamental, a narrativa e a discursiva. Investigou-se cada etapa através da exposição detalhada de seu componente sintático e semântico. Realizaram-se, também, estudos sobre o folheto de cordel, sua origem, sua presença no Brasil, bem como sua estrutura e temática. Após esse relato teórico, destinou-se, ainda, uma parte à descrição do *corpus* que constou de quatro folhetos de cordel de acontecimento, dos quais se extraíram os elementos que direcionaram a confirmação das hipóteses. A análise considerou, inicialmente, o percurso temático que permeia e tangencia as formações discursivas que, por sua vez, materializam os textos, o que permite uma (re)constituição dos dizeres. Em seguida, na narrativização, foi observado o fazer de cada sujeito semiótico em busca de seu objeto de valor. No nível discursivo, a análise das relações intersubjetivas, assim como as relações espaço-temporais promoveram a descoberta dos efeitos de sentido provocados por esses procedimentos e os valores culturais e sociais do sujeito enunciador. Coube à tematização e figurativização, a determinação da proximidade do contexto com a manifestação textual. As estruturas fundamentais constituíram o último passo, nelas as ideologias subjacentes ao discurso foram manifestadas. Espera-se, então, que as análises possam contribuir para os estudos da Semiótica e despertar o interesse pela cultura popular, podendo esta ser alvo de abordagens mais aprofundadas por outras disciplinas, seja a Sociologia, a Antropologia ou até mesmo a Psicologia, numa relação multidisciplinar.

Palavras-chave: Semiótica – Cultura popular – Narrativas de acontecimento – Identidade

ABSTRACT

The present work had as objective to analyze, through Semiotics, the popular narratives of event, observing the axiological values supported by the enunciator, able to reflect, implicitly or not, the vision of world of a people whose memory and history appears in their literary manifestations. The Cordel literature, when presenting specific forms of representation, reproduction and symbolic rework of the social and cultural relations of those who produce it, becomes a true register of the Northeast culture. It is a heterogeneous literature that approaches both themes and traditional facts, and the current events, possessing an outstanding and important characteristic: to inform, which is present, over all, in the kind of brochures we call *event narratives*. The theoretical apparatus is based on the Greimasian Semiotics, whose main researchers are: Greimas, Courtés, Pais, and Fiorin. We chose to explain, initially, a historical panorama of the linguistic sign, in order to point out the discussions concerning the sign throughout the time, reaching, this way, the field of the signification, the Semiotics science, whose founding member was Hjelmslev, with his contributions to the sign that complemented Saussure's theory of sign. When dealing with semiotics, he gave particular emphasis to the Greimasian Semiotics, with the detailed description of the stages that compose the process of generation of meaning: the fundamental, the narrative and the discursive. Each stage had been investigated through the detailed exposition through their syntactic and semantic component. Studies on the Cordel Literature had also been done, its origin, its presence in Brazil, as well as its theme and structure. After this theoretical study, we also worked on the description of the *corpus* that consisted of four cordel literature of event, from where we had extracted the elements that led us to confirm the hypotheses. The analysis considered, initially, the thematic process that goes around and reaches the discursive formations that materialize the texts, which allows a (re)constitution of the sayings. After that, in the narrative analysis, the action of each semiotic subject in search of its object of value was observed. In the discursive stage, the analysis of the inter-subjective relations, as well as the space and time relations, promoted the discovery of the effect of meaning motivated by these procedures and the cultural and social values of the enunciator subject. The determination of the proximity of the context with the literal manifestation was realized through the construction of the themes and the figures. The fundamental structures were the last step, where the underlying ideologies of the speech had been revealed. We hope this way that the analyses can contribute for the studies of the semiotics and bring up the interest for the popular culture, becoming the target of other approaches much more deeply studied by other disciplines, such as the Sociology, the Anthropology or even through Psychology, in a multidisciplinary relationship.

Keywords: Semiotics – Popular Culture – Narratives of Event – Identity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. SITUANDO O SIGNO E A SEMIÓTICA	16
1.1 O signo nos estudos filosóficos	16
1.2 O signo nos estudos linguísticos	19
2. GREIMAS E A PROPOSTA DOS NÍVEIS DE ESTUDO DA SIGNIFICAÇÃO	25
2.1 Nível fundamental	27
2.2 Nível narrativo	30
2.3 Nível discursivo	33
3. FOLHETO DE CORDEL: MANIFESTAÇÃO ESCRITA DA LITERATURA POPULAR	37
3.1 Conceito, classificação temática e função social	37
3.2 Amostragem utilizada como <i>corpus</i>	39
4. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	42
4.1 Ronaldinho, o fenômeno jogando errado	42
4.1.1 Estruturas narrativas.....	43
4.1.1.1 A propósito do sujeito semiótico 1.....	43
4.1.1.2 A propósito do sujeito semiótico 2.....	44
4.1.1.3 A propósito do sujeito semiótico 3.....	45
4.1.1.4 A propósito do sujeito semiótico 4.....	46
4.1.1.5 A propósito do sujeito semiótico 5	47
4.1.1.6 A propósito do sujeito semiótico 6	48
4.1.1.7 Quadro-resumo das estruturas narrativas.....	50
4.1.2 Estruturas discursivas	51
4.1.3 Estrutura fundamental.....	62
4.2 Vão matar o Velho Chico para regar o sertão!	65

4.2.1 Estruturas narrativas	65
4.2.1.1 A propósito do sujeito semiótico 1	65
4.2.1.2 A propósito do sujeito semiótico 2	66
4.2.1.3 A propósito do sujeito semiótico 3	67
4.2.1.4 Quadro-resumo das estruturas narrativas.....	69
4.2.2 Estruturas discursivas	70
4.2.3 Estrutura fundamental	74
4.3 O atentado do Papa abalou o mundo inteiro	76
4.3.1 Estruturas narrativas	76
4.3.1.1 A propósito do sujeito semiótico 1	76
4.3.1.2 A propósito do sujeito semiótico 2	77
4.3.1.3 A propósito do sujeito semiótico 3	78
4.3.1.4 A propósito do sujeito semiótico 4.....	79
4.3.1.5 Quadro-resumo das estruturas narrativas.....	81
4.3.2 Estruturas discursivas	82
4.3.3 Estrutura fundamental.....	93
4.4 O último dia de Lampião	96
4.4.1 Estruturas narrativas	96
4.4.1.1 A propósito do sujeito semiótico 1	96
4.4.1.2 A propósito do sujeito semiótico 2.....	99
4.4.1.3 A propósito do sujeito semiótico 3	100
4.4.1.4 A propósito do sujeito semiótico 4.....	102
4.4.1.5 Quadro-resumo das estruturas narrativas	103
4.4.2 Estruturas discursivas	104
4.4.3 Estrutura fundamental.....	113
CONCLUSÕES	116
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

As expressões culturais populares podem ser vistas além de sua aparência folclórica, numa perspectiva que as situe como cenário de práticas sociais e de construção de identidade. São através delas que historiadores, antropólogos e linguistas conseguem recuperar informações preciosas sobre a cultura e a história de um povo e de uma época.

Sob esse aspecto, a Literatura Popular, em sua dupla modalidade, oral e escrita, apresenta-se como uma marca da identidade do homem nordestino e cria fronteiras culturais entre o Nordeste e o resto do Brasil. Ela propõe novas formas de apreensão do real, deslocando, para um exterior definido, o referencial constituinte das representações que os indivíduos fazem de si mesmos e da sociedade. Dessa forma, os processos de construção de identidades são considerados frutos das relações dos indivíduos ou grupos com processos sociais mais amplos e, portanto, compreensíveis a partir da busca de reconhecimento e de legitimidade para as suas especificidades.

Ao veicular elementos culturais, ideológicos e históricos do Nordeste, a literatura popular consegue representar, de maneira legítima, as “engrenagens” sociais dessa região. Nesse sentido, estas peças populares representam, para o nordestino, bem mais do que manifestações de caráter estético, artístico, histórico. São expressões de uma prática cultural, a reatualização de uma memória coletiva que se presentifica nos mais variados gêneros (romances, cordéis, mitos, lendas, contos, provérbios), revelando o imaginário do tempo e do espaço em que foi criada.

Tanto o romance oral quanto o folheto de cordel são produções culturais que retratam, implícita ou explicitamente, a memória de um povo. A diversidade temática dos textos é tão acentuada que podemos encontrar cordéis e romances orais sobre uma multiplicidade de acontecimentos, desde fatos rotineiros do cotidiano até ocasiões especiais, como narrativas históricas e religiosas, muitas até transformadas em teatro. Esses textos relacionam-se, em sua maioria, com a realidade popular, observada e transformada em literatura pelos autores.

As produções populares, por trazerem marcas das relações sociais daqueles que as produzem, tornam-se documentos genuínos e extremamente valiosos que permitem ao estudioso restaurar e apreender a visão de mundo de um povo cujos valores culturais, embora sofrendo as imposições da modernidade, ainda continuam vivos e latentes. Por isso,

ao analisar peças de natureza popular, devemos, inicialmente, levar em consideração a sociedade na qual são produzidas, uma vez que pertencem a um contexto sociocultural historicamente determinado. Esse procedimento permite enxergar o fazer e o agir do povo como processos dinâmicos, atuais; não como algo anacrônico, uma simples sobrevivência, resquícios do passado no presente.

Esta dissertação pretende realizar um estudo que possa contemplar a diversidade das imagens que a narrativa popular produz sobre o Nordeste, resgatando fatos históricos e pondo em evidência aspectos humanos e físicos da região. Serão recuperadas, ainda, as ideologias produzidas no contexto sociocultural que lhes dá origem, reconstituindo e interpretando os processos sociais que fazem emergir uma sociedade autônoma que conserva, dinamicamente, seus valores identitários. Nesse sentido, a identidade surge como processo temporário, sobretudo, como algo que está permanentemente em construção.

Para auxiliar nessa trajetória, utilizamos os fundamentos epistemológicos da Semiótica Greimasiana que forneceram os instrumentos adequados para nos debruçarmos sobre a concretude dos textos e extrair deles o material necessário à confirmação das hipóteses. Evidentemente, sendo o discurso um amálgama de outros discursos, foi inevitável tecer alguns comentários extratextuais que reforçaram e, por vezes, cristalizaram o dito.

Partindo do pressuposto de que o povo produz, em sua literatura, formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica de suas relações sociais, podemos considerá-la como um verdadeiro registro da cultura nordestina. As narrativas de acontecimento abarcam uma diversidade de imagens que caracterizam, tanto social quanto culturalmente, o Nordeste. A identidade do homem nordestino emerge, nas diferentes narrativas, a partir do entrecruzamento de discursos, história e cultura.

Como arcabouço teórico, utilizamos os modelos atuais da Semiótica Greimasiana, mais especificamente, os teóricos: Greimas, Pais e Fiorin.

Dada à riqueza temática das narrativas populares, especificamente das *peças de acontecimento*, selecionamos um *corpus* capaz de contemplar aspectos constitutivos da sociedade nordestina, como história, cultura e tradição. Esses elementos, fundidos e revestidos pelo imaginário popular, ganham dimensões ao mesmo tempo individuais (subjetivas) e regionais (coletivas), capazes de “denunciar” os valores de um povo que se (re)constrói discursivamente através de suas manifestações literárias.

A fim de estabelecer a veracidade das hipóteses, procuramos analisar semioticamente o processo de construção da identidade do homem nordestino na poesia popular,

examinando os aspectos culturais, ideológicos, sociais e históricos, presentes nos textos, que alicerçam uma identidade cultural e regional. Assim, realizamos um estudo teórico acerca da semiótica e do folheto de cordel e analisamos, com base neste estudo, as três estruturas que compõem o percurso gerativo da significação, ou seja, a narrativa, a discursiva e a fundamental numa amostragem constituída de quatro folhetos de cordel de acontecimento de diferentes épocas, coletados do acervo do Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP). São eles: *Ronaldinho, o fenômeno jogando errado*, tendo como autor Valentim Martins Quaresma Neto; *Vão matar o Velho Chico para regar o sertão!*, da autoria de Jotacê Freitas; *O atentado do Papa abalou o mundo inteiro*, do poeta Leonardo Rodrigues dos Santos e *O último dia de Lampião*, escrito por João Fernandes de Oliveira.

Observamos o agir de cada sujeito semiótico em busca de seu objeto de valor, como também as modalidades que, semanticamente, os instauram como tais nas estruturas narrativas. Nas discursivas, vimos no *corpus* selecionado, as projeções actoriais, temporais e espaciais, descrevendo os efeitos de sentido provocados pelos referidos mecanismos e recuperamos, por meio do estudo da Semântica discursiva, as ideologias imanentes aos textos escolhidos, reconstituindo e interpretando os processos socioculturais que neles se presentificam. Em seguida, estabelecemos as oposições fundamentais, através dos octógonos semióticos, encontradas nos textos em análise, ou seja, as estruturas fundamentais, considerando as categorias tímicas de euforia e disforia.

1. SITUANDO O SIGNO E A SEMIÓTICA

1.1 O signo nos estudos filosóficos

No período greco-romano antigo, a filosofia identificou duas forças vitais: a natureza, que rege o mundo visível e a crença que é estabelecida por ação divina ou humana. Diante dessas duas forças, vários problemas de diferentes áreas foram levantados pelos filósofos. Com relação à linguagem não foi diferente, a dúvida existente entre os gregos era se a conexão entre as palavras e aquilo que significavam era natural ou convencional. A filosofia greco-romana tratava da teoria dos signos verbais e não verbais. Como primeiro representante dessa preocupação com o signo, aparece Platão, filósofo e teórico, que define o signo como uma estrutura triádica constituída pelos seguintes componentes: nome (*ónoma, nómos*), ideia (*eîdos, lógos, dianóema*) e o objeto referido pelo signo (*prágma, ousía*). Dessa forma, o filósofo levanta a questão se a relação entre nome, as ideias e as coisas é arbitrária ou natural.

signos verbais, naturais, assim como convencionais são só representações incompletas da verdadeira natureza das coisas; o estudo das palavras não revela nada sobre a verdadeira natureza das coisas porque a esfera das idéias é independente das representações na forma de palavras; e cognições concebidas por meio de signos são apreensões indiretas e, por este motivo, inferiores às cognições diretas. (NÖTH, 1995)

Assim, Platão chega à conclusão de que mesmo que as palavras possuam semelhança com as coisas às quais se referem, são sempre inferiores ao conhecimento direto das coisas. Platão começa a usar o verbo “significar” com o sentido de “revelar” devido ao fato de o signo representar, segundo os gregos, alguma coisa escondida da cognição. Ele percebe que a conexão entre as palavras e as coisas não é direta e, sim, indireta.

A teoria dos signos é discutida por Aristóteles inserida no espaço da Retórica e da Lógica. O signo é tido por ele como uma relação de implicação que leva a uma conclusão. Denomina, ainda, o signo de símbolo e o interpreta como um signo das “afecções da alma”.

O modelo triádico do signo proposto por Platão serve de base para a teoria sîgnica dos estoicos, contudo, uma nova nomenclatura é dada aos componentes: *semáinon* (o significante), *semainómenon* ou *lékton* (o significado) e *tygchánon* (o objeto referido). Os estoicos têm sua teoria ligada à lógica, eles o interpretavam como um processo de indução. O signo era também classificado como comemorativo, quando pressupunha a observações anteriormente associadas ao signo e indicativo, quando designava fatos não evidentes.

Diferentemente do modelo triádico do signo proposto por Platão, Aristóteles e os estoicos, os epicuristas propuseram um modelo diático do signo, representado apenas pelo *semaínon* (significante) e *tygchánon* (objeto referido). O significado não entra como componente semiótico do signo. É uma visão materialista, na qual

o objeto físico é considerado como a origem das imagens (eídola) que emanam de sua superfície, na forma de verdadeiros átomos. Na cognição do receptor, esses átomos icônicos reaparecem como uma nova imagem chamada fantasia. A imagem emitida do objeto e a imagem captada pelo observador descrevem, portanto, os dois componentes do signo. (NÓTH, 1995)

Os epicuristas consideravam, dessa forma, a cognição como um processo puramente mecânico.

É na Idade Média, com o advento do teocentrismo, doutrina que vê Deus como o centro do universo e de todas as coisas nele existentes, que Santo Agostinho (354-430) estuda o signo, inserindo-o nesse âmbito teológico. Para ele, os signos são naturais determinados pela vontade de Deus. Agostinho concordou com os epicuristas no que diz respeito ao signo como algo perceptível que representa alguma coisa não perceptível. No entanto, a sua definição do signo segue os estoicos. Segundo ele, o signo é uma coisa que produz uma impressão nos sentidos, ao mesmo tempo, leva à mente outra coisa. Diferenciou, ainda, signos naturais e signos convencionais. O signo natural seria aquele usado sem a intenção de ser signo. Já os signos convencionais são aqueles que os seres vivos trocam entre si para demonstrar sentimentos da mente.

É ainda na Idade Média que surge a Escolástica, doutrina teológico-filosófica, que teve influência aristotélica para dar origem a um novo estudo do signo, projetando a teoria do signo no contorno das ciências aceitas pelos escolásticos. Assim sendo, os escolásticos determinaram três ciências: a Filosofia natural, a Filosofia moral e a ciência dos signos, também chamada de ciência racional, correspondendo à lógica. João de São Tomás, que também considerava o estudo do signo no âmbito da lógica, vem a ser o maior representante da escolástica. O teórico define o signo como um instrumento de comunicação e de cognição, considerando o seu estudo no modelo das ciências cognitivas.

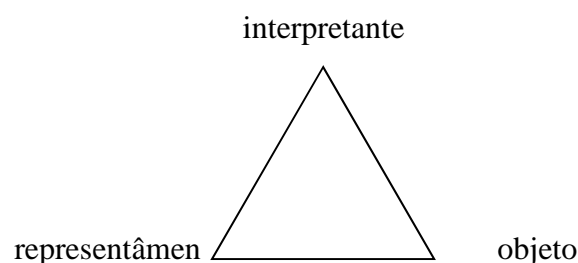
O Renascimento marca o final da Idade Média e o início da Idade Moderna e, com essa transição, muitas transformações ocorreram em diversas áreas na vida humana, principalmente na Filosofia, nas artes e nas ciências. Essa época é assinalada pelo Antropocentrismo, em oposição à doutrina teocêntrica da Idade Média. O homem volta a ser o centro de tudo, retomando os valores culturais da Antiguidade Clássica. Os gramáticos de

Port-Royal sustentaram o modelo diádico do signo. A teoria renascentista nega o aspecto referencial, tornando, assim, o processo semiótico completamente encerrado na mente. O modelo diádico de Port-Royal é constituído, então, pela ideia da coisa que representa (significante) e pela ideia da coisa representada (significado). Como o significante aparece como imaterial, não seria a expressão acústica da palavra proferida e, sim, uma representação mental que a expressão acústica da palavra fornece. Esse modelo diádico foi de grande importância para os estudos futuros do signo, pois inspira, por exemplo, Saussure que considera o significante como uma imagem acústica da palavra falada ou escrita.

No final do século XIX, aparece Pierce (apud NÖTH, 1995) como um grande teórico do signo. A teoria pierciana dos signos considera que tanto as cognições, quanto as ideias e até o homem são entidades semióticas. Pierce volta ao modelo triádico do signo, constituído pelo representâmen, objeto e interpretante. Para ele,

Um signo ou representâmen é tudo aquilo que, sob um certo aspecto ou medida, está para alguém em lugar de algo. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. Chamo este signo que ele cria o interpretante do primeiro signo. O signo está no lugar de algo, seu objeto. Está no lugar desse objeto, porém, não em todos os seus aspectos, mas apenas com referência a uma espécie de idéia. (PIERCE apud NÖTH, 1995)

O representâmen corresponde à representação do objeto que serve, por sua vez, como signo para o interpretante. Em Saussure, o representâmen equilibra ao significante. O objeto é algo que o signo representa, ou seja, o referente. O interpretante seria a significação sgnica e é considerado até como signo, porquanto, no processo de semiose, um signo, ao projetar-se na mente de uma pessoa, produz um signo equivalente ou até mais desenvolvido. A estrutura triádica pierceana pode ser representada espacialmente por um triângulo:



1.2 O signo nos estudos linguísticos

Ferdinand de Saussure é considerado como um divisor de águas no estudo da linguagem. Com seu *Curso de Lingüística Geral*, rompe com a orientação histórica do século XIX, baseada no método comparativo, e impõe uma linguística estrutural, alicerçando os princípios da linguística moderna.

Saussure considera a língua como um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica. O “sentido”, cabe destacar, possui a mesma compreensão de “conceito” ou “ideia”. O signo linguístico é compreendido, pois, como a reunião de um conceito a uma imagem acústica, designados, respectivamente, de significado e significante. A imagem acústica, destaca o mestre de Genebra, “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (SAUSSURE, s/d, p. 80). Corresponde ao significante. Desse modo, o signo linguístico é designado por Saussure como “uma entidade psíquica de duas faces” (SAUSSURE, s/d, p. 80). Os dois elementos estão numa relação de interdependência e são inseparáveis. Quando um falante da nossa língua, por exemplo, recebe a impressão dada pelo significante /kaza/, o que manifesta fonicamente o signo “casa”, essa imagem acústica lhe faz parecer, de imediato e psiquicamente, a ideia de abrigo. O significante é, portanto, a parte perceptível do signo e o significado aparece como sua contraparte inteligível. Eis um diagrama que representa o modelo saussureano:

SIGNO	SIGNIFICADO	Conceito
	SIGNIFICANTE	Imagem Acústica

O mestre genebrino remonta, com essa divisão diádica, às terminologias usadas na Grécia antiga, em especial pelos estoicos, na definição de dois de seus três componentes do signo: o significante e o significado.

A divisão diádica de Saussure não ficou livre de críticas. Alguns linguistas modernos afirmam que deveria haver a inclusão de um terceiro termo: a “coisa significada”. O objeto de referência é excluído da consideração semiótica saussureana, pois considera que nada existe além do significado e do significante. O modelo triádico proposto por Pierce seria o mais eficaz na solução de problemas semióticos.

O signo linguístico possui duas características: a arbitrariedade e a linearidade. O caráter arbitrário do signo se refere ao fato de o significado não estar ligado por relação alguma a seu significante, isto é, a sequência de sons não possui relação com a ideia que lhe serve de significado. Para provar a arbitrariedade, Saussure fala sobre a existência de línguas distintas e até as diferenças correntes dentro de uma mesma língua e assegura que o significante pode variar de acordo com cada língua para designar um mesmo significado. Para não deixar dúvidas com relação a este primeiro princípio, o suíço esclarece o sentido do termo “arbitrário” que, segundo ele, “não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala [...]; queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, s/d, p. 83).

A arbitrariedade suscita, novamente, as discussões entre os filósofos gregos antigos, os quais se ocupavam em saber se a vinculação entre o significante e o significado seria natural, ou produto da convenção humana.

A linearidade aparece como segundo princípio do signo linguístico e corresponde ao fato de o significante, por ser de natureza auditiva, desenvolver-se no tempo, mais especificamente, em uma linha, por representar uma extensão e essa extensão ser comensurável numa só direção.

Embora seja uma livre escolha do significante em relação à ideia que representa, o mesmo não acontece no que diz respeito à comunidade linguística. A relação não é livre, o significante é imposto e essa imposição não consulta a massa social e o significante não pode ser substituído por outro.

A arbitrariedade pode sugerir a modificação da língua, mas, para que essa modificação ocorresse, as discussões teriam de se basear numa norma razoável, o que não existe no sistema arbitrário dos signos, pois não há uma razão que justifique a escolha de um significante para um determinado significado.

Outra razão que reforça essa imutabilidade, além da arbitrariedade, é a necessidade de uma multidão de signos para a constituição de uma língua, pois esta apresenta um número ilimitado de elementos, por tanto, inumeráveis signos linguísticos. A principal função do signo é ser portador de uma significação. As palavras, frases e textos são signos precisamente por essa razão.

A língua é a instituição que menos oferece oportunidades para mudanças, visto que, mesmo sendo utilizada por todas as pessoas o tempo todo, não lhe competem bruscas

mudanças. O fator tempo reforça essa impossibilidade por estorvar a liberdade de escolha devido à ligação com o passado.

Em contrapartida, o tempo pode alterar os signos linguísticos, o que torna a língua, além disso, mutável. A intenção de Saussure revela que, por estar a língua em poder de todos e em constante uso, ela pode sofrer alterações. Tais alterações levam a “*um deslocamento da relação entre o significado e o significante*” (SAUSSURE, s/d, p. 89). Aparece como uma consequência da arbitrariedade do signo.

Para Saussure, a língua se apresenta como um sistema estável de formas narrativas que a consciência individual já encontra pronta, ou seja, que o sistema linguístico está externo à consciência individual e independente desta. Vista dessa forma, a língua é tomada como um sistema de normas rígidas e imutáveis. No entanto, olhando a língua de um modo objetivo, notar-se-á que ela aparece como evolutiva e ininterrupta. De acordo com Bakhtin (1992), a melhor forma de se analisar a língua é através de uma análise diacrônica, o sistema sincrônico apenas informa os desvios produzidos num dado momento do tempo.

A imutabilidade, na verdade, existe para o indivíduo que faz uso da língua num dado momento. Examinando-se a língua ao longo do tempo, percebemos que ela está em constante evolução.

Com relação à normatividade da língua, Bakhtin (1992) assegura que o locutor faz uso da língua apenas para suas necessidades enunciativas, utiliza as formas normativas para um contexto concreto, visando unicamente a significação que estas formas darão ao contexto. As formas linguísticas só interessam enquanto signos forem sempre variáveis e flexíveis. O contexto também é levado em consideração no processo de decodificação, quando o receptor compreende a significação das formas linguísticas:

na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada têm a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular” (1992, p. 95).

A palavra possui uma carga ideológica e seu sentido é totalmente determinado pelo contexto. É esse sentido que percebemos (conteúdo) ou articulamos (expressão). A realização da palavra como um signo é determinada pelas relações sociais. A língua é, por sua vez, também ideológica e, portanto, inseparável de seu conteúdo ideológico. Mesmo na consciência, a ideologia não é descartada, qualquer sensação sentida é carregada de sentimentos coordenados pelo meio social. A verdadeira substância da língua, para o teórico, está na interação verbal que se realiza através da enunciação. A efetivação da língua, por sua

vez, em seu uso, está na forma de enunciados, sejam orais, escritos, concretos ou únicos. E cada esfera da utilização da língua elabora seus tipos estáveis de enunciados. São os denominados gêneros do discurso que possuem uma acentuada variedade que é refletida pela atividade humana, que é inesgotável e, à medida que essa esfera se desenvolve e se aprofunda, os gêneros discursivos também se ampliam.

Fazendo mais uma crítica a Saussure e a outros estudiosos da linguística geral, Bakhtin (1997), quando se refere ao estudo do processo de comunicação verbal, diz que tais estudiosos apenas trabalham com duas figuras: o locutor e o ouvinte. Este como uma figura passiva e aquele como uma figura ativa. Dessa forma, a real comunicação transforma-se em ficção científica. Na visão bakhtiniana, o ouvinte, ao receber e compreender a significação de um discurso, adota, ao mesmo tempo, uma atitude ativa responsiva com relação a esse discurso. Faz suas apreciações ou depreciações, discorda, concorda ou acrescenta. O teórico resume o que foi dito:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (...); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1997, p. 290)

O locutor, ao “emitir” um enunciado, espera uma compreensão ativa, uma resposta; espera que o outro concorde, faça uma objeção etc.

Hjelmslev, fundador de uma escola radical de linguística estruturalista, a Glossemática, foi o melhor intérprete de Saussure, viu no signo dois planos, que denominou de conteúdo (significado) e de expressão (significante). Tanto no conteúdo, como na expressão, Hjelmslev viu forma e substância: uma substância de conteúdo (que é sêmica) e uma substância de expressão (que é sonora, fônica); uma forma de conteúdo (que é semêmica) e uma forma de expressão (que é fonológica). O quadro a seguir realizado por Pais (*apud* BATISTA, 2001) permite uma melhor visualização:

Φ σ	Conteúdo	Substância semântica	Sentido	Significado
		Forma semântica		
	Expressão	Forma femêmica	Sentido	Significante
		Substância femêmica		

A forma de conteúdo engloba as relações entre as unidades sêmicas e refere-se à própria estruturação das ideias. Já a substância de conteúdo é o pensamento ainda não estruturado (amorfo). Os sons ou as letras ainda não sistematizadas na língua constituem a substância da expressão. Esses elementos são desprovidos de valor linguístico. No que tange à forma de expressão, esta abrange as relações estruturais entre os sons.

O teórico dinamarquês foi um dos primeiros linguistas a se apossar, verdadeiramente, da lógica matemática e da investigação científica como ferramentas para o desenvolvimento das concepções saussurianas sobre a língua, enquanto objeto da linguística, e desta como ciência da linguagem. Hjelmslev conserva do *CLG* duas reflexões. A primeira diz respeito à afirmação de que a língua é forma e não substância. A outra refere-se ao fato de que toda língua tem ao mesmo tempo expressão e conteúdo. Hjelmslev define o signo como “uma grandeza de duas faces, uma cabeça de Janus com perspectiva dos dois lados, com efeito nas duas direções: ‘para o exterior’, na direção da substância da expressão, ‘para o interior’, na direção da substância do conteúdo” (2003, p. 62).

Ainda usando as palavras do autor (2003, p. 49), “um signo funciona, designa, significa. Opondo-se a um não-signo, um signo é portador de uma significação”. A análise do signo se dá apenas no contexto. Isolados, os signos não possuem significação. A análise como sistema de signos deve sempre produzir novos signos e sempre estar se renovando.

Hjelmslev (2003) afirma que, mesmo apresentando um número ilimitado, os signos são formados por não-signos que são limitados e denominados figuras que podem sempre formar novos arranjos e construir um número ilimitado de signos. Dessa forma, tem-se a língua como sistema de figuras que podem formar signos. A diferença entre signo e figura é baseada no fato de que, no primeiro, qualquer diferença provocada no conteúdo acontecerá, na mesma proporção, na expressão e, na segunda, a diferença na expressão provoca diferentes substituições nas grandezas do conteúdo.

Um exame do texto deve levar a uma divisão da expressão e do conteúdo, uma vez que são fundamentais na estrutura da linguagem e formadores do signo. Essa análise consiste na divisão do texto em partes em menor número possível, facilitando a compreensão do mecanismo da língua, provando, assim, que o conteúdo e a expressão são grandezas iguais e, se separadas, devem ser definidas por oposição pela razão de integrarem uma mesma função.

Em cada fase das análises, é necessário que se organize um inventário exaustivo e mais simples possível, pois ao atingir a última fase se conhece as grandezas básicas do sistema. Mas, para isso, são necessários dois princípios: o da economia e o da redução. O

primeiro princípio consiste numa redução cujo resultado deve ser o mais simples possível. No segundo, deve ser feita repetição em cada operação do procedimento que leve ao esgotamento, obtendo registro de elemento em menor número possível.

As análises devem ser feitas, dividindo-se em grandezas. Por exemplo, textos são divididos em frases que são divididas em proposições que se dividem em palavras, podendo ocorrer da mesma forma em várias partes do texto. As palavras, por sua vez, segundo o dinamarquês, “não são os signos últimos, irredutíveis, da linguagem, tal como podia deixá-lo supor o imenso interesse que a linguística tradicional dedica à palavra” (HJELMSLEV, 2003, p. 49). Considera que as partes mais reduzidas da palavra são portadoras de significação, tais como os radicais e os sufixos. O mesmo não acontece com as sílabas e os fonemas, os quais não veiculam significação, apenas se mostram como partes da expressão do signo.

Quando considerados dois ou mais signos correlacionados, percebe-se uma analogia entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, a ausência de uma relação dessa não mostra a presença de dois signos diferentes, mas a presença de duas variantes de um mesmo signo.

A interdependência existente entre os dois planos foi definida por Hjelmslev como uma grandeza denominada de função semiótica. Ele faz uso do termo função devido à existência de uma relação em que os dois termos se articulam logicamente, opondo-se e, ao mesmo tempo, contraindo-se de forma recíproca. Nesse sentido, cada termo só se define em relação ao outro. E é esse vínculo mútuo entre a expressão e o conteúdo que caracteriza a função semiótica. O resultado dessa dependência é o signo, que concentra uma significação.

Cotejando os modelos hjelmsleviano e saussureano, conclui-se que Saussure postula a língua como um sistema de signos estável, enquanto a abordagem de Hjelmslev apóia-se na função semiótica, na qual as coerções discursivas são as responsáveis pelas mudanças operadas no sistema. A cada novo ato de comunicação, as grandezas sígnicas se atualizam, adquirindo distintos aspectos semânticos.

2. GREIMAS E A PROPOSTA DOS NÍVEIS DE ESTUDO DA SIGNIFICAÇÃO

A necessidade de tomar a linguagem como objeto de reflexão vem sendo reclamada pela Linguística ao longo do século XX. A Semiótica também se insere nessa reflexão e reivindica para si a delimitação de um objeto de estudo e de sua trajetória teórica. Essa reivindicação era importante também pelo fato de existir uma confusão entre a semiologia, tida como ocupante dos signos humanos, e a semiótica que seria a ciência geral dos signos. Ambos os termos chegaram até a ser usados para designar a mesma ciência. Foi através das contribuições de Saussure e de Hjelmslev que os limites da Semiótica foram demarcados. Hjelmslev define, então, a Semiologia como a ciência dos signos e a Semiótica estudaria a significação, representando, assim, o objeto de estudo semiótico.

Greimas não concorda com o conceito de Semiótica como uma teoria dos signos, tal como era determinada. Para ele, “o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa” (1973, p. 11). Fundamenta-se, então, nas contribuições de Hjelmslev e define a Semiótica como uma ciência da significação, pois apenas se torna operacional quando a análise se encontra, tanto nos níveis frásticos como nos transfrásticos, frasais e não frasais. No nível inferior, encontram-se os semas. No nível superior, unidades textuais que são mais que signos. Para ele, o sentido corresponde ao que é interior à produção semiótica. A significação é o sentido articulado. Greimas dá prioridade às relações em vez de aos elementos, uma vez que somente as diferenças entre elementos constituem uma estrutura. As relações elementares consistem em oposição. Como a significação não se revela de forma homogênea, mas como resultado de articulações do sentido, recuperar os sentidos que se limitam no discurso é o intento da semiótica. De acordo com Cortina e Marchezan (2009, p. 394):

É essa constituição do sentido que a semiótica busca expressar, opondo-se, portanto, ao posicionamento de que sobre o sentido nada se pode ou se deve dizer, por ser evidente ou intraduzível, recusando também a paráfrase, pessoal, impressionista, a interpretação intuitiva.

A preocupação com o sentido foi introduzida no meio linguístico pela Semântica estrutural, no entanto, a análise do sentido não conseguiu ir além dos limites da frase. A partir disso, diversas teorias definiram o texto como unidade de sentido, não mais a frase. A Semiótica se inclui no âmbito dessas teorias que se ocupavam com a análise do sentido

através do texto, assim, este aparece como um instrumento de trabalho para os semioticistas e não como o seu objeto. Destarte, o cuidado da Semiótica consiste em explicitar a maneira como os sentidos se manifestam no discurso. Na definição de Barros (1999), a análise semiótica baseia-se em extrair “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.” (p. 7). Vale destacar que o sentido a que se pretende chegar não se alude ao sentido verdadeiro, mas, antes, aos sentidos que aparecem como simulacros da realidade.

Ao definir o sentido como seu objeto de pesquisa, a Semiótica engloba qualquer tipo de manifestação da linguagem, seja verbal, não-verbal ou sincrética, o que foi, de certa forma, avaliado por Saussure, quando afirma que

a matéria da Lingüística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão. (s/d, p. 13)

O sentido é expresso por meio de um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Esse percurso, levando em consideração a organização do discurso, constrói um modelo que pode ser realizado em qualquer unidade textual, ou seja, em textos de natureza diversa: verbais, não-verbais ou sincréticos. Essa previsibilidade é percebida através da descrição da significação em etapas.

Esse percurso gerador da significação passa por três níveis ou etapas de organização, cuja terminologia foi inspirada por Chomsky. São eles: o nível fundamental, primeiro do percurso gerativo da enunciação e compreende as oposições semânticas básicas que servem de fundamento para a construção do discurso; o nível narrativo que abarca o fazer de um Sujeito em busca de seu Objeto de Valor, sendo induzido por um Destinador, auxiliado por um Adjuvante ou prejudicado por um Oponente; e o nível discursivo, onde ocorre a conversão da narrativa em discurso, através das escolhas dos sujeitos discursivos. Em todos os três níveis aparecem um componente sintático e outro semântico. De acordo com os estudos mencionados, elaboramos o quadro seguinte que resume o percurso gerativo da significação – estruturas e composição:

Percurso de sentido		Componente Sintático	Componente Semântico
Estruturas fundamentais	Nível profundo	Sintaxe: estrutura elementar da significação	Semântica: categorias tímicas de euforia e disforia
Estruturas narrativas	Nível intermediário	Sintaxe: actância (sujeito semiótico, objeto, adjuvante, oponente)	Semântica: modalização (querer-ser-poder-fazer-dever)
Estruturas discursivas	Nível de superfície	Sintaxe: relações intersubjetivas e com o espaço, o tempo e os atores)	Semântica: tematização e figurativização

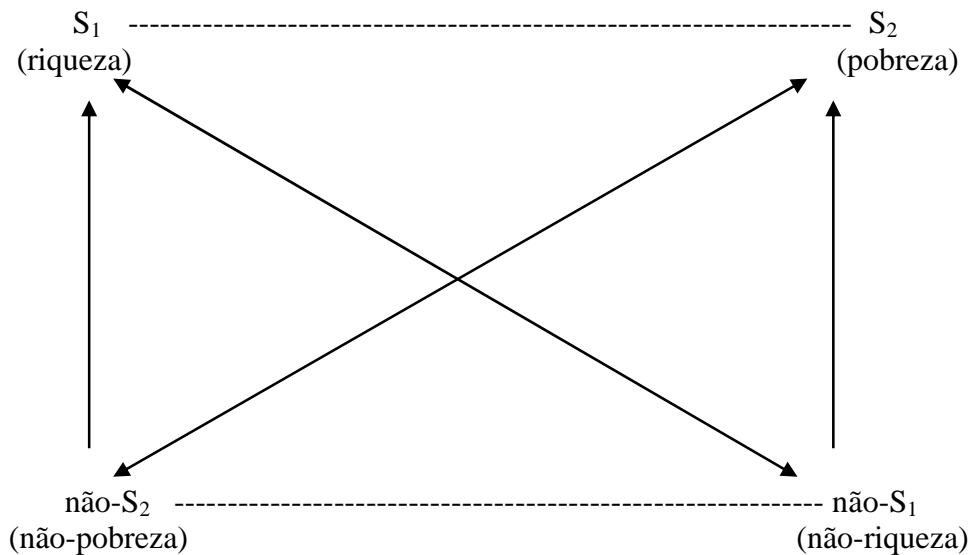
2.1 Nível Fundamental

O nível fundamental, também denominado de estrutura profunda, constitui o ponto de partida na formação do discurso. Responde pelo “sentido mínimo a partir do qual o discurso se constrói” (BARROS, 1999, p. 77). É definido como lógico-conceitual e se organiza através de uma sintaxe e uma semântica fundamental. “A semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso” (FIORIN, 2005, p. 24).

A sintaxe fundamental comporta duas operações: a de afirmação e a de negação dos termos em oposição, que estão dispostos no mesmo eixo semântico. Envolve o modo de existência e de funcionamento da significação. Para se tornar operante, a sintaxe fundamental se revela na forma de um quadrado semiótico. Dessa forma, a significação manifesta-se de modo virtual.

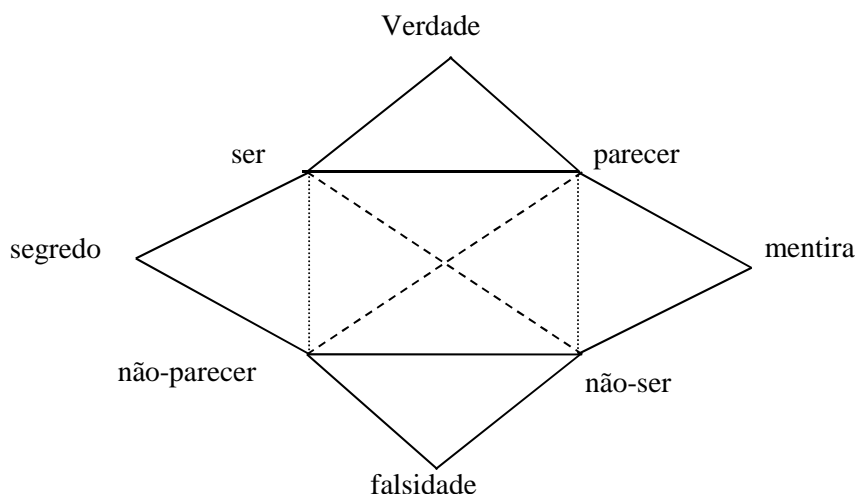
A organização dos termos do quadrado acontece em duas dêixis: uma superior, a negativa e outra inferior, a positiva. Três tipos de relação são estabelecidas na sintaxe fundamental: uma de contrariedade que se estabelece no eixo dos contrários, na linha

horizontal, uma de implicação, ocorrida no eixo vertical e outra de contraditoriedade, estabelecida na posição diagonal, conforme se vê no exemplo abaixo:



No eixo horizontal, a linha reta que aparece indica a posição dos contrários. Significa dizer que riqueza é contrário de pobreza e vice-versa. O eixo diagonal denuncia a posição dos contraditórios, significando que não-riqueza é o contraditório de riqueza e não-pobreza é o de pobreza. Na verticalidade, aparece a relação de implicação: riqueza implica em não-pobreza e pobreza implica em não-riqueza.

As relações assentadas pelos quatro termos do quadrado semiótico fazem surgir, na verdade, mais quatro, designados de metatermos, porquanto representam a união de dois termos. O quadrado semiótico passa a ser, então, um octógono. Octógono Semiótico foi a terminologia escolhida e utilizada, sobretudo, a partir dos trabalhos de Pais e encontrado, também, nos estudos de Greimas, Courtès e outros. Observe-se o octógono elaborado por Barros (1999):



A tensão dialética acontece entre *ser* e *parecer*, que são os termos contrários e o ponto de partida na geração do discurso no universo semiótico dado. O contraditório de *ser* é *não-ser* e de *parecer* é *não-parecer*. *Ser* implica em *não-parecer* e *parecer* implica em *não-ser*. Desses termos, resultam quatro metatermos: *segredo* (que reúne o *ser* e o *não-parecer*), *mentira* (que se fundamenta no *parecer* e no *não-ser*); *verdade* (que se define pela combinação do *ser* e do *parecer*) e *falsidade* (que constitui a tensão dialética entre o *não-parecer* e o *não-ser*).

O *quadrado semiótico* e o *octógono semiótico* são representações sintáticas da estrutura elementar da significação. Através deles, observam-se as relações que sustentam qualquer oposição lógicoconceitual capaz de produzir *sentido*.

Concernente à Semântica fundamental, pode-se dizer que constitui a base na formação de um texto. Ela pode ser considerada como “*um inventário de categorias sêmicas, suscetíveis de serem exploradas pelo sujeito da enunciação*” (Greimas; Courtés, 1979, p.399). É alicerçada numa oposição. Vale destacar, contudo, para que essa oposição aconteça é necessário que os dois termos sejam participantes da mesma esfera semântica. Fiorin dá a seguinte definição:

Uma categoria semântica fundamental fundamenta-se numa diferença, numa oposição. No entanto, para que dois termos possam ser apreendidos conjuntamente, é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença (2005, p. 21).

Na oposição *feio x bonito*, por exemplo, ambos se inserem no domínio da /estética/. *Euforia x disforia* são qualificações semânticas dadas aos elementos participantes da categoria semântica de base de um texto. A euforia estabelece uma relação positiva, já a disforia é tida como uma relação de valor negativo.

2.2 Nível Narrativo

O nível narrativo corresponde ao intermediário do percurso que gera a significação. Nele os elementos que formam a oposição semântica do nível fundamental são assumidos e transformados em valores pelos Sujeitos, que passam a realizar transformações no enunciado. Possui uma sintaxe e uma semântica.

A sintaxe narrativa contém em si o desempenho realizado por um Sujeito (S) em busca de um Objeto de Valor (OV), que é incitado por um Destinador (Dor), podendo ser assistido por um Adjuvante ou prejudicado por um Oponente. A relação entre o sujeito com o objeto faz emergir dois tipos de enunciado: de estado e de fazer. Consoante Batista (2001, p. 151),

a relação Sujeito/Objeto define o enunciado de estado, sendo chamada relação *juntiva* (ou *junção*) que apresenta dois momentos contraditórios: a *conjunção* (ter ou conservar o Objeto) e a *disjunção* (não ter alcançado ou conservado o Objeto).

A *conjunção* e a *disjunção* podem ser assim representadas:

$S \cap O$ (sujeito em *conjunção* com o objeto de valor)

$S \cup O$ (sujeito em *disjunção* com o objeto de valor)

Os enunciados de fazer mostram as transformações que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro.

Por ser o texto uma narrativa complexa, estrutura-se numa sequência compreendida por quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção.

A fase da manipulação é caracterizada pela ação que o Sujeito faz sobre o outro para induzi-lo a querer ou fazer algo, podendo usar de várias maneiras para concretizar essa intenção; por meio de recompensas ou intimidações – manipulação através de ameaças - ou, ainda, por sedução ou provocação.

Na competência, o Sujeito que realiza a transformação central da narrativa é dotado de um poder e/ou saber-fazer. É na performance que acontece a transformação central da narrativa; o estado em que o Sujeito passa do início ao final da narrativa, seja um estado de *conjunção* ou *disjunção* com o Objeto de Valor. É na última fase, a sanção, em que se testifica a realização da performance, ocorrendo, no final das narrativas, as premiações ou punições dos Sujeitos, descobertas e revelações.

Essas quatro fases não aparecem ligadas sucessivamente, elas são apreendidas por pressuposição, pois existem fases, em determinados textos, que ficam ocultas, sendo apenas deduzidas pelo subentendimento. Em outros casos, a narrativa não se realiza completamente ou se detém em uma das fases. Barros é dessa opinião quando afirma:

O estudo da narrativa deixou de restringir-se ao exame da ação, para ocupar-se também da manipulação, da sanção e da determinação da competência do sujeito e de sua existência passional. (1999, p. 38)

A organização narrativa de um texto opera-se através do programa narrativo (PN), que se define “como um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado” (BARROS, 1999, p. 20). O programa narrativo é representado logicamente:

$$\text{PN} = \text{F} [\text{S}_1 \rightarrow (\text{S}_2 \cap \text{O}_V)]^1$$

Os programas narrativos se organizam em percursos narrativos que, por sua vez, representam uma sequência de programas narrativos relacionados por pressuposição. Os papéis actanciais não são fixos, podendo variar de acordo com cada percurso narrativo. Quando um sujeito, por exemplo, entra em conjunção com seu objeto de valor, implica em outro programa narrativo, o de disjunção para outro sujeito. O que revela uma circulação de objetos entre sujeitos que estabelecem uma ligação participativa e hierárquica na qual se sobressaem dois tipos de relações: as polêmicas, construídas no embate entre dois sujeitos pela obtenção do mesmo valor e as contratuais, que concernem à troca de objetos entre sujeitos.

A fórmula horizontal leva em consideração apenas o percurso de um actante, não ponderando o desempenho dos demais actantes que também aparecem na narrativa. Sendo assim, os estudiosos elegeram um modelo em forma retangular onde são distribuídos os actantes da forma seguinte: na margem superior direita, direcionando o percurso, situa-se o

¹ F = função

→ = transformação

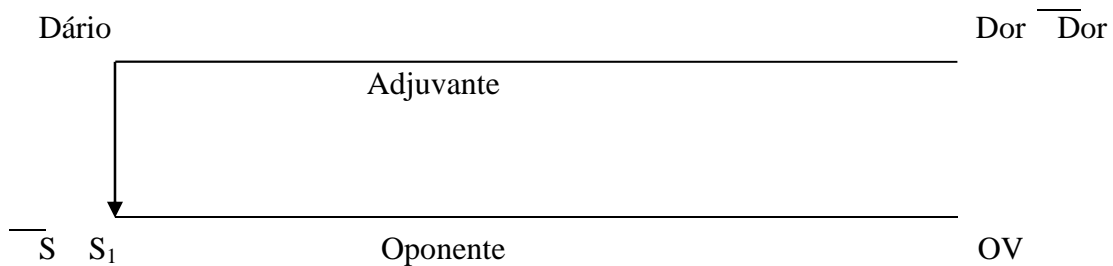
S₁ = sujeito do fazer

S₂ = sujeito do estado

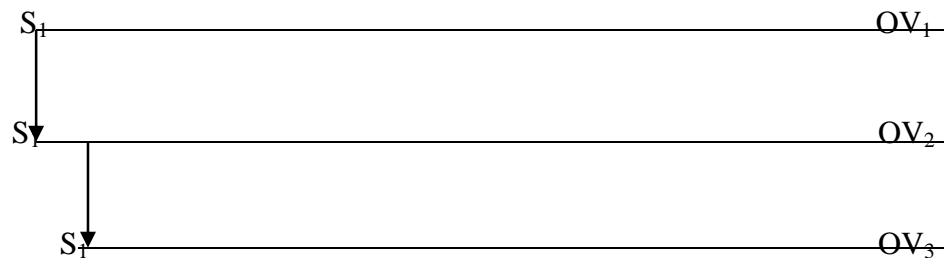
∩ = conjunção

O_V = objeto de valor

Destinador (Dor), na posição paralela aparece o Anti-Destinador ($\overline{\text{Dor}}$); na extremidade esquerda, assenta-se o Destinatário (Dário), do qual parte uma seta, de sentido vertical, em cujo extremo se posiciona o Sujeito (S). Ao seu lado, instaura-se o Anti-sujeito ($\overline{\text{S}}$). Uma reta, partindo do sujeito, é traçada para representar o seu percurso em direção ao seu Objeto de Valor (OV), que ocupa a posição final dessa linha. O Adjuvante (Adj) e o Oponente (Op) devem estar situados na parte inferior do retângulo da seguinte forma:



O sujeito semiótico realiza um percurso dentro da narrativa, tornando-a, então, constituída por vários programas narrativos. O esquema a seguir representa esse percurso.



Na semântica do nível narrativo, aparecem os objetos modais, necessários para a obtenção de outros objetos. Representam os elementos necessários para a realização da performance principal (querer, dever, saber e poder fazer). São os valores modais que podem alterar o fazer ou o ser do sujeito. A obtenção desses valores é a primeira fase do percurso narrativo que vai permitir o agir do sujeito, pois, para realizar algo, ele precisa querer (ou dever) poder e saber fazer (Batista, 2001).

É no enunciado modalizado que se distinguem dois predicados modais: do ser (querer, dever, poder e saber) e do fazer (querer-se, querer-fazer etc.).

As modalidades atingem os actantes de forma positiva ou negativa (poder e não-poder; querer e não-querer; saber e não-saber). A segunda impede o sujeito (herói) de passar ao ato, sendo necessário obter a modalidade positiva para sua execução.

O querer e o dever instauram o sujeito como tal, enquanto que o saber e o poder estão diretamente ligados ao fazer. A modalidade do querer, por caracterizar o eixo sujeito/objeto, recai sobre a relação de estado juntivo (conjunção e disjunção) enquanto que saber e o poder estão no nível do fazer transformador.

2.3 Nível discursivo

O nível discursivo é o mais superficial do percurso gerativo do sentido, é o mais próximo da manifestação textual. Os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito e convertidos em discurso através das escolhas que este faz de pessoa, tempo, espaço e figuras. As estruturas discursivas se ocupam com os aspectos que foram olvidados pelo nível narrativo. Tais aspectos são representados pelas projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão usados pelo enunciador para manipular o enunciatário, além da presença de um percurso figurativo. Em suma, “os estudos relativos ao nível discursivo incorporam o componente sócio-histórico do qual a semiótica havia sido acusada de se distanciar.” (CORTINA; MARCHEZAN, 2009, p. 422).

Segundo Bakhtin (1992), a enunciação nada mais é do que a realização da interação verbal, que aparece como a verdadeira substância da língua. Para ele, o sentido da enunciação recebe o nome de tema, que está ligado a uma situação histórica concreta. É formado pelas formas linguísticas e também pelos elementos não-verbais. A enunciação possui, além do tema, uma significação, que é formada por elementos reiteráveis e idênticos a cada repetição. O tema procura adaptar-se às condições de um determinado momento na evolução e denota-se de maneira determinada. Já a significação serve como um aparato técnico para a realização do tema e está ligada à situação concreta de realização, ficando, assim, diferente a cada efetivação, o que a torna variável. A significação não pertence a uma palavra isolada e, sim, numa palavra em que exista um diálogo entre locutor e interlocutor e dessa união exista uma compreensão. O autor elucida quando diz:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro (BAKHTIN, 1992, p. 132).

A enunciação concretiza a língua, que não pode ser apreendida apenas pela forma linguística, mas também pelo contexto social em que se manifesta.

Greimas e Courtés (2008) consideram a definição da enunciação de duas maneiras. A primeira delas, como uma composição não-linguística e a segunda como uma instância linguística. A não-linguística corresponde à situação de comunicação, aproximando-se do ato da linguagem. A linguística é tida como a instância da mediação, ou seja, como a instância que permite a passagem entre a competência e a performance.

Os autores, ao levar em consideração as diferentes instâncias que constituem o percurso gerativo, por se ordenarem em camadas de profundidade, escolheram a enunciação linguística que, segundo eles, gera o discurso.

É objetivo da sintaxe discursiva estabelecer as relações do sujeito da enunciação com seu discurso, como o seu enunciatário.

A sintaxe do discurso estuda as marcas da enunciação no enunciado, através da análise de três procedimentos: actorialização, espacialização e temporalização. O primeiro deles, a actorialização, tem a função de orientar os atores do discurso a reunir os diferentes elementos dos componentes semânticos e sintáticos, que desenvolvem seus percursos actanciais e temáticos de forma independente. Havendo, então, a junção de no mínimo um papel actancial com um papel temático define-se o ator, que passa a agir e a ser. A espacialização admite os procedimentos de localização espacial, que são interpretados como operações de debreagem e de embreagem que o enunciador executa para projetar fora de si e aplicar no discurso enunciado uma organização espacial quase autônoma. Esta serve de quadro para a inscrição dos programas narrativos e de seus encadeamentos. O último dos procedimentos é a temporalização, que produz o efeito de sentido de temporalidade e consiste, ainda, em transformar uma organização narrativa em história.

De acordo com Fiorin (2002), a enunciação é o lugar de instauração do sujeito. Permite que todo ser se torne enunciador num processo de personificação e que instaure um enunciatário, quer este seja concreto ou abstrato, basta apenas que o enunciador se dirija a ele. As fábulas são bons exemplos dessa personificação, pois o discurso entre animais que falam, que se tornam sujeitos, é característico de sua estrutura:

O calor era insuportável e o cachorro, que passava mal, disse ao galo:
- Galo, acho melhor tu parares de ciscar e cantar, pois estou com muito calor e esse teu modo está me irritando, mais do que já estou irritado.
-Ora, cachorro – disse o galo –, só sei ciscar e cantar, com calor ou com frio! Deixa tu de irritar-me e de contornares o próprio rabo!(ANDRADE, 2005, p.74)

Em Machado de Assis percebemos uma habitual personificação de enunciador e enunciatário abstratos, quando, em *Dom Casmurro*, por exemplo, o escritor irrompe-se dentro da narrativa e mantém um diálogo com sua leitora, que se torna o seu enunciatário. Eis o fragmento que melhor representa:

A leitora, que é minha amiga e abriu este livro com o fim de descansar da cavatina de ontem para a valsa de hoje, quer fechá-lo às pressas, ao ver que beiramos um abismo. Não faça isso, querida; eu mudo de rumo. (ASSIS, 2005, p. 159)

A sintaxe discursiva oferece os procedimentos para a construção do discurso e, por conseguinte, os efeitos de sentido edificados pelos mecanismos escolhidos. É característico do discurso a persuasão, ou seja, o enunciador pretende convencer seu enunciatário sobre a veracidade do que enuncia e, para isso, recebe o auxílio da proximidade (embreagem) ou do distanciamento (debreagem). Ambos representam mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado.

A debreagem consiste, num primeiro momento, em desprender do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar no enunciado um *não-eu*, um *não-aqui* e *não-agora*. Há, pois, dois tipos bem distintos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. A primeira é aquela em que se instauram, no enunciado, os actantes da enunciação (eu/tu), o espaço da enunciação (aqui) e o tempo da enunciação (agora). A segunda é a aquela em que se instauram, no enunciado, os actantes do enunciado (ele), o espaço do enunciado (algures) e o tempo do enunciado (então). Segundo Benveniste (1976, p. 284), a terceira pessoa não se refere a nenhuma em particular, porquanto pode representar qualquer sujeito ou até mesmo nenhum, jamais é instaurado como actante da enunciação, possui existência apenas quando mencionada pelo *eu*, o que o torna pertencente ao enunciado. A debreagem enunciativa e a enunciva criam os feitos de subjetividade e objetividade.

A eliminação das marcas da enunciação do texto produz efeitos de objetividade. O discurso científico, por exemplo, suprime as marcas enunciativas e constrói um discurso só com enunciados.

A embreagem, ao contrário da debreagem, é o efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa, de tempo e de espaço, assim como pela denegação da instância do enunciado. É através da embreagem que se obtém um efeito de identificação entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, tempo do enunciado e tempo da enunciação, espaço do enunciado e espaço da enunciação.

A semântica discursiva concretiza as mudanças de estado do nível narrativo através dos investimentos de tematização e figurativização no discurso, criando efeitos de sentido,

sobretudo de realidade. A tematização e a figurativização são realizações do sujeito da enunciação que as utiliza como elementos mantenedores da coerência discursiva.

Os temas são investimentos semânticos de natureza conceptual, procuram explicar a realidade e aparecem organizados em percurso. Para recobrir os temas, o sujeito da enunciação aproveita-se das figuras, termo que representa algo existente no mundo natural, dando o efeito de realidade ao texto. Todo texto do nível narrativo é tematizado, podendo ser ou não figurativizado. Além disso, as figuras podem aparecer espalhadas ao longo do discurso, dispostas em isotopias figurativas.

Para se obter o tema, não é suficiente encontrar apenas uma figura no texto, pois ela não aparece isolada, mas também encadeada com outras figuras formando uma rede denominada percurso figurativo. Percurso temático é representado pelo encadeamento de temas que mantêm entre si uma coerência dentro do texto.

Responsáveis, portanto, por criar na linguagem o efeito de referência ao mundo, a figurativização e a tematização alicerçam-se no contrato de veridicção estabelecido culturalmente entre sujeitos, nas suas crenças compartilhadas.

3 FOLHETO DE CORDEL: MANIFESTAÇÃO ESCRITA DA LITERATURA POPULAR

3.1 Conceito, classificação temática e função social

O folheto de cordel é a representação impressa da poesia popular. Ganhou este nome devido ao modo como os folhetos eram expostos à população em Portugal, amarrados em cordas finas, que lá recebiam o nome de cordel. Eram estendidos em pequenas lojas de mercados populares, nas ruas ou até mesmo em frente das casas dos próprios autores, tornando-se, assim, uma literatura de fácil acesso pelas camadas populares. Quanto à aparência física, o tradicional folheto de cordel é feito em papel jornal com o tamanho de um livro de bolso. A capa é ilustrada por xilogravuras, ou seja, gravuras esculpidas em madeira. Apresentam textos curtos, em verso, de natureza marcadamente popular, que retratam a memória de um povo. Os temas tratados em versos podem ser classificados em quatro tipos: pelejas, noticiosos, ABC's e romances. As pelejas consistem em desafios entre poetas que tentam provar que são melhores do que o outro na arte do verso. Os denominados cordéis noticiosos ou de acontecimento transmitem uma informação política, social ou econômica noticiada nos jornais. Os folhetos que contêm uma letra do alfabeto correspondendo a uma estrofe são chamados de ABC's. Por último, os romances são narrativas de aventura e amor, inspiradas em histórias da Idade Média européia e até em romances modernos, como a *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães.

A Literatura de cordel, em seu início, estava ligada à divulgação de histórias tradicionais e de épocas antigas, denominadas romances ou novelas, todas transmitidas e conservadas pela memória popular. Concomitante com essa forma poética, os fatos recentes que aconteciam na sociedade, tais como assassinatos, sequestros de mocinhas, saques a cidades por cangaceiros, tornaram-se de interesse da população e o cordel passou a ter, também, a função de informar o leitor sobre esses acontecimentos na forma escrita.

Sua história tem origem na Idade Média na Europa, mais notadamente em Portugal e na Espanha, onde existia o mesmo tipo de literatura popular (os *pliegos sueltos*, divulgados pelos “corridos”) com narrativas tradicionais e fatos circunstanciais. Expressões dessa literatura também existiam em outros países europeus, tais como Alemanha, França e Holanda.

A forma escrita da literatura popular teve grande contribuição da Igreja, que fazia a divulgação dessa literatura em verso e prosa. Dessa maneira, a poesia popular escrita, antes

restringida aos eruditos, passa a alcançar a população leiga. Como era significativo o índice de analfabetismo, os letrados formavam círculos para leitura das histórias, o que desencadeou numa importante função social desempenhada pelos folhetos de cordel: auxiliar na alfabetização, pois se sabe que a população carente de alfabetização aprendeu a ler através dos folhetos.

O cordel foi trazido pelos portugueses para o Brasil no século XVI ou século XVII e teve maior fixação no Nordeste. Essa região mostrou-se propícia para a expansão da literatura de cordel devido a diversos fatores, dentre eles a formação social, baseada no patriarcalismo, as secas e o surgimento dos cangaceiros. As histórias antigas da tradição ibérica tiveram grande aceitação nessa região, apesar de tratarem de uma realidade tão desconhecida do povo sertanejo, mas a coragem e o heroísmo contidos nessas histórias encantaram e conquistaram a população interiorana. As obras impressas lidas ao redor do candeeiro após o jantar, com a participação de toda a família, eram provenientes de Portugal ou mesmo do próprio Brasil e contavam velhas histórias populares ou histórias de santo.

Dessa forma, em estudo realizado por Carvalho e Batista (2006), a literatura popular no Brasil, por ter acolhido elementos de outras etnias que nos formaram, foi considerada pelos estudiosos mais antigos como portuguesa, assim como a língua. Sobre esse assunto, eis o que afirma Romero (*apud* Batista, 2006):

A literatura ambulante e de cordel no Brasil é a mesma de Portugal. Os folhetos mais vulgares nos cordéis de nossos livreiros de rua são. A História da Donzela Teodora, a Imperatriz Porcina, A formosa Magalona, O Naufrágio de João Calais [...]

O autor, falecido em 1914 e sem a tecnologia de que se dispõe hoje, certamente não conhecia toda a complexidade da nossa poesia popular tal como hoje a conhecemos. Levantamentos posteriores vêm mostrando uma variedade estonteante de títulos e formas. Só na literatura de cordel, a Comissão Nacional de Folclore estima que já foram produzidos no Brasil vinte e dois mil folhetos². Na universidade de Poitiers, na França, no Fonds Raymond Cantel, foram armazenados mais de dez mil folhetos adquiridos no Nordeste brasileiro.

No entanto, podemos dizer que esses temas sofreram influência nordestina, pois, mesmo com relação aos textos tradicionais, existem variações significativas entre as versões brasileiras e as portuguesas, o que afeta a ideologia.

² A afirmação foi feita pelo vice-presidente (José Fernandes) durante sua exposição no Simpósio Nacional de Literatura Popular. UFPB, 2004.

A aceitação dessa forma literária era tão intensa que, na inexistência de jornais e do rádio, o cordel passou a ter a função de informar seus leitores sobre os fatos atuais que ocorriam em todo o país, seja de forma divertida ou apenas para comunicar os acontecimentos. Esses cordéis foram chamados de noticiosos. O cordel foi e continua sendo uma das formas de comunicação mais autênticas de pequenas regiões do Nordeste. Assim que um fato importante acontece, seja referente ao esporte, a celebridades ou a enchentes que inundaram cidades, por exemplo, os cordelistas, sem demora, produzem uma descrição extraoficial dos fatos, sem esquecer-se da forma poética e popular característico dos folhetos.

Assim, a diversidade temática dos folhetos tornou-se notável, pois os textos eram relacionados com a realidade popular transformada em literatura pelos autores.

Hoje, na Literatura de Cordel e no romanceiro, apresentam-se dois tipos fundamentais de temática: temas tradicionais, provenientes do romanceiro que são conservados na memória e transmitidos pelos próprios folhetos; temas circunstanciais que abrangem os acontecimentos contemporâneos de grande importância para a população. Muitos estudiosos tentam definir qual a real temática de literatura de cordel. Podemos assegurar que é uma tarefa difícil, contudo, o que determina a temática são as manifestações que o poeta popular sente, observa e registra em sua cultura.

3.2 Amostragem utilizada como *corpus*

A característica informativa dos folhetos de cordel surgiu nos tempos passados, quando a população interiorana não tinha acesso ao jornal. Vale destacar, no entanto, que mesmo com essa séria função, o cordel manteve seus aspectos, não abandonou sua estrutura e nem sua apresentação em forma de livrinho. Nos dias atuais, a função de informar ainda é muito latente nos folhetos, mesmo com a velocidade com que as informações chegam até a população, seja através da *internet*, dos jornais televisionados ou impressos, a peculiaridade com que os fatos são tratados nos cordéis fazem com que essa forma literária se mantenha viva no gosto popular. Os cordelistas procuram trabalhar os acontecimentos de grande repercussão na mídia. Contudo, essas ocorrências não são transmitidas gratuitamente, existe uma ideologia que está na subjacência do texto, pois, ao expor um fato, o autor faz suas críticas ou elogios, posiciona-se contra ou a favor, sempre expressa seu ponto de vista.

Buscando desvendar essa ideologia presente nos cordéis de acontecimento, foi selecionado um *corpus* com cordéis que contemplam fatos que marcaram o cotidiano da população, revelando os valores e as crenças do povo nordestino. Ao denunciar os fatos ocorridos, o autor inclui no texto também seus valores que, na verdade, podem ser os valores dos povos que compõem a sociedade que entram em contato com esse tipo de literatura. Sendo assim, conseguimos perceber, com maior acuidade e sensibilidade, os dados identitários que aparecem substancialmente no discurso etnoliterário, sobretudo na literatura de cordel visto que, por ser de modalidade escrita, as marcas socioculturais próprias de uma época não se apagam com a tradicionalidade.

A multiplicidade temática dos folhetos ditos noticiosos é intensa, contudo, percebemos que determinados temas são mais abordados do que outros, como é o caso, por exemplo, do esporte, considerado uma verdadeira paixão nacional; da religiosidade católica, tradição trazida pelos colonizadores portugueses e que permeia até hoje os lares brasileiros; da política, assunto polêmico, que ganha destaque pelos escândalos envolvendo principalmente a corrupção; de Lampião, um nordestino que ganhou espaço nas páginas da história do país pela sua valente atuação no Cangaço, um movimento ocorrido no Nordeste. Tais assuntos ganham destaque entre os cordelistas por caracterizarem bem o povo brasileiro, em especial, o povo nordestino. Dessa forma, para melhor atingir os propósitos da pesquisa, escolhemos um *corpus* constituído por quatro (04) folhetos de cordel que tratam de acontecimentos envolvendo tais temas.

O folheto *Ronaldinho, o fenômeno jogando errado*, apresenta-nos uma forte crítica aos jogadores do futebol, especialmente Ronaldo Nazário, que é usado como exemplo de que os ídolos esportivos, adorados pelos torcedores, que se emocionam com suas belas jogadas e títulos conquistados, não são merecedores de tal adoração, uma vez que não possuem uma conduta digna, pelo contrário, muitos deles são noticiados negativamente, envolvidos em escândalos, como foi o caso de Ronaldo e os travestis, episódio de grande repercussão em todo o mundo.

O folheto *Vão matar o Velho Chico para regar o sertão!*, como o próprio título denuncia, trata da projeto do governo federal que consiste na transposição das águas do rio São Francisco para áreas muito castigadas pela seca. Tal projeto causou e ainda causa várias divergências: de um lado está o governo federal, que lançou o intento, juntamente com os povos que serão beneficiados com a transposição. Do outro, estão os moradores das margens do rio, que têm nele sua subsistência, opondo-se radicalmente ao projeto, esses moradores possuem como aliados os ecologistas, biólogos, em suma, os defensores da natureza, que

concordam numa revitalização do Velho Chico, que já sofre com a poluição de suas águas, com a transposição que, segundo eles, destruirá ainda mais o rio.

O atentado do Papa abalou o mundo inteiro relembra um dos acontecimentos que mais chocaram o mundo nos anos oitenta: o atentado sofrido pelo então papa João Paulo II, chefe supremo da Igreja Católica, detentor de muito prestígio entre os fiéis. A repercussão do crime foi tão intensa que houve correntes de oração pela vida do eclesiástico ao redor de todo o mundo. Felizmente, o Papa salvou-se do atentado funesto, no entanto, sua saúde, desde então, ficou fragilizada.

Por fim, *O último dia de Lampião* traz a saga do nordestino mais famoso e lendário do Brasil, Lampião. O texto apresenta um panorama da vida do rei do cangaço, que inclui o seu ingresso na criminalidade, a perda da visão, terminando com o último dia de sua vida, que foi tirada por “soldados justiceiros”.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*

A literatura de cordel possui uma forte característica: é atemporal, mesmo ligada ao passado e às tradições, renova-se constantemente, numa incansável busca pelo presente e essa busca se dá especialmente por fatos políticos e sociais. Diante disso, as análises foram organizadas, inicialmente, em torno das marcas ideológicas dos sujeitos envolvidos na narrativa do folheto de cordel.

Outra problemática discutida foi se existiria, no texto popular, uma crítica social com relação ao posicionamento das celebridades esportivas, autoridades governamentais, representantes religiosos e criminosos nordestinos. As análises esclarecem essa dúvida, pois a postura do poeta povo revela posicionamentos que dignificam uma sociedade íntegra, não conivente com atos que contradigam a boa postura social. Dessa forma, a visão do enunciador é uma reconstrução da história oficial que reflete a visão de mundo de uma sociedade que não está alheia às questões sociais.

Nas análises que fizemos, a discussão permitiu decifrar as tramas discursivas, fazendo emergir os sentidos que se instauram nas subjacências dos textos. A narrativização descreveu os percursos realizados por cada sujeito semiótico e a constatação das modalidades que semanticamente os instauram.

Na análise discursiva, as relações entre enunciador e enunciatário foram vislumbradas a partir das projeções actanciais, temporais e espaciais. Coube à tematização e figurativização assumirem a correlação entre as leituras intra e extradiscursivas. A axiologia sustentada pelos discursos foi aprofundada e operacionalizada no fundamental através dos octógonos semióticos.

Passemos, então, à apresentação detalhada da análise semiótica realizada em cada estrutura nos folhetos que compõem o *corpus*.

4.1 Ronaldinho, o fenômeno jogando errado

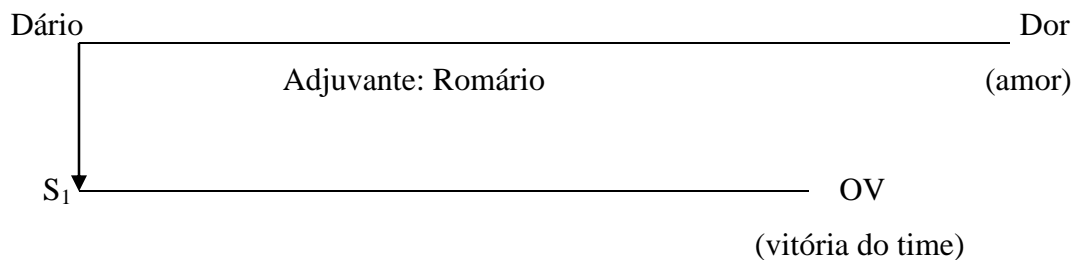
O folheto traz um dos maiores escândalos envolvendo um jogador de futebol, que consiste no envolvimento do “fenômeno” Ronaldo com três travestis. A trajetória do jogador se iniciou após uma discussão que travou com a namorada e, para aliviar a tensão da desavença, procurou ter uma noite de diversão regada à bebida, a mulheres e a sexo. O entretenimento seria conquistado pelo rapaz se ele tivesse contratado “reais” garotas de

programa para diverti-lo num motel, como era de seu intento, e não travestis, como, de fato, fez. A consequência da sua falha escolha resultou numa confusão de repercussão nacional e o jogador, tão admirado pela população, teve que enfrentar muitas críticas pela sua má conduta, além do desprestígio de sua figura.

4.1.1 Estruturas Narrativas

4.1.1.1 A propósito do Sujeito Semiótico 1:

Na história analisada, o S_1 aparece figurativizado por um *homem* que não consegue controlar sua emoção e chora ao ver seu time fazer um gol. Impulsionado pelo amor que nutre pelo clube, o sujeito almeja a vitória do mesmo, que passa a ser, então, o seu objeto de valor principal.

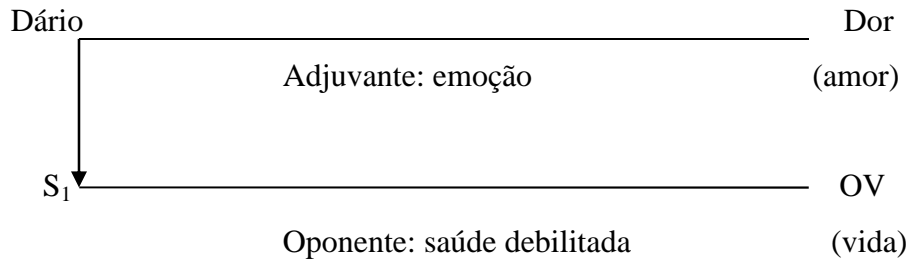


$$\mathbf{En} = \mathbf{F}[S_1 \rightarrow (S_1 \cap \mathbf{OV})]$$

Como se pode notar, tem-se um sujeito, instigado pelo amor, em conjunção com o objeto de valor. Essa conjunção foi auxiliada pelo jogador Romário, que faz um belo gol, dando, assim, a vitória ao time. Nesse percurso, não existe oponente, uma vez que o gol foi realizado sem nenhuma dificuldade.

No Brasil é forte a paixão que a população demonstra ter pelo futebol, não é à toa que o país é conhecido mundialmente como “o país do futebol”. O brasileiro é um fervoroso torcedor e se entrega totalmente ao time, principalmente quando ocorre uma decisiva partida que envolve o título de campeão de um importante campeonato. Ele grita, chora, fica nervoso, insulta jogadores e juízes, tudo é válido para auxiliar seu time na conquista da vitória. Com o S_1 não é diferente, ele demonstra toda a sua vibração pelo seu time através

das suas emoções, que desencadeiam um novo percurso do S_1 , desta vez, tendo como oponente sua debilitada saúde, o sujeito não suporta a emoção do gol do seu time e entra em disjunção com a vida, que representa agora seu objeto de valor:



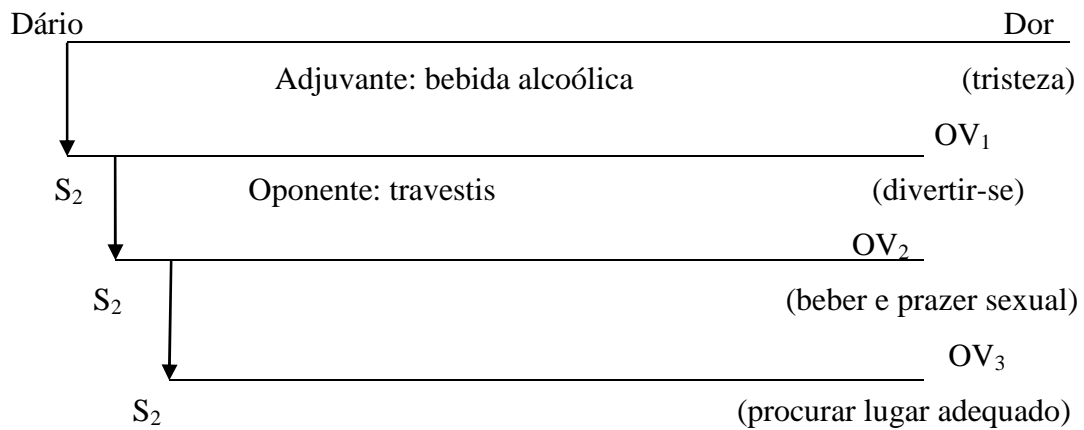
$$En = F [S_1 \cap OV \rightarrow (S_1 \vee OV_1)]$$

A felicidade de ver seu time fazer o gol foi tão intensa que o seu coração não suportou e ele veio a falecer.

4.1.1.2 A propósito do sujeito semiótico 2:

O S_2 , na figura de Ronaldo, vem a ser o sujeito principal, porquanto é através dele que a narrativa se constrói. O jogador ficou mundialmente conhecido pelas suas grandes e belas jogadas, que lhe deram o *status* de fenômeno, como passou a ser aclamado pela mídia. Mas, nos últimos tempos, Ronaldo passou a ser notícia não pelos gols que realizava e, sim, pelos escândalos em que se envolvia. O que lhe deu maior repercussão foi o episódio de seu envolvimento com três travestis.

Impulsionado pela tristeza decorrente de uma discussão com a namorada, Ronaldo, desolado, decide divertir-se (OV_1) para esquecer o infortúnio. Sua diversão principia na ida a bares e, depois de ingerir muita bebida alcoólica, o S_2 sai em busca de sexo (OV_2) sem compromisso, é quando convida três aparentes mulheres de programa para irem até um motel (OV_3). A diversão do fenômeno foi interrompida quando este percebe algo estranho: as pessoas que estavam com ele eram, na verdade, homens travestidos de mulheres que atuam, no percurso, como oponentes. Eis o percurso:

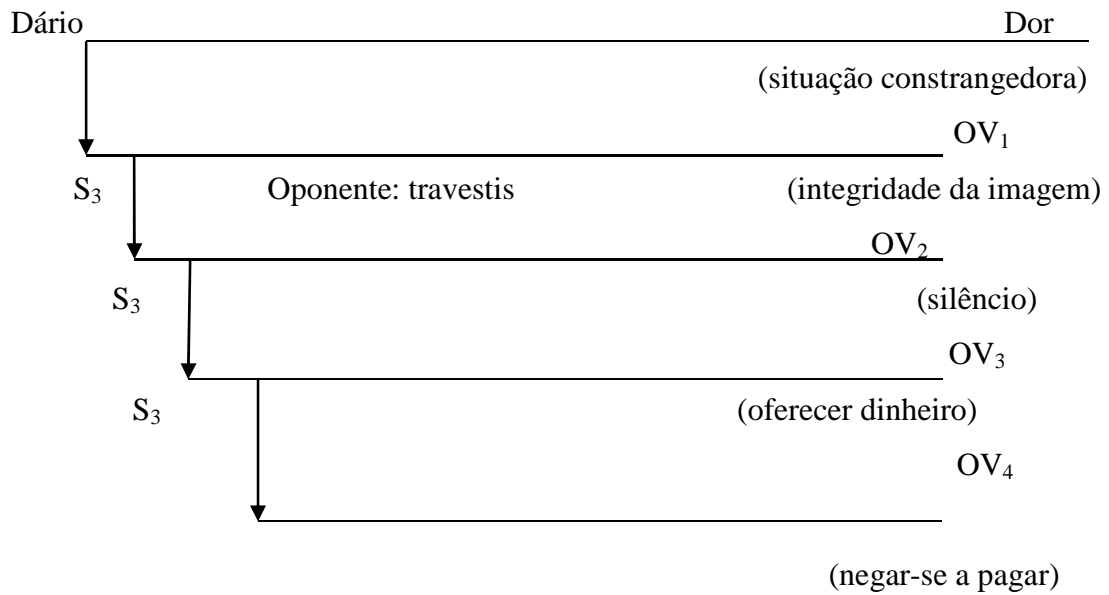


$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_2 \vee \mathbf{OV}_1 \rightarrow (\mathbf{S}_2 \vee \mathbf{OV}_1)]$$

4.1.1.3 A propósito do sujeito semiótico 3:

O S₃, assim como o S₂, é figurativizado por Ronaldo. Há, portanto, na narrativa, um sincretismo actancial, que consiste em dois sujeitos serem representados por um único ator.

Percebendo-se envolto numa situação constrangedora, o S₃, impedido de fugir, passou a ser um sujeito de um *querer-fazer*. A fim de manter a integridade de sua imagem (OV₁), o jogador decide “negociar” o silêncio (OV₂) dos rapazes sobre o ocorrido e oferece dinheiro (OV₃) aos travestis. O caso não teve o desfecho que o sujeito queria, pois a quantia que havia oferecido foi considerada pouco pelos rapazes em comparação com o poder aquisitivo que o jogador possui. Ao se negar a pagar (OV₄) o valor estipulado pelos travestis, uma grande confusão foi gerada e o S₃ foi parar na delegacia. Veja-se a ilustração do gráfico:

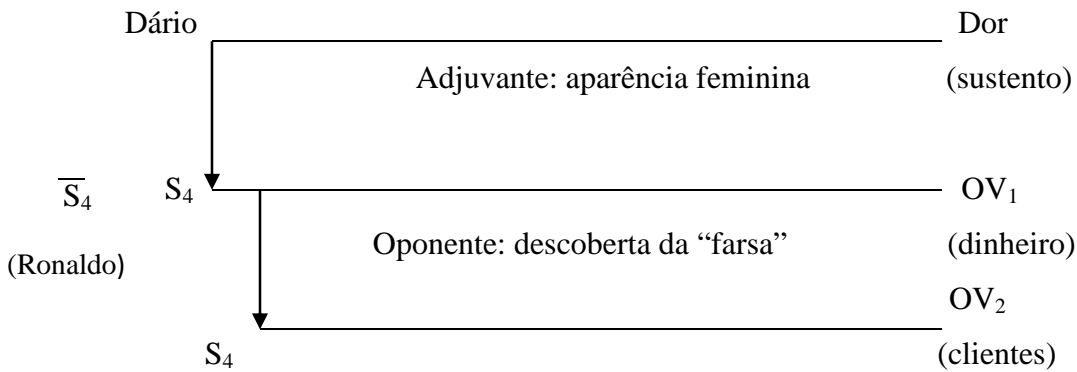


$$\mathbf{En = F [S_3 \vee OV_1 \rightarrow (S_3 \vee OV_1)]}$$

O sujeito não consegue atingir seu objeto de valor, porque no dia seguinte, o caso virou manchete de destaque em todos os jornais do país e a figura do jogador caiu em desprestígio nacional.

4.1.1.4 A propósito do sujeito semiótico 4:

Em oposição à situação do S₂ e S₃, que são figurativizados em um só ator, o S₄ é figurativizado por dois atores diferentes. Um deles é o travesti Juarez e o outro, também travesti, é Dezarote. Eles representam, assim como os demais, todos aqueles que buscam na rua, usando seus corpos para programas, uma forma de sustento, uma forma de obter dinheiro (OV₁). Por serem homossexuais, tornam-se um sujeito de um *querer-ser* igual às mulheres e se travestem delas como uma forma de atrair mais clientes (OV₂). Em muitos casos, suas transformações são tão perfeitas que podem até ser confundidos com mulheres “reais”. É auxiliado pela sua aparente forma feminina que recebe o convite de um famoso jogador de futebol. O S₄ pensou, então, que poderia receber um bom pagamento em troca do programa. No entanto, quando o jogador percebe a “farsa”, nega-se a pagar pela diversão. Tem-se, portanto, o programa narrativo representado da seguinte forma:



$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_3 \cup \mathbf{OV} \rightarrow (\mathbf{S}_3 \cup \mathbf{OV})]$$

Através da negação do pagamento pelo programa, o jogador transforma-se em anti-sujeito do S₄ e é através dessa negação que o sujeito encerra seu percurso em disjunção com seu objeto de valor, o dinheiro.

4.1.1.5 A propósito do sujeito semiótico 5:

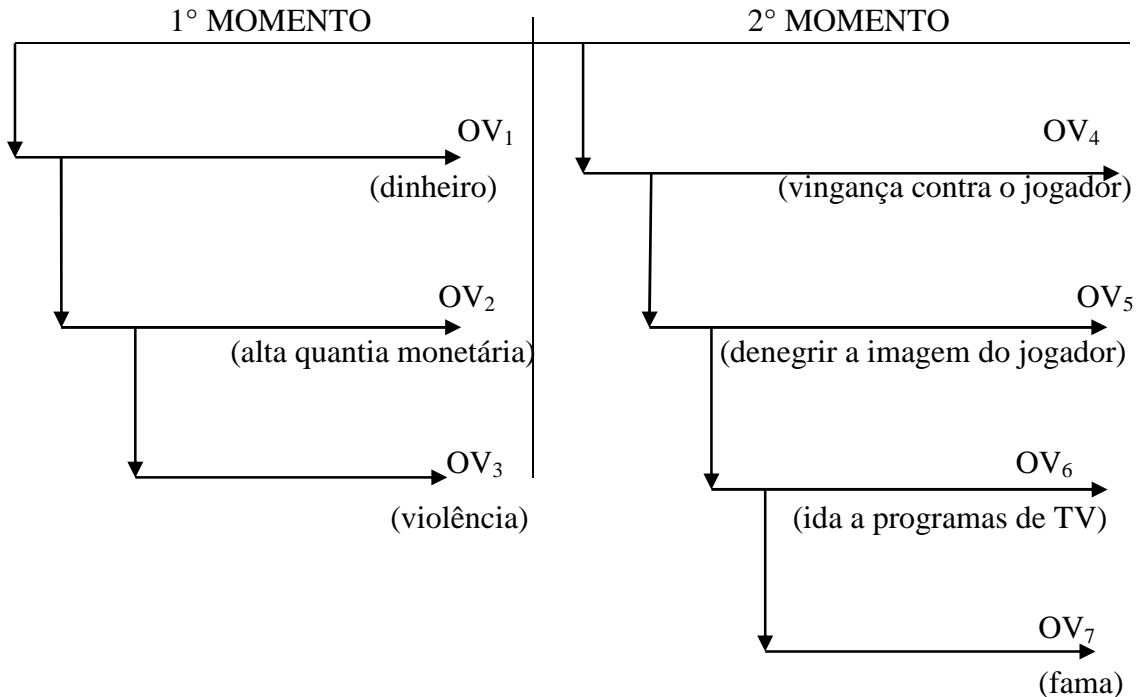
Figurativizado por Andréia, o terceiro dos travestis, cujo nome real é André, o S₅ realiza um percurso apresentado em dois momentos. O primeiro deles é respaldado no *querer-ter* dinheiro (OV₁), o que é consequência da ambição, sendo esta, portanto, o destinador do trajeto.

Depois que a encontro havia se tornado uma balbúrdia, o rapaz, percebendo a preocupação do esportista com o receio de que o escândalo se tornasse público, faz dessa fraqueza um adjuvante e, através de uma intimidação, exige uma considerável quantia monetária (OV₂) pelo seu silêncio, bem superior ao que o jogador lhe havia oferecido. Diante da recusa do famoso (OV₃), o S₅, irritado, usa de violência (OV₄), quebrando objetos dentro do quarto do motel. A polícia é acionada e todo o grupo, inclusive Ronaldo, vai prestar depoimento sobre o ocorrido. É aí que o percurso sofre uma "quebra" e inicia o segundo momento.

A chegada da polícia impediu que o sujeito finalizasse o "acordo" com o jogador. Percebendo que não havia alcançado seu objetivo, o dinheiro, o S₅, motivado pela ira, procura alguma forma de se vingar do jogador (OV₁). Tem a ideia, então, de denegrir a imagem do famoso (OV₂) através de sua participação em todos os programas de televisão (OV₃), principalmente os de maior audiência, para relatar o escândalo ocorrido entre ele,

seus colegas e o jogador Ronaldo. Agindo assim, o S_5 não apenas maculava a figura do envolvido, como também atrairia as atenções da mídia para si e ganharia fama (OV_4).

Os dois momentos podem ser observados no diagrama:



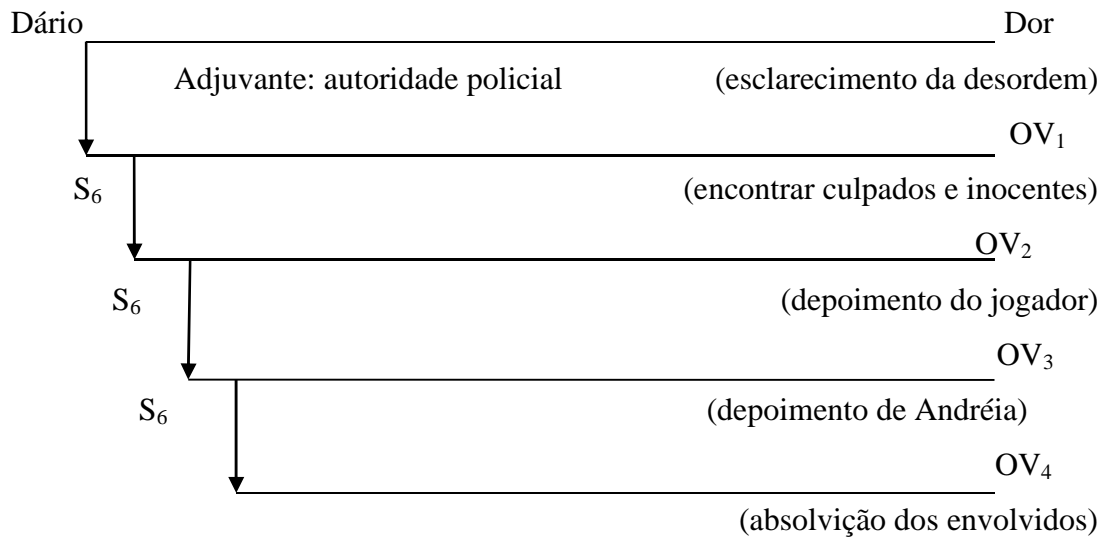
$$En = F [S_5 \vee OV_1 \rightarrow (S_5 \cap OV_1)]$$

Com o percurso, é possível notar que o S_5 se instaurou como um sujeito de um *querer-ter* vingança e, em decorrência, um *querer-ser* famoso. Ele entra em conjunção com seu objeto de valor principal, visto que o escândalo foi de uma desmedida repercussão, que culminou numa exautoração da figura do jogador.

4.1.1.6 A propósito do sujeito semiótico 6:

O delegado Zé Pinto vem a figurativizar o sujeito semiótico 6 (S_6). Ele foi o responsável em solucionar o caso de Ronaldo e os travestis. Auxiliado pela sua posição de autoridade policial, sua função é esclarecer a desordem que havia se formado e encontrar os culpados e inocentes da situação (OV_1). Para isso, o sujeito ouve, em primeiro lugar, o depoimento do jogador (OV_2), que se pronuncia inocente e acusa os rapazes que estavam

com ele de tentar roubá-lo, logo em seguida, passa a palavra a Andréia (OV₃), um dos travestis envolvidos, que, por sua vez, declara-se inocente e põe a culpa do enleio em Ronaldo, que se recusou a pagar pelo programa. Irritado com a situação, o S₆ decide por fim ao caso absolvendo os rapazes e também o esportista (OV₄), pois não havia encontrado inocentes nem culpados.



$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_6 \vee \mathbf{OV}_1 \rightarrow (\mathbf{S}_6 \cap \mathbf{OV}_1)]$$

Sendo um sujeito de um *dever-fazer*, cabia ao S₆ a elucidação da situação, com a absolvição ou a condenação dos participantes do escândalo. Assim, o sujeito termina o percurso com a situação resolvida, entra em conjunção com seu objeto de valor.

4.1.1.7 Quadro-resumo das estruturas narrativas

Sujeito Semiótico	Objeto de Valor	Junção		Destinador	Anti- sujeito	Adjuvante	Oponente	Modalização instauração do sujeito
		Conjunto	Disjunto					
S ₁ (homem)	Vitória do time	x	-	Amor	-	Romário	-	<i>Ser-torcedor</i>
	Vida	-	x	Amor	-	Emoção	Saúde debilitada	<i>Ser-torcedor</i>
S ₂ (Ronaldo)	Divertir-se	-	x	Tristeza	-	Bebida alcoólica	Travestis	<i>Querer- esquecer-se</i>
S ₃ (Ronaldo)	Integridade da imagem	-	x	Situação constrangedora	-	-	Travestis	<i>Querer-fazer</i>
S ₄ (Juarez e Dezarote)	Dinheiro	-	x	Sustento	Ronaldo	Aparência feminina	Descoberta da “farsa”	<i>Querer-ser</i>
S ₅ (Andréia)	Dinheiro	-	x	Ambição	Ronaldo	Medo do jogador	Chegada da polícia	<i>Querer-ter</i>
	Vingança	x	-	Ira	-	-	-	<i>Querer-ser</i>
S ₆ (Zé Pinto)	Encontrar culpados e inocentes	x	-	Esclarecer a desordem	-	Autoridade policial	-	<i>Dever-fazer</i>

4.1.2 Estruturas Discursivas

O processo de enunciação do folheto *Ronaldinho, o fenômeno jogando errado*, como é característico de toda narrativa popular de acontecimento, dissemina a notícia envolta por marcas ideológicas provenientes de seu autor. Realiza-se sob a forma de um enunciador que, dialogicamente, estabelece um enunciatório que é representado pelo leitor.

O enunciador, impregnado de valores políticos, culturais e sociais, apresenta um discurso cuja tese está alicerçada no fato de que muitos ídolos esportivos não são merecedores de tanta admiração por parte de seus fãs, que representam uma população apaixonada pelo esporte, uma vez que seus comportamentos fora do campo, quadra ou piscina são totalmente reprováveis. Para atestar a veracidade de sua proposição, o enunciador faz sua crítica, usando como exemplo o âmbito do futebol, modalidade esportiva de maior destaque no Brasil, logo, de maior estima por parte do povo.

“Num jogo de futebol	“Certos ídolos minha gente
Junta gente de carrada,	Não merecem o nosso esforço
Tem barulho em tom de caixa,	De torcer, pular, gritar
Torcida emocionada	Eles nos dão é desgosto
Gritando o nome de alguém	Ganham dinheiro à vontade,
Que muitas vezes não tem	Praticam muitas maldades
Caráter, não vale nada.”	De medalhas no pescoço...”

O enunciador delega, ainda, a voz a oito atores e apenas três deles não são nomeados, mas todos revestidos de papéis temáticos. São eles: um homem sóbrio, um velho, um homem bêbado, Ronaldo, Juarez, Dezarote, André e Zé Pinto.

Os atores que não são designados por um substantivo próprio podem representar todos aqueles que vivem situações da mesma natureza. Eles são representantes de uma população apaixonada pelo futebol, adoradores dos clubes pelos quais torcem. As partidas que seus times jogam são consideradas como cerimônias sagradas, muitos realizam os mais diversos feitos para não perderem o “clássico”: abandonam seus afazeres, faltam o trabalho, ignoram suas familiares, em síntese, desligam-se do mundo ao redor e se conectam apenas ao jogo. Os sentimentos ficam aflorados, a tensão domina todos os torcedores até surgirem os gols, que, sendo dos times adversários, originam raiva e nervosismo, sendo do time

apoiado, desencadeiam alegria e entusiasmo. Após o encerramento do jogo, caso sejam os vencidos, a tristeza cai sobre os torcedores, caso sejam os vitoriosos, a felicidade é intensa e a comemoração, que em muitos casos é regada a bebida, é certa.

“Eu vi um homem chorando	“Já vi um bêbado jantando
Assistindo o futebol	Gritando de boca cheia,
Foi no dia que Romário	Isso já à meia-noite
Fez um gol, dando um lençol...	E o jogo foi de quatro e meia
E um elástico em Amaral,	Dizendo: – gooooool do Brasil,
E um velho passou mal	Até minha irmã riu
Não viu mais a luz do sol...”	Disse: – pai que coisa feia!”

Ao ator Ronaldo foi concedido o personagem principal da narrativa, porquanto o seu comportamento no episódio com os travestis foi usado como exemplo para fundamentar a crítica que constrói o discurso.

Em decorrência de sua habilidade com a bola dentro de campo, Ronaldo logo teve a fama difundida pelo Brasil. Era ainda menor de idade quando participou de sua primeira copa mundial. Não demorou muito e o ator teve seu talento reconhecido ao redor do mundo e foi contratado pelos mais destacados clubes europeus. Sua aptidão era tão admirável que lhe acarretou o título de melhor jogador do mundo por três vezes.

A trajetória de Ronaldo passou por alguns obstáculos, representados por sérias contusões que chegaram a ameaçar a continuidade de sua carreira, mas numa demonstração de superação, o jogador se reergueu e prosseguiu com a sua agilidade futebolística.

A carreira de sucesso lhe rendeu glória e dinheiro. Detinha de muito prestígio diante de toda a população mundial até passar a ser noticiado por jornais e programas de televisão pelos escândalos em que se envolvia: bebedeiras, infidelidades, fumo, desordem em boates e o pior de todos: o episódio “Ronaldo e os travestis”. O enunciador faz uso desse caso para validar sua apreciação desfavorável aos famosos desordeiros, não dignos do respeito que recebem. Eis a citação:

“Por isso quero falar
O que a mídia já falou
É do dia que Ronaldo
Porque quis se enganou

E promoveu a muvuca
 Que começou na Tijuca
 E ainda não terminou...”

Os atores Juarez, Dezarote e André são os travestis convidados por Ronaldo para satisfazer seus impulsos sexuais. Aqui, os atores viram na figura do ídolo do futebol a oportunidade de arrematar uma considerável quantia em dinheiro, uma vez que os famosos jogadores são conhecidos pelos seus milionários salários que proporcionam a eles uma vida de ostentação. O encontro que parecia acontecer tranquilamente teve seu desfecho numa delegacia de polícia em decorrência da confusão gerada pela negação do jogador do pagamento da “conta”. Para representar os profissionais do sexo, que, como o próprio nome diz, ganham dinheiro em troca de prazer sexual àqueles que os “contratam” e, pelo não recebimento pelo seu serviço prestado, um dos travestis aparece na narrativa através da sua fala para demonstrar sua indignação.

“Andréia disse: - Seu Pinto,
 Eu estava na calçada,
 Foi ele quem me chamou,
 Não tenho culpa de nada
 Veja o que ele me apronta
 Não quis me pagar a conta
 Por isso estou zangada.”

O delegado Zé Pinto fica na posição de juiz, ou seja, a ele foi imputado a responsabilidade de julgar o caso e declarar quem estava com a razão e, por conseguinte, punir os culpados. Não dando muita importância à situação, preferiu “fechar” os olhos aos desalinhos do jogador e inocentar todos. O seu descaso é refletido em sua fala:

“O delegado falou:
 - O caso está encerrado,
 Não encontrei inocente
 E muito menos culpados
 E falou enfurecido:
 - Vocês foram absolvidos,

Magotes de condenados...”

No folheto, o sistema temporal situa, num primeiro momento, o enunciador em relação aos acontecimentos, é o chamado tempo linguístico. O segundo momento vem a ser representado pelo tempo crônico, responsável por organizar a enunciação através de pontos referenciais que se instalam no enunciado.

O que predomina no texto em questão é o tempo linguístico, uma vez que o tempo crônico, materializado linguisticamente por marcos cronológicos socialmente determinados, aparece figurativizado apenas uma única vez, na expressão *tarde ensolarada*, que serve para situar historicamente a narrativa, dando a impressão de que o discurso que procede da voz do enunciador goza de uma verdade e detém credibilidade. Não é à toa que os fatos enunciados fazem parte de um mundo no qual o enunciador se situa.

No que concerne ao tempo linguístico, depreendem-se alguns vestígios que, materializados no enunciado, denunciam a proximidade, a identificação do enunciador com os preceitos socioculturais que constituem o discurso. Tal fenômeno se deixa observar no aparecimento das marcas de primeira pessoa que explicita a intervenção do enunciador no enunciado. Todavia, vale ressaltar que o enunciador se mantém sempre distanciado, ou melhor, debreado da enunciação, uma vez que a enunciação, apresentando-se como uma instância linguística pressuposta pela própria existência do enunciado, mostra-se impossível de ser apreendida inteiramente, recuperada em sua integridade enunciativa, o que pode ser feito, apenas, é uma investigação das marcas que se presentificam no enunciado. No universo semiótico em questão, o enunciador recria a enunciação; ele a enuncia num tempo passado, resgata algo que está na memória, por isso o uso de verbos no pretérito.

“**Eu** vi um homem chorando
 Assistindo o futebol
Foi no dia que Romário
Fez um gol, dando um lençol...
 E um elástico em Amaral,
 E um velho **passou** mal
 Não **viu** mais a luz do sol...”

O uso de verbos no presente, num primeiro momento, denota mais uma embreagem do enunciador, quando este pretende corroborar sua crítica ao comportamento lastimável de

certos esportistas, que se aproveitam da fama e do dinheiro que possuem e desrespeitam leis e envolvem-se em escândalos, quando, na verdade, deveriam dar exemplos de boa conduta, em respeito ao belo sentimento que os fãs têm por eles. O verbo no presente remete, ainda, a um diálogo, a uma fala direta com o enunciatário, o que ocasiona mais uma projeção do enunciador.

“Por isso quero falar”	“ Convido aos torcedores
“Certos ídolos minha gente	A erguer outras bandeiras,
Não merecem o nosso esforço	Fazer outros movimentos,
De torcer, pular, gritar,	Torcer de outras maneiras,
Eles nos dão é desgosto	Lutar pelo bem comum
Ganham dinheiro à vontade,	Chorar de jeito nenhum
Praticam muitas maldades	Por gente que faz besteiras...”
De medalhas no pescoço...”	

Os verbos no presente também são participantes de um terceiro momento dentro da narrativa, numa posição de distanciamento, ao contar algo que estava na sua memória, o enunciador transfere a palavra aos atores, que dialogam entre si, o que culmina no caráter veridictório do que se enuncia:

“Sei que tudo começou	“E naquele funaré
Numa tarde ensolarada.	Um na frente e outro atrás
Ronaldo estava triste	O panaca percebeu:
Brigou com a namorada...	- Aqui tem gente demais
E foi dar uma saída	E outro fenômeno cresceu
Disse : - vou gozar a vida	- Eu sei que não é o meu,
Nem que seja na baixada.”	Agora não quero mais...”

Assim com o tempo, a categoria espacial no cordel em análise divide-se em espaço linguístico, que abarca o lugar axial do discurso, onde o enunciador se posiciona em relação à enunciação, e em espaço tópico, caracterizado pela instauração, no enunciado, de pontos referenciais em torno dos quais o enunciador e os interlocutores se situam e localizam os objetos que os rodeiam.

Instituído sobre os revezes da memória, o espaço linguístico, no texto em questão, constitui-se a partir da sucessão e encadeamento de três enunciações. Em cada instância enunciativa, a relação entre aquele que enuncia e o meio em que se situa muda consideravelmente. Na primeira, ao recuperar os fatos que se encontram na esfera da memória e, por conseguinte, interagindo com o tempo passado, o enunciador se instaura, linguisticamente, por meio de uma debreagem, ou seja, mantém-se distante da cena enunciativa que começa a projetar-se em sua voz. É a partir desse momento que se inicia o processo de encapsulamento do próprio enunciador, visto que, por situar-se no espaço do *aqui*, esse regate mnemônico se torna possível e não contraria às próprias leis da física. Observe os seguintes trechos:

“Eu vi um homem chorando”

“Já vi um bêbado jantando”

“Já vi gente declarar”

“Por isso quero falar”

A expressão *Por isso quero falar*, ao mesmo tempo que marca a fusão do sujeito com espaço da enunciação, assinala o seu distanciamento em relação ao espaço do enunciado.

O espaço tópico permite situar e caracterizar os atores que se assentam no enunciado. Ocorre por meio de pontos referenciais que encerram implicações socioculturais e linguisticamente argumentativas, deixando transparecer determinadas intenções do sujeito enunciador. Apresentam essas características: *Rio de Janeiro, motel, Brasil e delegacia*.

O *Rio de Janeiro* constitui o metaespaço. Todos os atores o ocupam e nele se constroem, incorporando, inclusive, os outros espaços. A cidade representa o ambiente dos famosos. É comum ver na capital atores, jogadores, cantores andando pelas ruas, indo a livrarias, padarias ou supermercados de semelhante forma às pessoas consideradas “normais”. No texto, essa demarcação espacial não foi escolhida de forma aleatória, é onde se passa o ocorrido com o “fenômeno”. Dois lugares, em especial, são tratados: a Tijuca e a Baixada (fluminense). O primeiro deles é um bairro considerado tradicional e de certo prestígio econômico na cidade, representa o ponto de partida do episódio que tornaria infame a imagem do futebolista. A Baixada Fluminense é uma região do estado do Rio de Janeiro considerada popular e com o setor econômico mais inferior. O lugar é mencionado pelo ator Ronaldo quanto este decide “gozar a vida” após uma discussão com a namorada e,

podemos afirmar, o espaço é proferido de uma forma não positiva, ou seja, de uma forma depreciativa justamente por não ser considerado um território cuja população não seja constituída, em sua maioria, por pessoas de destacada posição econômica e social. Eis os trechos:

“Por isso quero falar
O que a mídia não falou
É do dia que Ronaldo
Porque quis se enganou
E promoveu a muvuca
Que começou na **Tijuca**
E ainda não terminou...”

“Sei que tudo começou
Numa tarde ensolarada.
Ronaldo estava triste
Brigou com a namorada...
E foi dar uma saída
Disse: - Vou gozar a vida
Nem que seja na **baixada.**”

O *Brasil* possui uma vasta variedade racial, decorrente da mistura de raças que se deu desde o início do período colonial. São brasileiros com traços orientais, europeus, indígenas, africanos, o que dificulta definir ao certo um padrão da raça brasileira. Toda essa miscigenação resultou em belas mulheres, conhecidas mundialmente pelos seus corpos esculturais, de formas bem definidas que chamam a atenção pela sensualidade que transmitem. Dessa forma, a sexualidade é muito forte no país, a busca pelo prazer sexual é constante entre os brasileiros e, para facilitar esse encontro com o sexo, existem os locais apropriados, os *motéis*, que são característicos pela privacidade e conforto que proporcionam. Contudo, o que se vê de fato é que os motéis viraram um local banalizado, repletos de casos de infidelidade, orgias, homossexualismo, presença de menores de idade (o que é proibido por lei). No caso do folheto em questão, os fatores infidelidade e orgia estão em destaque, uma vez que o jogador, sendo comprometido, vai até um motel com três falsas mulheres para promover um libidinoso encontro.

“Juntou quatro travestis
E partiu para o motel
Com as duas mãos na cintura
Dançando a dança do créu
E falando no ouvido:
- Já estou muito envolvido,
Vai ter troca de anel...”

É comum no nosso país a polícia ser chamada para resolver contendas entre amigos, familiares ou vizinhos. Pendências que poderiam ser resolvidas numa simples conversa ou numa quebra de orgulho das partes envolvidas. Isso é resultante da autoridade e temor que a polícia exerce ante a sociedade. Sendo assim, casos de maior seriedade deixam de ser atendidos por causa dessas ocorrências de menor gravidade. É habitual, ainda, nas delegacias a presença de casais que partem para agressão física após uma discussão por causa de flagrante de infidelidade de uma das partes, ou filhos que, quando drogados, tornam-se agressivos dentro de casa, casos que não infringem a lei diretamente. Os policiais apenas admoestam essas pessoas e as mandam de volta para casa. A *delegacia* vem a ser o último espaço a compor a narrativa. A localidade serviu para resolver a algazarra em que se transformou a lasciva reunião do famoso com os travestis. E percebendo que o caso era sem importância, era somente uma questão de pagamento de um encontro com travestis de programa, o delegado liberou todos os envolvidos sem maiores problemas.

“Ronaldo disse: - Eu não pago.

André disse: - Eu sabia!

Deu um murro no espelho,

Chutou e arrancou a pia...

Por toda essa zoada

A polícia foi chamada,

Foram parar na delegacia.”

No cordel em análise, evidencia-se a presença de temas que, correlacionados às figuras, alicerçam uma reflexão sobre algo que é muito presente no âmbito dos futebolistas, que ganham dinheiro, fama e admiração por parte de seus fãs, no entanto, são pessoas cujos atos fora do campo refletem uma pessoa de má índole.

O primeiro tema vem a ser o *futebol*, modalidade esportiva utilizada pelo narrador para fundamentar sua crítica, uma vez que representa o esporte mais estimado entre os brasileiros, cujos torcedores possuem um amor excessivo aos times pelos quais torcem. E é no futebol onde se encontram os melhores salários, é comum ver jogadores bem sucedidos, donos de vários imóveis, carros importados, com uma renda mensal muito alta para os padrões do nosso país. Ronaldo é a figura do tema, porquanto é o jogador renomado mundialmente, representante do Brasil em matéria de futebol no exterior e também já foi considerado um dos jogadores mais bem pagos do mundo. Os exemplos comprovam:

“já vi gente declarar
 Que já esteve no céu,
 Foi na hora de dois pênaltis
 Que defendeu Tafa-rel
 Vendo o berro de Galvão
 E que chorou de emoção

Com Dunga erguendo o troféu.”
 “Por isso quero falar
 O que a mídia não falou
 É do dia que Ronaldo
 Porque quis se enganou. (...)”

O *dinheiro* que esses jogadores possuem representa mais um tema. Como já foi mencionado, são detentores de muitos bens luxuosos, além de muito prestígio. Aproveitando-se disso, muitos dos desportistas fazem badernas nas ruas, desrespeitam leis, tornam-se verdadeiros vândalos e não sofrem nenhuma punição, justamente porque possuem *dinheiro*. “Carrão” é a figura desse tema:

“entrou em quatro botecos
 E bebeu oito bicadas,
 Fumou 16 cigarros
 E deu mais umas tragadas,
 Acelerou o carrão
 Rodando na contra mão
 Sem respeitar quase nada...”

Ligado ao *dinheiro*, aparece mais um tema, a *prostituição*, no texto representado pelos travestis com que Ronaldo se envolve. Os travestis reproduzem uma realidade cada vez mais comum no país, são pessoas, sejam homens, mulheres ou até mesmo adolescentes, que, vendo-se acometidas pelo desemprego e sem alternativas para seu sustento, têm na prostituição um caminho para conseguir algum dinheiro. O local onde muitos ficam para conseguir clientes, “calçada”, é a figura que recobre esse tema. Veja-se o excerto:

“Andréia disse: - Seu Pinto,
 Eu estava na calçada,
 Foi ele quem me chamou,
 Não tenho culpa de nada
 Veja o que ele me apronta
 Não quis pagar a conta

Por isso estou zangada.”

O *homossexualismo* vem a ser mais um tema presente no texto. Os “travestis” são as figuras do referido tema, uma vez que são homens que se travestem de mulheres, seja por puro prazer, para chamar a atenção dos outros homens ou até para se aproximar à semelhança feminina. Em muitos casos, tais imitações são tão bem sucedidas que esses homens travestidos de mulheres enganam as pessoas, que pensam que eles são mulheres verdadeiras. O trecho confirma:

“Juntou quatro travestis
E partiu para um motel
Com as duas mãos na cintura
Dançando a dança do créu (...).”

Na narrativa, a *tristeza* é um tema que aparece figurativizado pelo estado do jogador após uma discussão com a namorada. Ronaldo decide, então, desoprimir-se através de diversão.

“Sei que tudo começou
Numa tarde ensolarada
Ronaldo estava triste
Brigou com a namorada...
E foi dar uma saída
Disse: - vou gozar a vida
Nem que seja na baixada.”

A *ambição* vem a ser um tema que decorre do *dinheiro*, pois os travestis, ao perceberem a preocupação do jogador em silenciar aquele encontro, para não sujar a sua imagem, e sabendo das posses financeiras do famoso, decidem extorqui-lo e pedem uma quantia alta pelos seus sigilos. Como obtém uma resposta negativa da parte do jogador, usam de violência para conseguirem tal quantia. O valor do silêncio pedido pelos travestis, “50 mil”, é a figura que recobre esse tema. Os fragmentos demonstram:

“-Eu dou mil a cada um
 E ninguém sabe, ninguém viu.
 - Tu não tá mais na Europa,
 Você tá é no Brasil.
 Dinheiro tu tem demais
 Me pague logo rapaz,
 Eu quero é 50 mil.”

“Ronaldo disse: - Eu não pago.
 André disse: - Eu sabia!
 Deu um murro no espelho,
 Chutou e arrancou a pia...
 Por toda essa zoada
 A polícia foi chamada,
 Foram parar na delegacia.”

Na continuidade do texto, mais dois temas emergem, o primeiro deles é o tema *mentira*, representado pela falsa afirmação que foi proferida no testemunho do jogador quando questionado pelo delegado sobre o acontecido dentro do motel. Ele inventa que estava apenas querendo uma diversão e os travestis tentaram roubá-lo e se declara inocente.

“E perguntou a Ronaldo:
 - O que foi que aconteceu?
 O jogador meio grogue
 Prontamente respondeu...
 - eles querem me roubar
 E eu não quero entregar,
 O culpado não sou eu...”

“Eu só queria sair
 E comer coisas diferentes
 Brincar naqueles lugares,
 Fumar, beber aguardente.
 Assim Ronaldo falou,
 O delegado anotou
 E entrou o outro cliente.”

Por não ter conseguido a quantia desejada, um dos travestis procura se vingar do jogador, é quando surge mais um tema, a *vingança*. Ao ser questionado pelo delegado, o rapaz afirma que o jogador o chamou para o programa e depois não quis pagar a conta. Decide, então, escancarar todo o escândalo nos programas de TV que se ocupam em bisbilhotar e noticiar a vida dos famosos para, dessa forma, concretizar sua vingança através da difamação da imagem do jogador. Os programas citados pelo travesti: “Hebe”, “Luciana”, “Pânico” e “Fantástico” são figuras desse tema. Eis os trechos:

“Andréia disse: - Seu Pinto,
 Eu estava na calçada,
 Foi ele quem me chamou,
 Não tenho culpa de nada
 Veja o que ele me apronta

Não quis pagar a conta
 Por isso estou zangada.”
 “Mas já estou indo embora,
 Agora sei aonde vou:
 Na Hebe, na Luciana,

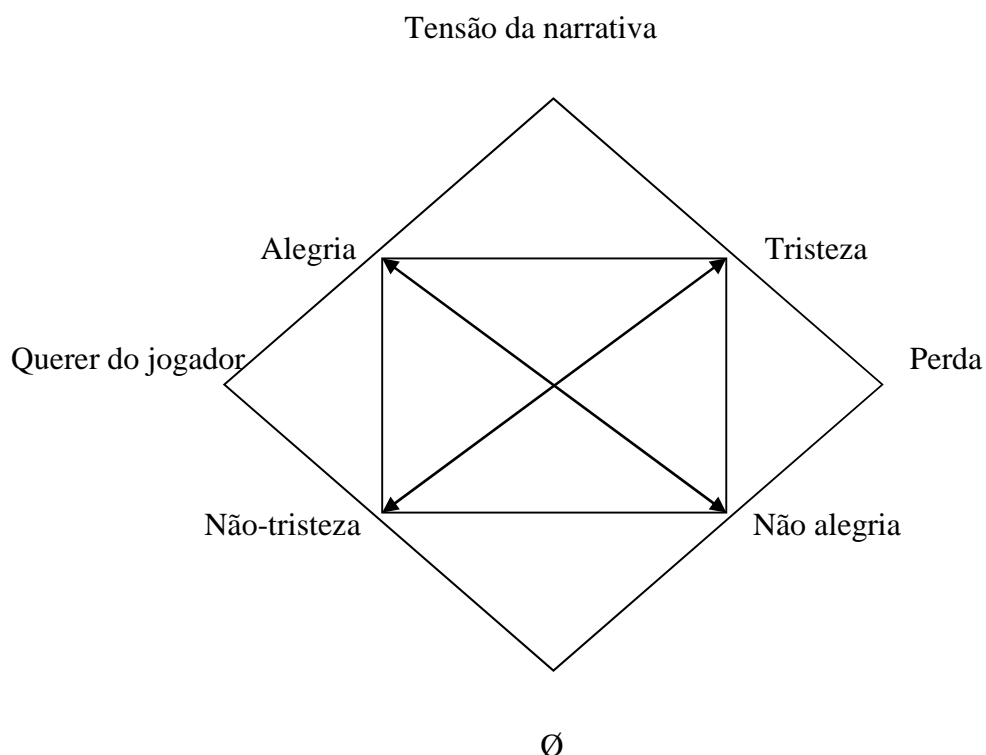
No Pânico amanhã estou,
Fantástico é meu esquema

Logo vou para o cinema
Fazer filme pornô.”

4.1.3 Estrutura Fundamental

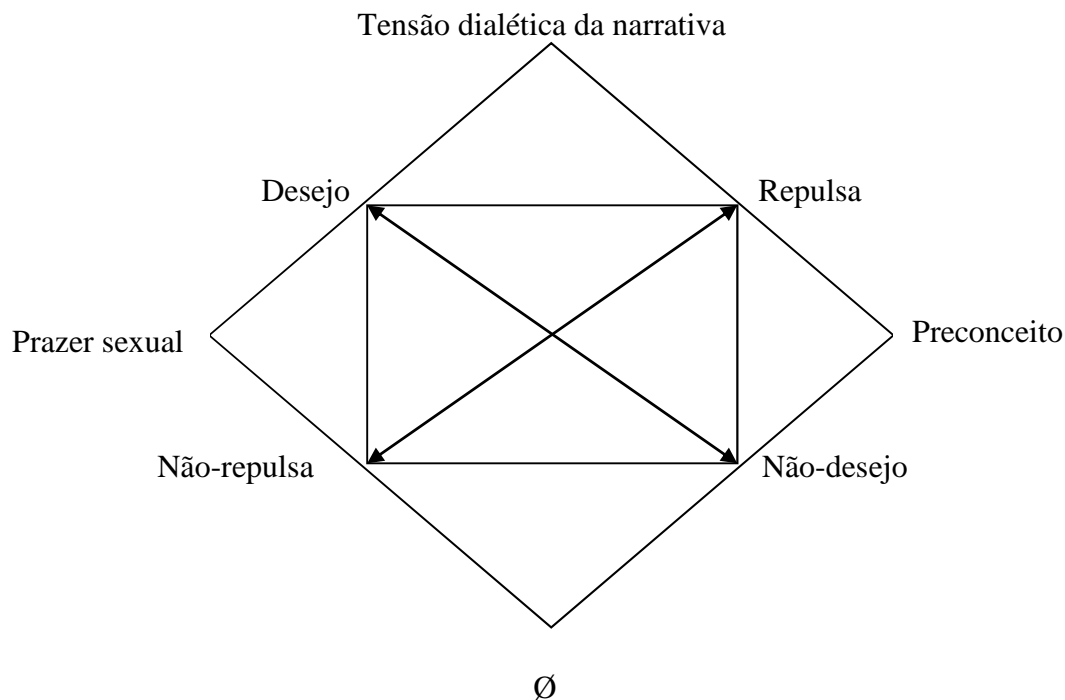
Os valores que permeiam a narrativa se instalam por meio de relações contrárias que podem ser dialeticamente hierarquizadas no octógono semiótico. Este modelo lógicoconceitual permite uma compreensão mais profunda das ideologias que subjazem à narrativa.

Uma tensão dialética ocorre entre *alegria* e *tristeza*, que definem a oposição de sentimentos experimentados pelo ator Ronaldo. *Alegria* implica em *não-tristeza*. *Tristeza*, por sua vez, pressupõe em *não-alegria*. A *alegria* sem *tristeza* resulta no querer, na busca do jogador; *tristeza* sem *alegria*, na perda. A tensão *alegria-tristeza* é melhor esboçada no octógono a seguir:

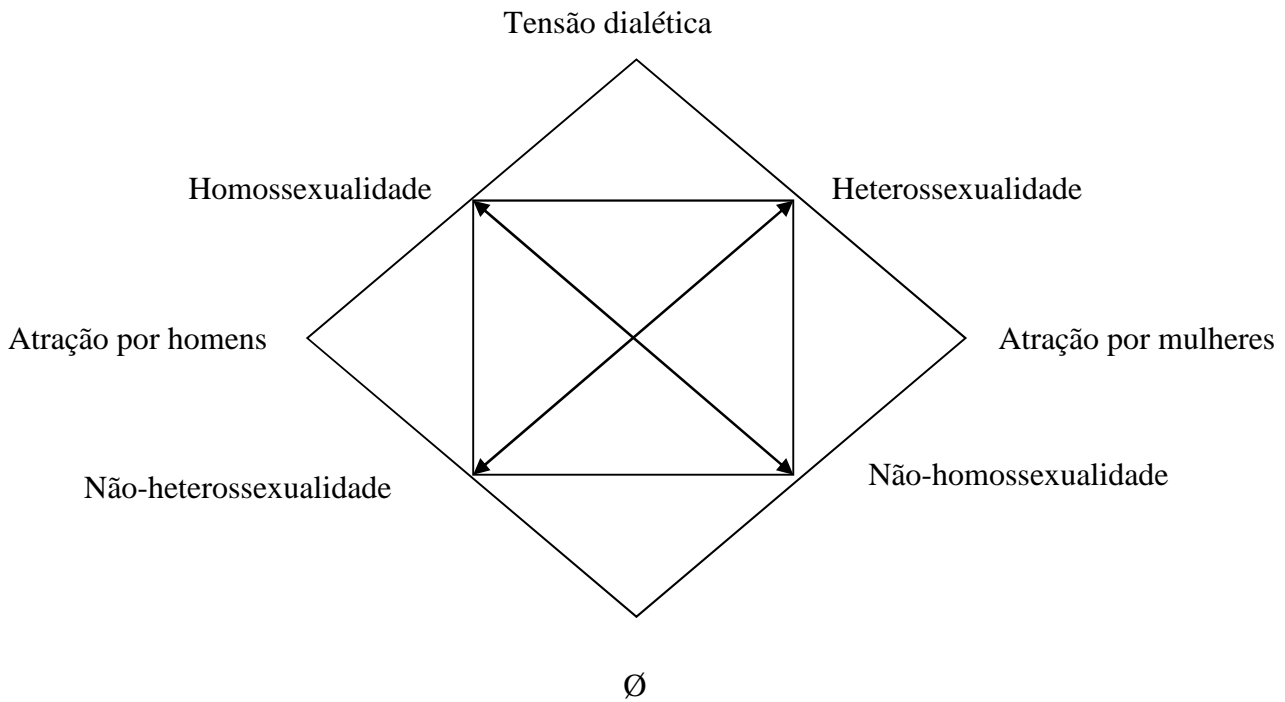


Outro conflito que se organiza na narrativa é entre o *desejo* e a *repulsa*. O primeiro deles reflete a busca de prazer através do sexo sem compromisso, o que motivou o ator

Ronaldo a convidar três “mulheres” de programa para promover a ele esse prazer. A *repulsa* aparece quando o ator descobre que havia se enganado com a aparência das mulheres, que eram, na realidade, travestis. *Desejo* implica em *não-repulsa*. Já a *repulsa* envolve o *não-desejo*. *Desejo* sem *repulsa* culmina no prazer sexual. *Repulsa* sem o *desejo*, resulta em preconceito. O octógono seguinte oferece uma sistematização da tensão *desejo versus repulsa*:



Mais uma tensão dialética se manifesta na narrativa, agora entre *homossexualidade* e *heterossexualidade*. Ambas correspondentes às orientações sexuais dos atores. A primeira refere-se à escolha sexual dos travestis e a segunda, à opção do ator Ronaldo. Esse conflito é apreendido quando o jogador, ao descobrir que estava na companhia de homens iguais a ele e não de mulheres como pensava, prontamente rejeita os rapazes devido ao fato de ser heterossexual. Por outro lado, os rapazes, por se sentirem atraídos por outros homens, seguem a orientação homossexual. A *homossexualidade* supõe a *não-heterossexualidade*. A *heterossexualidade* presume a *não-homossexualidade*. A *heterossexualidade* sem a *homossexualidade* transforma-se na atração por pessoas do sexo oposto; e a *homossexualidade* sem a *heterossexualidade* converte-se na atração por pessoas do mesmo sexo. Essa tensão recebe uma melhor visualização no octógono:



A presença de valores negativos permeia toda a narrativa, pois, como vimos, existe uma forte crítica às celebridades que, por se encontrarem no mundo da fama e sendo vistas por milhões de pessoas em suas aparições, sejam no campo, em novelas, em filmes ou em teatros, são intensamente estimadas e, em muitos casos, são tidas como modelos a serem seguidos. O jogador Ronaldo é um bom exemplo disso, é uma figura adorada em todo o mundo, principalmente pelas crianças apaixonadas pelo futebol que sonham em, um dia, jogar como ele e ter a fama que ele conquistou. No entanto, o episódio de Ronaldo com os travestis nos revela que tais famosos não merecem toda essa admiração, porquanto através de reprováveis procedimentos, como o escândalo aqui relatado, percebemos o desrespeito desses artistas para com o sincero sentimento de adoração que seus fãs têm por eles.

4.2 Vão matar o velho Chico para regar o sertão!

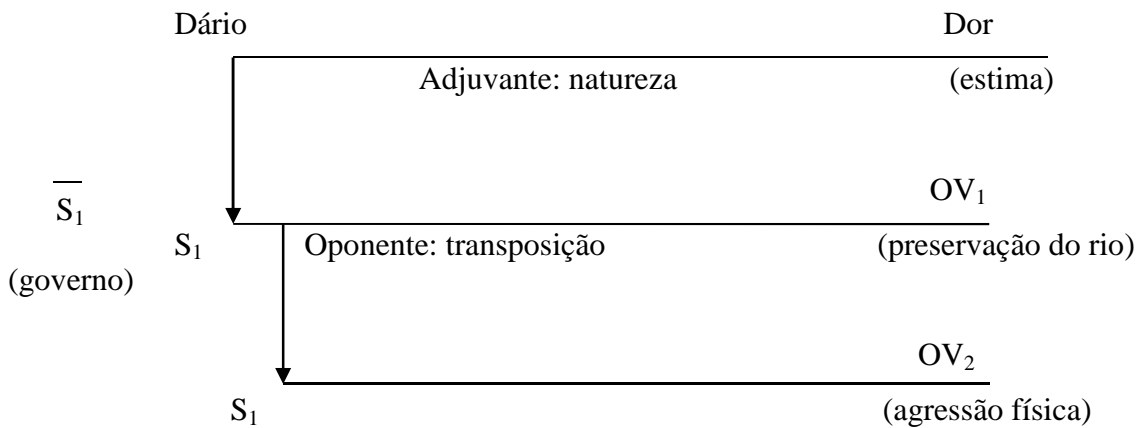
Referindo-se à transposição do rio São Francisco, assunto gerador de muitos conflitos, o folheto nos revela o posicionamento daqueles que compõem o lado opositor a esse projeto, representado pelos moradores das margens do rio, pelos defensores da natureza, além daqueles que, simplesmente, optaram em não concordar com tal empreendimento. O cordel, então, possui por finalidade convencer o leitor a aderir ao posicionamento contrário à transposição e, para isso, engrandece as qualidades do São Francisco e critica veementemente o governo federal por criar esse empreendimento sem avaliar as reais consequências que virão com a concretização da transposição.

4.2.1 Estruturas Narrativas

Analisando o nível das estruturas narrativas, verificamos que os elementos das oposições semânticas são assumidos como valores pelos sujeitos, que passam a operar transformações dentro do enunciado. No texto aparecem três sujeitos semióticos, representados por *Dona Pequena* (S1), pelo *governo* (S2) e pela *mãe natureza* (S3). O percurso de cada sujeito será demonstrado separadamente.

4.2.1.1 A propósito do sujeito semiótico 1:

O S₁, figurativizado por *Dona Pequena*, tem como Objeto de Valor principal a preservação do rio São Francisco. Ela representa todos aqueles que amam o Velho Chico e que o defendem com carinho, sendo totalmente contrários à transposição de suas águas, pois a concretização desse projeto acarretará em muitos problemas para o rio, que já sofre com a poluição. Impulsionada pela grande estima que detém pelo São Francisco, *Dona Pequena* exalta-se ao saber sobre a transposição e está disposta a defender o rio, mesmo que tenha que chegar à agressão física. Como Anti-sujeito aparece o governo federal, idealizador do projeto da transposição, que não demonstra preocupação com o estado do rio e nem com a população que dele sobrevive, apenas visa os benefícios políticos que lhe renderá com a execução do empreendimento. O gráfico abaixo sintetiza o percurso:

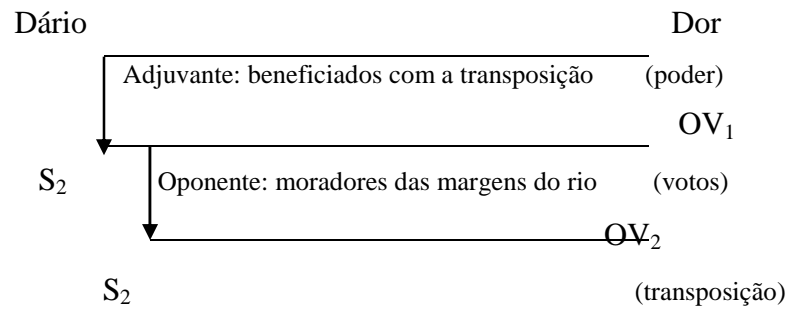


A conjunção com o Objeto de Valor é efetivada pelo impacto que o projeto causou perante a população brasileira, causando divergência de opiniões, uns contra, outros a favor. A repercussão foi tão intensa que, mesmo depois de alguns anos desde o lançamento do intento, a transposição ainda não foi executada. Eis o esquema que sintetiza o percurso:

$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [S_1 \cap \mathbf{OV}_1 \rightarrow (S_1 \cap \mathbf{OV}_1)]$$

4.2.1.2 A propósito do sujeito semiótico 2:

Figurativizado pelo *governo*, o S_2 instaura-se na narrativa pela modalidade complexa do querer-ter. Impulsionado pelo poder, realiza um itinerário em busca de um interesse político: a arrecadação de votos através da transposição das águas do rio São Francisco. Esses votos virão da parte dos que apóiam o projeto, principalmente dos que serão beneficiados com a transposição, os moradores do Nordeste castigados pela forte seca. Cegos pelo interesse político, o *governo* propôs tal desígnio sem se preocupar com a natureza, com o impacto ambiental que o empreendimento acarretaria, nem com a situação dos moradores das margens do rio, que adquirem o sustento através do São Francisco, estes aparecendo como os opositores à transposição. A diagramação seguinte oferece uma visão sistemática do percurso:



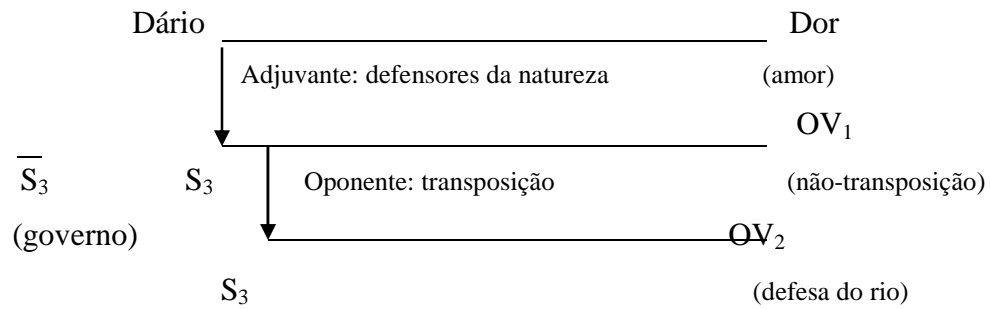
A conjunção do S₂ com seu objeto não se realiza, visto que a transposição não foi efetivada e, como consequência, a não obtenção de votos, que era seu principal intento. As críticas ao governo por parte dos defensores do rio São Francisco foram intensas, o que culminou na disjunção do *governo* com seu objeto de valor principal, votos favoráveis a ele. O seguinte esquema narrativo sintetiza o percurso:

$$En = F [S2 \cup OV1 \rightarrow (S2 \cup OV1)]$$

4.2.1.3 A propósito do sujeito semiótico 3:

Na figura da *mãe natureza*, o S₃ opõe-se ao governo e, conseqüentemente, ao projeto de transposição das águas do São Francisco, pois, ao representar a criadora do mundo e de tudo o que nele existe, inclusive os homens, sabe da índole corruptível deste que, para satisfazer seu desejo descomedido pelo dinheiro e poder, é capaz de qualquer ato, mesmo que tal ato provoque um grande impacto ambiental, como é o caso da transposição e que essa transposição deixe muitas pessoas sem terem meios de subsistência, uma vez que dependem financeiramente do Velho Chico.

O S₃ representa a parte mais importante daqueles que são contrários ao projeto do governo federal, pois, por ser a matriarca do mundo, possui um amor incondicional a tudo que cria e, como toda mãe, procura sempre defender seus filhos quando estes se encontram em alguma situação de perigo, como é o caso do rio, que já vem sofrendo com o despejo de lixos tóxicos em suas águas e, se o homem intervier no decurso do rio, que foi determinado pela *mãe natureza*, através da transposição, grande infortúnio trará ao São Francisco, e à própria natureza, porquanto desencadeará num forte efeito sobre a fauna e a flora do rio. Recebe apoio dos seus seguidores, os defensores da natureza, juntamente com os moradores das margens do rio. O gráfico seguinte apresenta o percurso do S₃ através de uma sistematização:



O S_3 , como pode ser constatado no percurso acima, é sancionado positivamente, ou seja, obtém a conjunção com objeto de valor desejado, uma vez que a transposição não se concretizou ainda, mesmo com a intenção do governo em ainda realizá-la. Observe o esquema:

$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_3 \cap \mathbf{OV}_1 \rightarrow (\mathbf{S}_3 \cap \mathbf{OV}_1)]$$

4.2.1.4 Quadro-resumo das estruturas narrativas

Sujeito Semiótico	Objeto de Valor	Junção		Destinador	Anti- sujeito	Adjuvante	Oponente	Modalização instauração do sujeito
		Conjunto	Disjunto					
S ₁ (Dona Pequena)	Preservação do rio	x	-	Estima	Governo	Natureza	Transposição	<i>Querer-defender</i>
S ₂ (governo)	Votos	-	x	Poder	-	Beneficiados com a transposição	Moradores da margem do rio	<i>Querer-ter</i>
S ₃ (mãe natureza)	Não- transposição	x	-	Amor	Governo	Defensores da natureza	Transposição	<i>Ser</i>

4.2.2 Estruturas discursivas

Nas estruturas discursivas, a análise das relações intersubjetivas permitiu reconhecer que o enunciador se apresenta ora debruçado com o enunciado, ora embreado. No primeiro caso, aparece como narrador em terceira pessoa que se confunde com o próprio autor do texto. É Sujeito de um saber sobre o rio que vai desde as suas qualidades até seu valor e importância no cenário nacional. Ele também conhece as questões políticas atuais que estão sendo discutidas sobre a transposição das águas: o que o povo pensa, o que o povo deseja e o que o povo não quer. Seu enunciatário também se encontra em debruçagem e fora do enunciado, confundindo-se com o leitor. No segundo caso, o enunciador é um ator presente no enunciado que dialoga com outros atores, como nos trechos seguintes: “**me** perdoem os irmãos moradores do Nordeste”; “e **nos** deixar a ver lodo para ir cobrir um outro”. Aqui ele possui enunciatários textuais, embora não estejam na mesma situação espacial. Esses enunciatários são o governo e Ciro Gomes que estão distante do Nordeste, espaço referido no texto, sobretudo as margens do rio São Francisco.

O enunciador apresenta um discurso fundamentado na tese de que a transposição do rio São Francisco vai causar impacto ambiental e é uma jogada política do governo. Para sustentar veridictoriamente tal posição, ele apresenta posicionamentos de vários atores. Estes aparecem ora nomeados (Ciro Gomes, Dona Pequena, Satanás, Rui Barbosa) ora revestidos de papéis temáticos (mãe, moradores, povo, irmãos, paraibanos, cearenses, potiguares, sabidões, governo, ministro e ladrão), considerando-se os últimos com a função social desempenhada pelo autor que passa a assumir comportamentos e atitudes adequadas ao papel temático executado. Vale salientar que o modo de agir e pensar do ator reflete a estrutura social na qual o sujeito se encontra inserido. No caso do cordel analisado, os atores sustentam uma ideologia em relação à transposição do rio São Francisco, ora a favor, ora contra.

O governo é responsável pelo projeto de transposição das águas e é criticado pelo enunciador quando afirma que isto “só servirá pra promover eleição”. Aqui ele delega a voz a Rui Barbosa, atribuindo-lhe a autoria da frase: “haverá um tempo em que o homem sentirá orgulho de ser ladrão”. O ator Ciro Gomes é apontado como o mentor da jogada política. A ele, o enunciador não dá o poder de voz por considerá-lo como ministro de Satanás.

Contrapondo ao pensamento governamental, o enunciador traz à tona Dona Pequena, uma mulher séria e trabalhadora em cuja voz transparece a disposição de defender o que ela

chama de repartição ao “meio como quem reparte o pão”, em luta corporal se preciso for. Eis as citações:

"Dona pequena é baixinha
 Por isso tem esse nome
 É séria e trabalhadora
 Ninguém no mundo a embrome
 Quando ela fica nervosa
 Dá surra até em dez homens."

"Ela disse ninguém faz
 Operação no meu Chico
 Cuido dele direitinho
 Desde quando era Francisco
 N'é hoje depois de velha
 Que vão vim meter o bico."

Ela representa a voz do povo que mora às margens do rio São Francisco e que assume um papel contrário à transposição. Trata-se de um sentimento de gratidão ao rio, pois é dali que o povo tira sua subsistência.

A transposição do Velho Chico é, portanto, o tema mais trabalhado e debatido do texto. Consiste num projeto do governo federal que tem por finalidade desviar parte do rio para áreas que sofrem com a forte seca no Nordeste, beneficiando, assim, a população dessas áreas. É nesse ponto que ocorre o conflito central da narrativa: de um lado aqueles que consideram o prejuízo que irá causar esse projeto, considerando-o como uma jogada política do governo e, de outro, aqueles que acham que as populações do Nordeste irão se beneficiar com o fato. Os exemplos seguintes são demonstrativos:

"Em vez disso o que ele quer
 É dilapidá-lo mais
 Fazer jogada política
 O que muito lhe apraz
 Põe na frente o Ciro Gomes
 Ministro de Satanás”.

“Paraibanos e Cearenses
 E Potiguares também
 Serão beneficiados
 E ao governo dizem amém
 Que do seu lado afirma
 Que irá nos fazer um bem.”

Já o governo é um ator que está do outro lado do conflito, trazendo uma ideologia favorável à transposição e assevera que é um projeto que apenas propõe melhorar as condições de vida dos habitantes das áreas atingidas pela seca. *Beneficiados, fazer um bem* são reflorescimento dos sonhos, melhoria de condições de vida do nordestino. Os atores sertanejos são, também, favoráveis à transposição, porque é através dela que têm a esperança de uma melhoria de vida, sem tantas desgraças e dificuldades.

"Me perdoem os irmãos
 Moradores do Nordeste
 Pra quem a transposição
 Muitos sonhos refloresce
 Mas se isso ocorrer
 Vão saber que mal fizeste."

Ao São Francisco, o velho Chico, são atribuídas várias características ou qualidades tematizadas. O tema *integração* aparece como a característica mais importante do rio, chamado rio da integração nacional pelo fato do curso de suas águas passar por vários estados do Brasil, tendo sua nascente em Minas Gerais e, em Sergipe, seu encontro com o mar. A estrofe seguinte apresenta as figuras que recobrem esse tema:

"Este rio integra povos
 De quase toda a nação
 Sai lá de Minas Gerais
 Da Bahia é o coração
 Em Pernambuco Alagoas
 E Sergipe tem vazão."

O tema generosidade aparece, também, aplicado ao rio e justificado pela contribuição econômica que fornece ao país e à população de suas margens. Como figuras da generosidade, aparecem *fartura do peixe*, *navegação* e *irrigação*. O trecho abaixo confirma:

"Por ser muito generoso
Esse rio é muito amado
Tem a fartura do peixe
E apesar de assoreado
Serve pra navegação
E irrigação dos dois lados."

Vinculado à generosidade, tem-se o tema alimentação que aqui aparece recoberto com as figuras *uva*, *plantação*, *peixe* e, sobretudo, *água*. São elementos da natureza (mencionada como “mãe santa”) que se acha também figurativizada por plantas, animais, água, terra, cascatas, rios e pedras. Toda essa beleza natural parece prejudicar-se com a transposição.

A poluição do São Francisco é mais um tema apresentado no texto, pois lixos tóxicos, provenientes de indústrias e esgotos clandestinos são depositados diretamente nas águas do rio. O enunciador chama, para o fato, atenção e cuidado para que haja uma total revigoração do Velho Chico. *Esgoto*, *lixo tóxico*, *poluído* e *protegido* são as figuras da poluição.

"O Chico anda largado
Está sendo poluído
Por esgoto e lixo tóxico
Precisa ser protegido
Recuperar suas matas
Pra torná-lo mais garrido."

Destruição do rio São Francisco vem a ser o último tema proposto, como consequência da transposição, porquanto, caso ocorra sua concretização, poderá até culminar na total extinção do rio. Como figura da destruição aparece o *impacto ambiental*, e dilapidação cada vez maior do rio, além dos elementos poluentes citados antes.

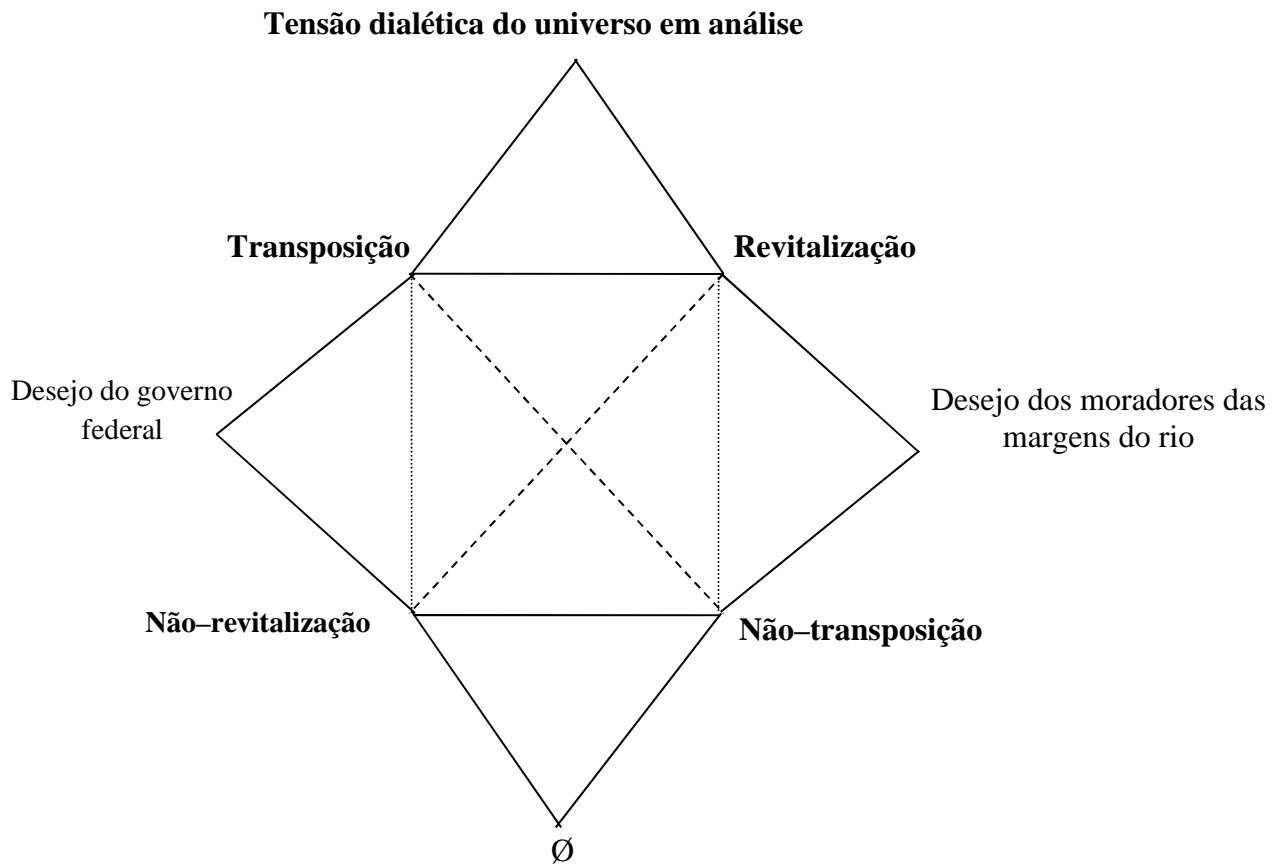
4.2.3 Estrutura Fundamental

Considerando o nível das estruturas fundamentais, percebemos que a significação do texto é construído a partir de uma oposição semântica que corresponde à:

transposição x revitalização

Ou seja, o governo federal tem como propósito realizar o projeto da transposição do rio São Francisco, recebendo o apoio dos moradores das áreas que serão beneficiadas com a transposição. Em oposição aparecem os moradores das margens do rio, que dele retiram seu sustento através da pesca e da navegação. O amor ao São Francisco por parte dessas pessoas é tão intenso que o denominaram carinhosamente de “velho Chico”. São contrários à transposição primeiramente por possuírem a sua economia baseada no rio e, também, pelo fato de saberem que o rio sofrerá com o projeto do governo, já que sofre com a poluição proveniente de esgoto e lixo tóxico. Neste último aspecto, os moradores recebem o apoio dos defensores da natureza em geral, que defendem uma revitalização do rio.

Note-se, no Octógono Semiótico, a tensão dialética da narrativa: transposição é o contrário de revitalização, enquanto não-revitalização e não-transposição são seus contraditórios. Disso, podemos concluir que o desejo dos povos que residem às margens do rio é a busca da revitalização que encontra barreira no projeto do governo federal.



Diante de toda a análise realizada, o que percebemos é que a transposição do São Francisco é um tema bastante controverso e de difícil resolução. Cabe, então, ao governo federal tomar uma decisão que beneficie os lados diretamente envolvidos, a população que receberá as águas do rio após a transposição e os povos que dependem financeiramente do São Francisco, que lutam pela sua revitalização.

4.3 O atentado do Papa abalou o mundo inteiro

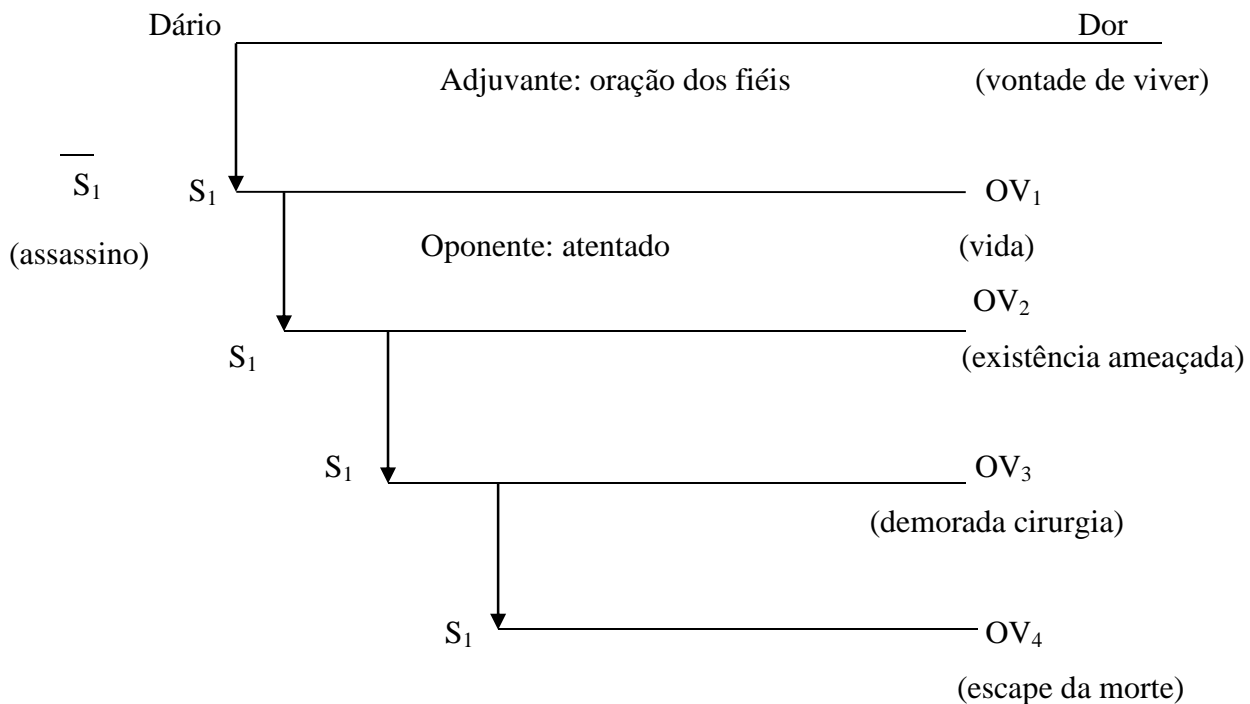
O texto nos relata um acontecimento de destaque mundial, o atentado contra o Papa João Paulo II, figura mundialmente respeitada e adorada. O folheto representa, com precisão, a aflição sentida pelos católicos ao redor do mundo depois de testemunharem ao vivo um rapaz atirar no representante maior da Igreja Católica Romana. Após o susto do atentado, a inquietação foi pela vida do Papa, que havia ficado ameaçada após os tiros recebidos. Os católicos, então, apegaram-se à religiosidade para auxiliar João Paulo II e passaram a interceder, através de orações, pela sobrevivência do pontífice.

4.3.1 Estruturas narrativas

4.3.1.1 A propósito do sujeito semiótico 1:

O Sujeito Semiótico 1 aparece figurativizado pelo Papa João Paulo II³. No texto em análise, o S_1 se instaura por uma modalidade de *querer-viver* e realiza um percurso em busca da vida, que corresponde ao Objeto de Valor principal, porquanto, ao sofrer um grave atentado, sua existência se tornou ameaçada (OV_2). Passou por uma delicada e demorada cirurgia (OV_3) e, com a adjuvância das orações dos fiéis católicos e a sua vontade de viver, conseguiu escapar da morte e salvar-se (OV_4). O homem que dispara a arma em direção ao cardeal revela-se como o anti-sujeito. Eis o programa principal do S_1 :

³ No cordel em questão, o religioso é tratado por diversas vezes de Papa Paulo João

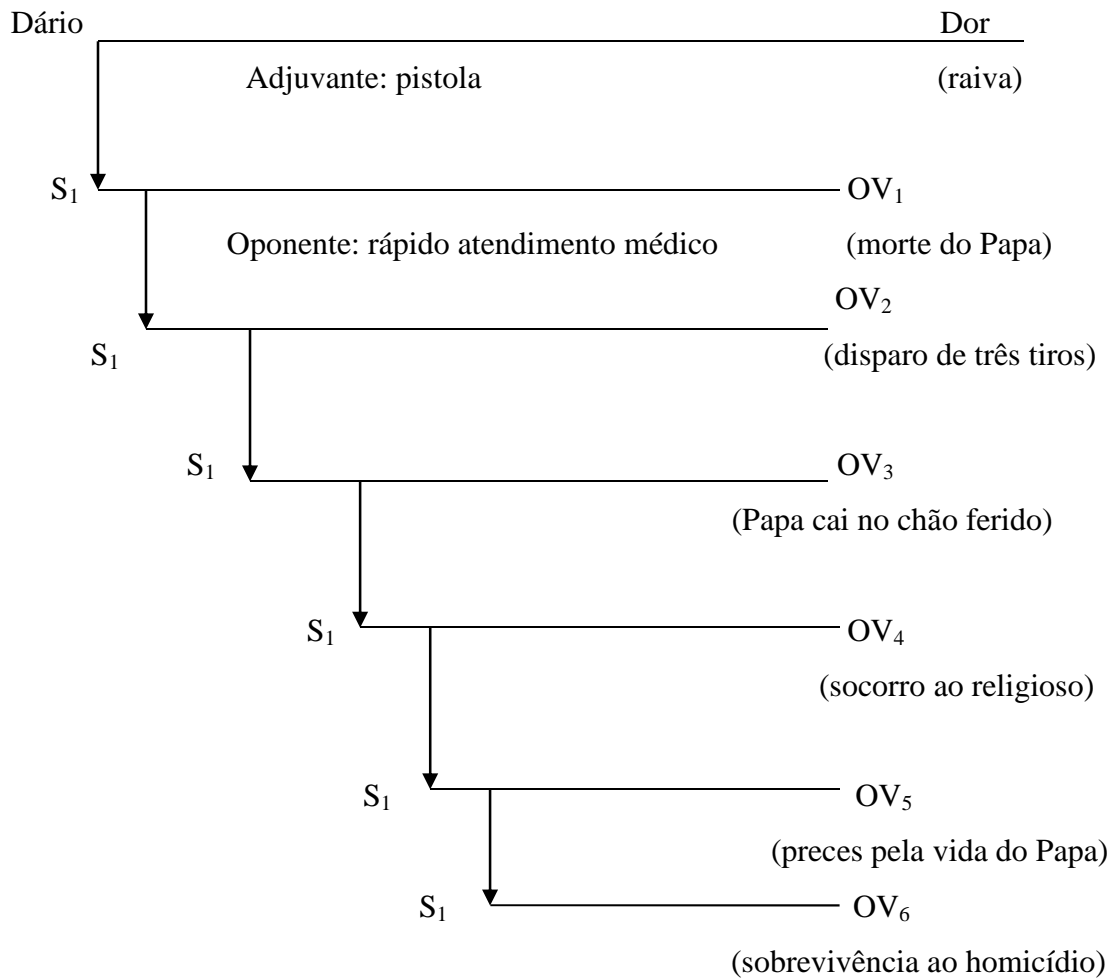


$$En = F [S_1 \cap OV \rightarrow (S_1 \cap OV)]$$

Como se percebe, o S_1 inicia e termina seu percurso em conjunção com seu objeto de valor, a vida. Uma vez que, mesmo sofrendo uma forte oponência, ele consegue alcançar seu OV.

4.3.1.2 A propósito do sujeito semiótico 2:

O responsável pelo atentado, o turco Mehmed Ali Azca, vem a figurativizar o S_2 . Destinado pela raiva, o sujeito procura tirar a vida do chefe supremo da Igreja Católica (OV₁). Para alcançar seu objetivo, utiliza-se de uma pistola e dispara três vezes em direção ao Papa (OV₂), que estava com uma criança no colo e, em meio a uma multidão de aproximadamente 20 mil pessoas, vai ao chão gravemente ferido (OV₃). O socorro ao religioso é imediato (OV₄) e os católicos de todo o mundo, abalados e comovidos, concentram-se em suas preces pela salvação da vida do pontífice (OV₅). Graças a um eficiente procedimento cirúrgico, o Papa sobrevive à tentativa de homicídio (OV₆). O percurso é sistematizado da seguinte forma:



$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_2 \vee \mathbf{OV} \rightarrow (\mathbf{S}_2 \vee \mathbf{OV})]$$

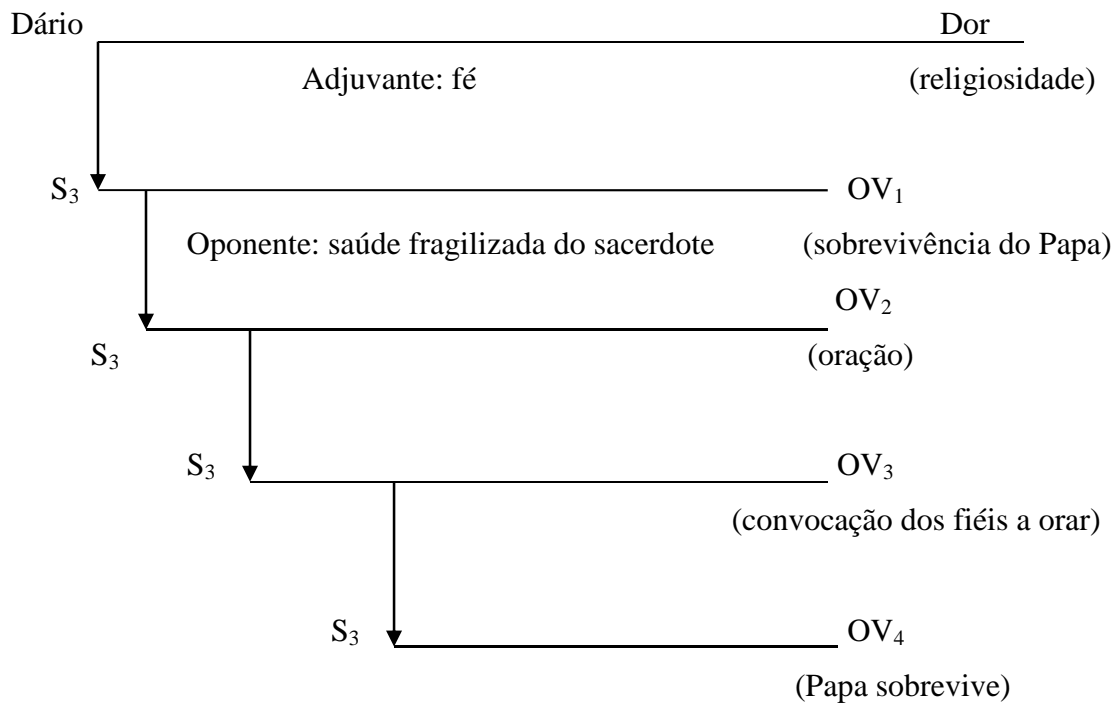
Como se vê, o sujeito semiótico 2 inicia seu percurso disjunto com seu objeto de valor e mesmo após os disparos terem causado graves ferimentos no Papa, este sobrevive, o que culmina na também disjunção no final do percurso entre o S_2 e seu objeto.

4.3.1.3 A Propósito do sujeito semiótico 3:

O padre Hélder Câmara⁴ figurativiza o sujeito semiótico 3. Ao saber do atentado contra a vida do sacerdote, transforma-se num sujeito de um *querer-fazer* algo para a sobrevivência do mesmo (OV_1) e é impulsionado pela sua religiosidade e auxiliado pela fé que vê através da oração (OV_2) a única maneira de ajudá-lo. Convoca seus fiéis a orarem junto com ele pedindo a Jesus Cristo pelo restabelecimento da saúde do Papa (OV_3). Como

⁴ Grafado na voz do folheto como Elder Camara

oponente, nesse percurso, teríamos a própria saúde do patriarca da Igreja, que havia ficado muito comprometida com os ferimentos dos tiros recebidos, o que poderia acarretar no seu óbito. No entanto, o Papa consegue sobreviver (OV₄), para a alegria dos católicos existentes ao redor do mundo. Vejamos o esquema abaixo:



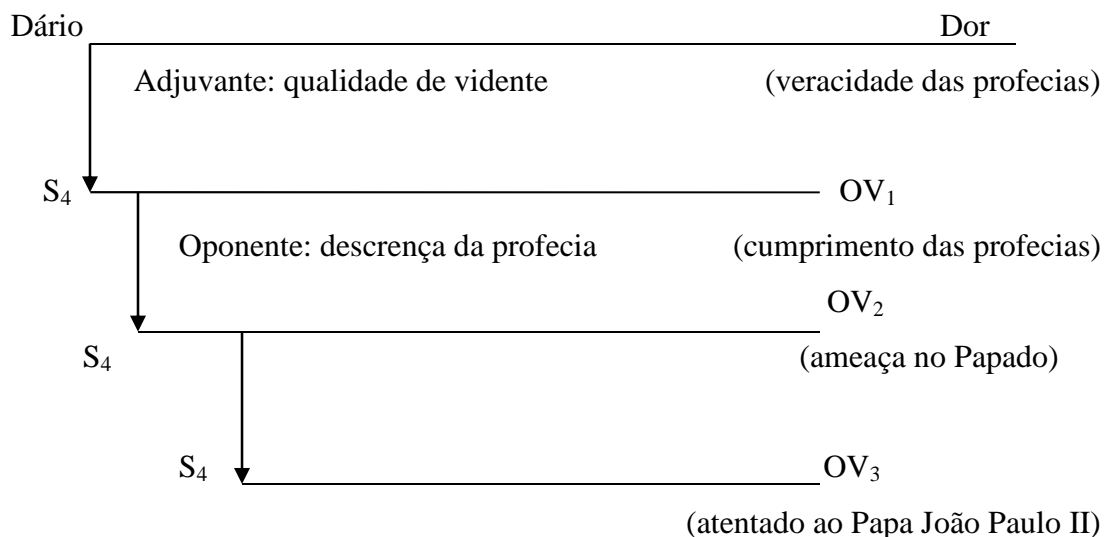
$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_3 \vee \mathbf{OV} \rightarrow (\mathbf{S}_3 \cap \mathbf{OV})]$$

O sujeito semiótico 3 conclui seu percurso no estado de conjunção com seu objeto de valor, uma vez que o Papa consegue resistir aos ferimentos e manter-se vivo.

4.3.1.4 A propósito do sujeito semiótico 4:

O sujeito semiótico 4 é representado por Nostradamus, um apotecário e astrônomo que viveu na época do Renascimento e detentor do dom de vidência. Este ficou mundial e historicamente conhecido através de seu polêmico livro *As Profecias*, cujos presságios contidos relacionavam-se, em especial, à história do Catolicismo, doutrina a qual era convertido, e à própria história da humanidade, envolvendo questões econômicas e políticas.

Ao longo dos anos, muitas de suas profecias já se cumpriram, tais como a 1ª guerra mundial, a bomba atômica e o atentado ao Papa João Paulo II, quando menciona a respeito de uma perseguição à Igreja Católica. No texto em análise, o S₄, auxiliado pela qualidade de vidente e destinado pela certeza da veracidade das profecias que prenuncia, busca o cumprimento de seus vaticínios (OV₁) e em uma entrevista a um jornal de sua época, assegura que o Papado enfrentaria uma ameaça (OV₂) e o atentado ao Papa João Paulo II (OV₃) confirma a profecia anunciada quatro séculos antes. O oponente aqui é representado pela descrença da profecia, no entanto, diante da efetivação dos fatos preditos, essa oponência se releva débil. Vejamos o gráfico que sintetiza o percurso do S₄:



$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_4 \vee \mathbf{OV} \rightarrow (\mathbf{S}_4 \cap \mathbf{OV})]$$

O sujeito semiótico 4, encontra-se no início de seu percurso num estado de disjunção com seu objeto de valor, explicável pelo fato de suas profecias se referirem a acontecimentos futuros e apenas compreendidas após a ocorrência dos fatos prenunciados, mesmo o S₄ tendo a segurança da realização concreta de seus presságios. O atentado ao Papa revela-se a concretização de uma de suas profecias, o que transforma, no final do percurso, para um estado de conjunção do S₄ com seu objeto de valor.

4.3.1.5 Quadro-resumo das estruturas narrativas

Sujeito Semiótico	Objeto de Valor	Junção		Destinador	Anti- sujeito	Adjuvante	Oponente	Modalização Instauração do sujeito
		Conjunto	Disjunto					
S ₁ (Papa Paulo João)	Vida	x	-	Vontade de viver	Assassino	Oração dos fiéis	Atentado	<i>Querer-viver</i>
S ₂ (Mehmed Ali Azca)	Morte do Papa	-	x	Raiva	-	Pistola	Rápido atendimento médico	<i>Querer-matar</i>
S ₃ (padre Elder Camara)	Sobrevivência do Papa	x	-	Religiosidade	-	Fé	Saúde fragilizada do sacerdote	<i>Querer-fazer</i>
S ₄ (Nostradamus)	Cumprimento das profecias	x	-	Veracidade das profecias	-	Qualidade de vidente	Descrença da profecia	<i>Ser</i>

4.3.2 Estruturas Discursivas

As relações intersubjetivas, na sintaxe discursiva, do cordel *O atentado do Papa abalou o mundo inteiro* retrata o incidente que debilitou as estruturas da Igreja Católica, além de causar uma grande repercussão ao redor do mundo, que foi o atentado ao Papa João Paulo II. Sendo o enunciador detentor de valores culturais, seu discurso reflete a visão de todos os católicos a respeito de tal acontecimento. Por demonstrar-se um seguidor ardoroso do catolicismo, o enunciador noticia de uma forma triste o atentado ao pontífice romano. Sendo este considerado um representante de Deus na Terra, a sua morte aparentemente iminente devido à gravidade do atentado, ocasionou muita preocupação, desalento e ansiedade entre todos os fiéis ao redor do mundo. O excerto elucidado:

“Peguei na pena chorando
Fitando ao céu primeiro
As lágrimas de quatro em quatro
Molhando o traviceiro
O atentado do Papa
Abalou o mundo inteiro”

No texto em questão, o enunciador é aquele que mais fala, que mais se pronuncia, em apenas dois momentos da narrativa é que delega a voz a três atores. Podemos ver uma projeção explícita do enunciador através de um “eu” embreado com o enunciado. Observem o trecho a seguir:

“Era meio dia, em ponto
Na rua da Imperatriz
Quando eu ia passando
Um colega assim me diz
O atentado do Papa
Abalou todo País”

Para atestar a veracidade do que é exposto, percebe-se, no discurso, a presença de sete atores, dos quais apenas dois se manifestam através de uma fala. O Papa, Mehemed

Aliazca, a humanidade, Élder Camara, Nostradamus, um repórter e uma criança representam os atores da narrativa.

O Papa João Paulo II representa o ator em torno do qual todos os acontecimentos da narrativa. Seu papado foi marcado pela incansável luta pela paz internacional e pela defesa dos direitos humanos. Participou, ainda, de cerimônias ecumênicas, o que foi um marco na história da Igreja Católica. Por apresentar um grande carisma, sempre reunia multidões nos lugares que visitava. Era estimado pelos fiéis que o reverenciavam e vibravam com suas aparições e discursos que realizava. A adoração por parte dos católicos era tão intensa que passaram a designá-lo de “Santo Padre”, o que reflete a visão que os cristãos possuíam, uma vez que viam na figura do Papa a própria representação terrena de Deus.

Por ser uma figura mundialmente conhecida e por tratar questões polêmicas que atingiam todas as partes do planeta, João Paulo II, além de atrair muita afeição e respeito por parte de muitas pessoas, ao mesmo tempo também atraía raiva por parte de outras. Foi o que aconteceu no ano de 1981, quando um turco, Mehmet Ali Ağca⁵, aproveitou-se de mais uma das agitadas aparições do Papa para despejar sua ira ao Sumo Pontífice da Igreja Católica através de um atentado contra a sua vida. No entanto, mesmo sendo ferido de forma grave, o Papa consegue sobreviver após uma cirurgia com bom êxito. Observemos nos textos:

⁵ No cordel, grafado ora como Mehemed Aliazca, ora como Mehemed Ali azca

“Era umas Dez mil pessoas
 Todos fazendo oração
 Foi quando veio os disparos
 Nessa mesma ocasião
 Já o Papa se achava prostrado lá
 pelo chão”

“Mehemed Aliazca
 O nome do assassino
 E ele alvejou trez vezes
 Com um jeito de mofino
 A Justiça do Vaticano
 É quem manda o seu destino”

“Também foi prezo na hora
 Se achava muita gente
 Com a pistola na mão
 De raiva rangindo os dentes
 E também quase lichado
 Foi prezo diretamente”

“E foi com seis ferimentos
 O Santo Papa João levado
 diretamente
 No meio da multidão
 Também foi submetido
 Com exito uma operação”

A humanidade, sendo um ator não nomeado, representa no texto todos aqueles que ficaram aflitos com o atentado ao Papa, não figurando apenas aqueles que presenciaram o ocorrido, pois, devido à velocidade da informação, a notícia da tentativa contra a vida do religioso foi transmitida simultaneamente para todos os países do mundo, o que culminou numa angústia e tristeza entre todos os habitantes do globo terrestre. Então, em decorrência da distância geográfica entre o resto do mundo e o local do atentado, o ator humanidade teve na oração a única maneira de auxiliar o Santo Padre.

“Todos os paizes do mundo
 Chora sem consolação
 Com bem toda Polonia
 É de cortar coração
 A sua terra natal
 Do Papa Paulo João”

“Chora toda a humanidade
 Do Brasil ao Japão
 A Suíça e o Chile
 Com os joelhos no chão
 Pedindo a sua saúde
 Do Papa Paulo João”

Para representar o Brasil, o enunciador delega a voz ao ator arcebispo Hélder Câmara, representante da igreja católica em Pernambuco. Sua fala reproduz a preocupação dos brasileiros em relação à saúde do Papa após o atentado e o ator aproveita-se da

hierarquia e respeito que possui e convoca todos os fiéis a orarem em conjunto em intercessão a Jesus Cristo pela recuperação de João Paulo II.

“E o padre Elder Camara	“Vamos orar todo mundo
Ao saber do ocorrido	De joelhos companheiro
Disse que o nosso Papa	Pedindo logo a Jesus
A muito que foi ferido	O nosso pai verdadeiro
No sofrimento do povo	Dê saúde ao nosso Papa
Que estava comovido	O seu grande mensageiro.”

O ator Nostradamus aparece como aquele que previu a tentativa de assassinato ao pontífice romano centenas de anos antes e, pelo fato de suas profecias só serem compreendidas após sua concretização, as pessoas, no momento, não creram na ameaça que estava reservada ao Vaticano. Então, só após o atentado ser um fato real, foi que houve a conexão entre esse episódio e a profecia de Nostradamus. Eis os trechos:

“Aqui eu fasso uma pausa	Com toda preceverança
Com fé na Virgem Maria	Do partido Socialista
Pra falar em Nostradamus	Que existe lá na França”
Um Astrólogo de valia	“O Franceis Nostradamus
E Frances do seculo XVI	Disse ao povo do senado
Com toda deplomacia”	Que a sua profecia
“E ele foi quem previu	Nunca deu um golpe errado
Com a maior importância	E tambem uma ameaça
Uma eutrevista em jornal	Ia haver lá no Papado”

O repórter e a criança são atores não nomeados, mas que representam todos aqueles que ficaram assustados com o ocorrido ao Papa João Paulo II. Ao questionar a criança sobre o atentado, ela sintetiza a opinião e o sentimento de toda a população mundial sobre a repercussão do fato. Notem no fragmento a seguir:

“Um repórter perguntou
a uma criança em um segundo

tú soube do atentado
 e ela com os olhos fundo
 respondeu a ele assim
 isto é o fim do mundo”

A temporalização do texto em análise está assinalada pelo passado em simultaneidade a um presente. Essa concomitância entre esses tempos verbais especificam a distância e a aproximação do enunciador em relação ao que enuncia. Por retomar uma história que estava na esfera da memória, o enunciador, através de uma *debreagem*, faz uso de verbos no passado, representado pelas seguintes formas verbais: peguei, abalou, era, ia, escrevi, chegou, foi, vi, saíram, disse, estava, achava, alvejou, ficou, teve, ouvi, distribuiu, tinha, previu, deu, soube, respondeu e nasceu.

O presente marca uma *embreagem* do enunciador em relação ao enunciado, ele se manifesta sobre o fato que denuncia, pois, por haver vivenciado o atentado ao Papa e por ser um fervoroso cristão, sua intervenção é traduzida por meio de solicitações que faz aos seus irmãos católicos a rezarem em favor de João Paulo II:

“Vamos rezar todo mundo
 Do Brasil ao Estrangeiro
 Com fé no coração
 Pedindo a Cristo primeiro
 Pela saúde do Papa
 Vamos rezar Brasileiros”

Em outro momento, no trecho “*aqui eu fasso uma pauza*”, o enunciador mais uma vez se manifesta através do tempo presente, contudo, essa intervenção revela uma *embreagem* com a enunciação, embora uma *debreagem* com o enunciado.

Os marcos cronológicos que situam historicamente a narrativa são identificados em três momentos. O primeiro deles corresponde à hora em que o enunciador recebe a notícia do atentado: *meio-dia*. O segundo corresponde à data da primeira visita do Papa ao Brasil, *sete de Agosto*. Esse marco foi utilizado para corroborar o carinho que o enunciador possui pela figura do pontífice, além de sua satisfação e felicidade em receber a santidade católica no seu país. *Dezoito e vinte e trez, Maio e dia treze* foi o momento exato do atentado contra João Paulo II, o que atesta a verdade do discurso enunciado pelo enunciador. *Uma e*

quarenta e duas e quarenta, representam a hora em que o Vaticano dá as primeiras notícias sobre a saúde do Papa após o atentado, notícias que foram ouvidas pelo rádio pelo enunciador.

Com relação à espacialização, no espaço linguístico, a narrativa é construída a partir de uma sequência de enunciações. Ao projetar no texto “*Aqui eu mando uma prece*” e “*Aqui eu fasso uma pauza*”, existe uma tentativa de retorno à enunciação. O enunciador num espaço *aqui*, ao arrojear acontecimentos no passado, reporta-se a um *lá*, que é o espaço do enunciado.

O espaço tópico, caracterizado por situar os atores que se projetam no enunciado é representado, no texto, pelos seguintes marcos referenciais: *mundo, rua da Imperatriz, Brasil, Itália, Vaticano, praça de São Pedro, Polônia, hospital Gemelli e Turquia*.

O *mundo* corresponde ao espaço em que todos os atores da narrativa estão inseridos. Além dessa característica, essa demarcação espacial foi utilizada, ainda, para ressaltar o alcance territorial que a notícia sobre o atentado contra o Papa obteve, devido à importância que João Paulo II possui, uma vez que, por ser o detentor do cargo de maior hierarquia da Igreja Católica Romana, é uma figura muito respeitada e venerada pelos fiéis católicos de todo o mundo. Diante desse respeito e prestígio, o atentado contra a vida do pontífice abateu toda a população mundial, a alegria que a lembrança do Papa emitia se transformou em preocupação com a saúde do religioso.

“Peguei na pena chorando	“Vamos orar todo mundo
Fitando ao céu primeiro	De joelhos companheiro
As lágrimas de quatro e quatro	Pedindo logo a Jesus
Molhando o travezeiro	O nosso pai verdadeiro
O atentado do Papa	Dê saúde ao nosso Papa
Abalou o mundo inteiro”	O seu grande mensageiro”

As aparições de João Paulo II e seus discursos eram sempre ansiosamente esperados por milhões de pessoas, número esse que era o resultado do somatório entre aqueles que podiam estar presentes nos locais em que discursava e aqueles que acompanhavam através dos meios de comunicação, que transmitiam ao vivo para toda a população mundial as manifestações públicas do chefe supremo da Igreja Católica. Diante disso, a tentativa de assassinado ao Papa foi assistida por habitantes de todos os países do mundo e no *Brasil* não foi diferente, logo a notícia se disseminou e a tristeza atingiu também

os brasileiros. No texto, essa região representa o espaço do enunciador que, impactado pela lamentável notícia, relembra a visita que o Papa havia feito no país, que foi recoberta de muito júbilo, sentimento sempre presente em todos os lugares que recebiam o religioso.

“En escrevi a chegada
Muito alegre e bem sutil
Até pássaros cantavam
Nesse céu cor de anil
Foi a sete de agosto
Ele chegou ao Brasil”

O enunciador torna-se o representante da visão dos brasileiros em relação ao atentado, mais especificamente a visão dos nordestinos pernambucanos, visto que o espaço que ocupa na narrativa, a *rua da Imperatriz*, uma tradicional via pública do centro da capital pernambucana, Recife, é o símbolo dessa representação. E não indiferente ao sentimento das demais regiões brasileiras e dos demais países, os naturais de Pernambuco também entraram numa corrente de orações em súplica à sobrevivência de João Paulo II. Os trechos são demonstrativos:

“Era meio dia em ponto
Na rua da Imperatriz
Quando eu ia passando
Um colega assim me diz
O atentado do Papa
Abalou todo País”

“Aqui eu mando uma prece
Com ordem do Soberano
Para a saúde do Papa
Com todos Pernambucanos
O poeta manda prece
Ao Papa do Vaticano”

A *Itália* é um país europeu considerado um dos mais católicos do mundo. Em decorrência dessa característica, contém em seu território o *Vaticano*, uma cidade-estado que se situa dentro da capital italiana, Roma, mas governada pelo Papa. Tudo que diz respeito ao catolicismo, seja a atestação de algum milagre ou a beatificação de alguma personalidade da Igreja, dentre outros aspectos, está a cargo do *Vaticano*, e todas as igrejas católicas existentes ao redor do mundo estão submissas de modo inquestionável aos desígnios do sumo pontífice romano. Dentro dessas demarcações territoriais está o espaço do atentado, a *praça de São Pedro*, localizada no *Vaticano* e conhecida por ser o local de aproximação do

Papa com seus seguidores. E foi em mais uma de suas aparições na praça, com milhares de fiéis aglomerados ao seu redor, que o Santo Padre recebeu os disparos de uma arma de fogo direcionada por um homem intencionado em tirar sua vida. Eis os fragmentos:

“Foi na praça de São Pedro
 No meio da multidão
 Mas sendo lá na Itália
 Eu vi na televisão
 Ele abraça uma criança
 Quando viram um pipocão”

“Mehemed Aliazca
 O nome do assassino
 E ele alvejou trez vezes
 Com um jesto de mofino
 A Justiça do Vaticano
 É quem manda no seu destino”

“O Papa nas duas voltas
 No seu jippe arrodiano
 Umaz vinte mil pessoas
 Se achava ali rezando
 Mas ou menos cinco metros
 O triste foi atirando”

“Lá na praça de São Pedro
 “Ninguém deixe de rezar
 De joelhos pelo o chão
 Olhando para o altar
 Pedindo a Jesus Cristo
 Pro Papa recuperar”

A *Polônia* é a terra natal de João Paulo II. No texto, essa localidade aparece para reforçar a consternação decorrente do atentado, porquanto a tristeza maior se encontraria nesse espaço, uma vez que, sendo o país de origem do Papa, os poloneses se sentiam orgulhosos em ter um compatriota numa posição tão respeitada e louvável.

“Todos os paizes do mundo
 Chora sem consolação
 Com bem toda Polônia
 É de cortar coração
 A sua terra natal
 Do Papa Paulo João”

“Na Polônia onde nasceu
 Parece que morreu gente
 Quando soube da notícia
 Muitos ficaram doente
 E outros enlouqueceram
 Outros morreu de repente”

O *hospital Gemelli*, localizado em Roma, na Itália, é um centro da faculdade de Medicina da Universidade Católica do Sagrado Coração e, por ter sido fundado pelo Papa João Paulo VI, fornecia atendimentos médicos aos Papas. O hospital ficou internacionalmente conhecido por ter sido o local para onde foi levado João Paulo II após o

atentado. Muito ferido, o estado do Papa era grave e sua existência ficou ameaçada. Contudo, depois de passar por uma cirurgia, o Santo Padre conseguiu escapar da morte. Vejamos os exemplos que comprovam:

“E foi com seis ferimento	Da policlínica olmelli
O Santo Papa João	Foi logo na ambulância
Levado diretamente	E sem demora ali
No meio da multidão	Segundo ouvi pelo radio
Tambem foi submetido	Por isso eu conto aqui”
Com exito uma operação”	
“Segundo o diretor	“Ao departamento medico
E depois de medicado	Pouco distante dali
Ficou fora de perigo	Sendo na Universidade
Pior teve o seu estado	Catolica, eu digo aí
Depois da operação	O Sagrado coração
Se acha bem delicado”	Do hospital Gemelli”
“Da unidade Cirurgica	

Por fim, o último espaço da narrativa reporta-se ao lugar de origem do homem que tentou contra a vida do Papa: a *Turquia*. Um país situado entre territórios europeus e asiáticos cuja população, em sua maioria, é composta por mulçumanos. O acusado era um terrorista e, além de ter sido incriminado pelo atentado ao Papa, já era condenado por um assassinato no país de seu nascimento e era fugitivo da justiça turca.

“Mehmed Ali Azca
 Fugitivo da prisão
 Do presidio da Turquia
 E sem dar satisfação
 Ja matou um diretor
 Foi isso sua prisão”

No que concerne ao percurso temático, a narrativa, inicialmente, apresenta-se com o tema *tristeza*, figurativizado pelas “lágrimas” que escorrem em decorrência do choro do enunciador, que se mostra muito abatido ao saber sobre o atentado contra a vida do Papa.

Podemos afirmar que o referido tema permeia toda a narrativa, uma vez que a tristeza sentida pelo enunciador é compartilhada com os demais habitantes do mundo. Nesse caso, o mesmo tema está, ainda, figurativizado pelas expressões “todos os países do mundo chora” e “chora toda humanidade”. Verifiquem o que foi dito nos seguintes extratos:

“Peguei na pena chorando	É de cortar coração
Fitando ao céu primeiro	A sua terra natal
As lágrimas de quatro e quatro	Do Papa Paulo João”
Molhando o travezeiro	“Chora toda humanidade
O atentado do Papa	Do Brasil ao Japão
Abalou o mundo inteiro”	A Suíça e o Chile
“Todos os países do mundo	Com os joelhos no chão
Chora sem consolação	Pedindo a sua saúde
Com bem toda Polônia	Do Papa Paulo João”

Toda essa *tristeza* desencadeada pelo ocorrido ao Santo Padre possui nos temas *respeito*, *estima* e *religiosidade* uma explicação. Por ser o Papa o representante superior de uma tradicional religião que contém o maior número de fiéis no planeta, num primeiro momento, apenas pela posição hierárquica, sua personalidade já reclama por um *respeito* e, especificamente no caso de João Paulo II, seu papado foi marcado não unicamente por esse respeito, mas também pela forte *estima* que os católicos de todo o mundo tinham por ele. Sentimento decorrente da aproximação que o pontífice tinha com a população dos lugares que visitava, sendo ele o Papa que mais territórios visitou ao redor do mundo. A forma como o sumo pontífice é chamado: “Santo Papa João” é a figura desses dois temas.

Ao lado do *respeito* e da *estima*, a *religiosidade*, por ser uma característica muito forte entre os católicos, é um tema muito presente na narrativa. Os religiosos recorrem ao divino e estabelecem uma corrente de orações em petição pela saúde do Papa. As divindades que o enunciador pronuncia, “Jesus Cristo”, “virgem da Conceição” figurativizam o tema:

“Lá na praça de São Pedro
 Ninguém deixa de rezar
 De joelho pelo o chão
 Olhando para o altar
 Pedindo a Jesus Cristo
 Pro Papa recuperar”

“Eu peço a Jesus Cristo
 A virgem da Conceição
 Velte a saúde do Papa
 Pra consolar os Cristão
 Para o triste assassino
 A ele dá perdão”

Em contraposição à *estima*, a *raiva* aparece como mais um tema. É o sentimento que compele o turco a tentar assassinar João Paulo II. O rapaz não se importa com o número de pessoas presentes como também a sua prisão que seria imediata, importa-se apenas em cumprir seu propósito. O modo como ele fica diante do Papa após feri-lo, “rangindo os dente”, representa a figura do tema.

“Tambem foi prezo na hora
 Se achava muita gente
 Com a pistola na mão
 De raiva rangindo os dente
 E também quase lichado
 Foi prezo diretamente”

O tema *vidência* é retratado pelo enunciador apenas para fazer referência à gravidade do atentado, que já havia sido previsto centenas de anos antes por Nostradamus, um francês que viveu no século XVI e que ficou famoso pelas profecias que anunciou que atingiriam as futuras gerações. O próprio Nostradamus figurativiza o tema. Observem o que o texto diz:

“Aqui eu fasso uma pausa
 Com fé na Virgem Maria
 Pra falar de Nostradamus
 Um Astrologo de valia
 E Frances do século XVI
 Com toda deplomacia”

“E ele foi quem previu
 Com a maior importancia
 Uma eutrevista em jornal

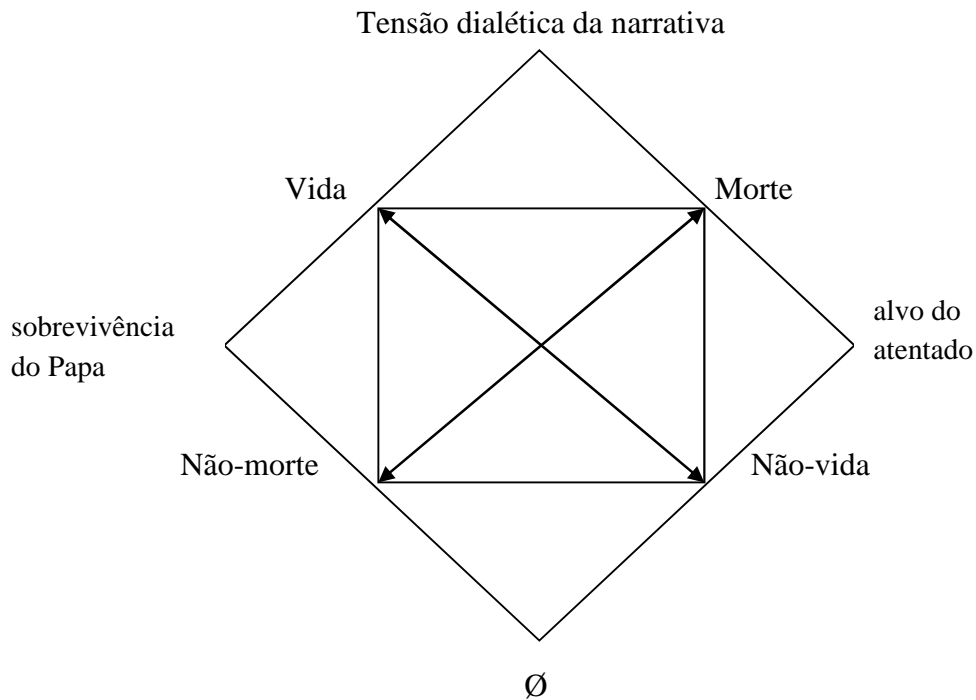
Com toda preceverança
 Do partido Socialista
 Que existe lá na França”

“O Franceis Nostradamus
 Disse ao povo do senado
 Que a sua profecia
 Nunca deu um golpe errado
 E também uma ameaça
 Ia haver lá no Papado”

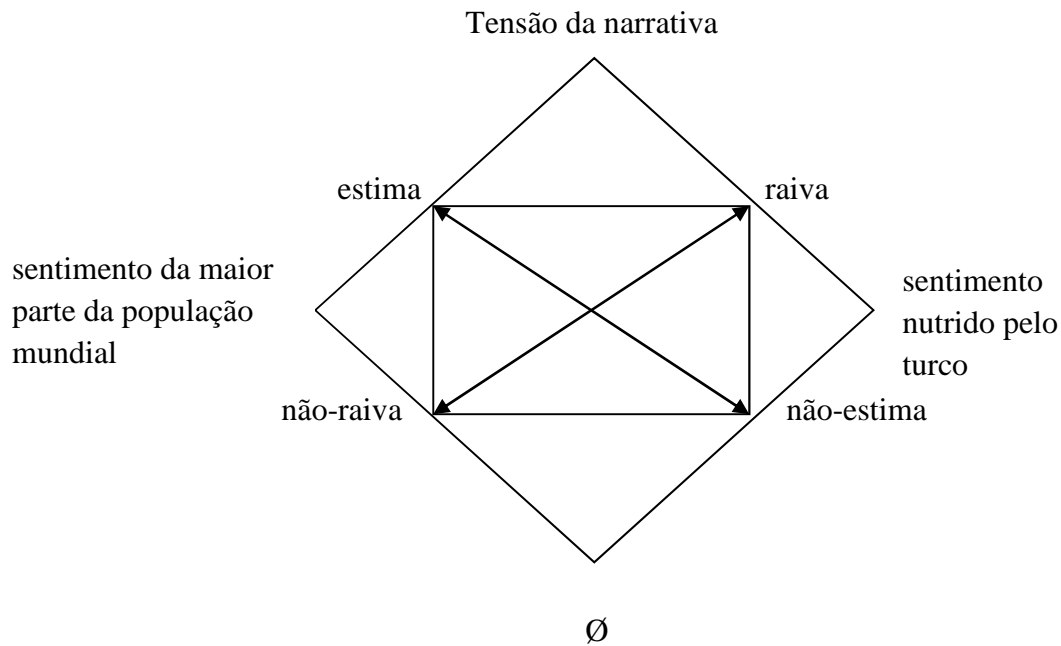
4.3.3 Estrutura Fundamental

Nas estruturas fundamentais do cordel em análise, percebe-se uma tensão dialética entre *vida versus morte*. A *vida* é eufórica para o Papa, pois com a *morte* aparentemente imediata, ocasionada pelos graves ferimentos provocados pelo atentado, uma luta para salvação de sua vida é entabulada e através do empenho de bons médicos que realizaram uma cirurgia bem sucedida, o religioso consegue manter sua vida. Por outro lado, a *morte* seria eufórica para aquele que efetivou o atentado, pois era seu intento ver a *morte* de João Paulo II.

Nessa tensão, o termo *vida* é o oposto do termo *morte* e o contraditório de *não-vida*. *Vida* implica em *não-morte*. A *vida* sem a *morte* resulta no metatermo *sobrevivência do Papa*, que era a vontade de toda a população mundial. *Morte*, por sua vez, é contrário de *vida* e o contraditório de *não-morte*. A *morte* sem a *vida* transforma-se no *alvo do atentado*, que era aniquilar a existência de João Paulo II. Observem-se as relações conflitivas demonstradas através do seguinte octógono semiótico:



Outra tensão dialética manifesta-se na narrativa entre os termos opostos *estima versus raiva*. Esse conflito refere-se aos sentimentos que cercam a figura de João Paulo II. Por ser uma personalidade pública internacional de grande responsabilidade social, cultural e religiosa, estava exposto às mais diversas críticas, sejam positivas ou negativas, e à atração de divergentes sentimentos. No caso de João Paulo II, a *estima* por parte da população mundial foi o sentimento que mais suscitou, mas, após sofrer um atentado, percebeu-se que também atraía a *raiva* por parte de outras pessoas. O octógono a seguir oferece uma sistematização da tensão entre estima-raiva:



O termo *estima* é o contrário de *raiva* e contraditório de *não-estima*. A *estima* implica *não-raiva*. A *estima* sem a *raiva* reverte-se no sentimento da maior parte da população mundial em referência à figura do Papa. Já a *raiva* é o contrário de *estima* e o contraditório de *não-raiva*. A *raiva* pressupõe *não-estima*. A *raiva* sem a *estima* resulta no sentimento nutrido pelo turco pelo pontífice, que o compeliu a realizar o intento contra a vida do religioso.

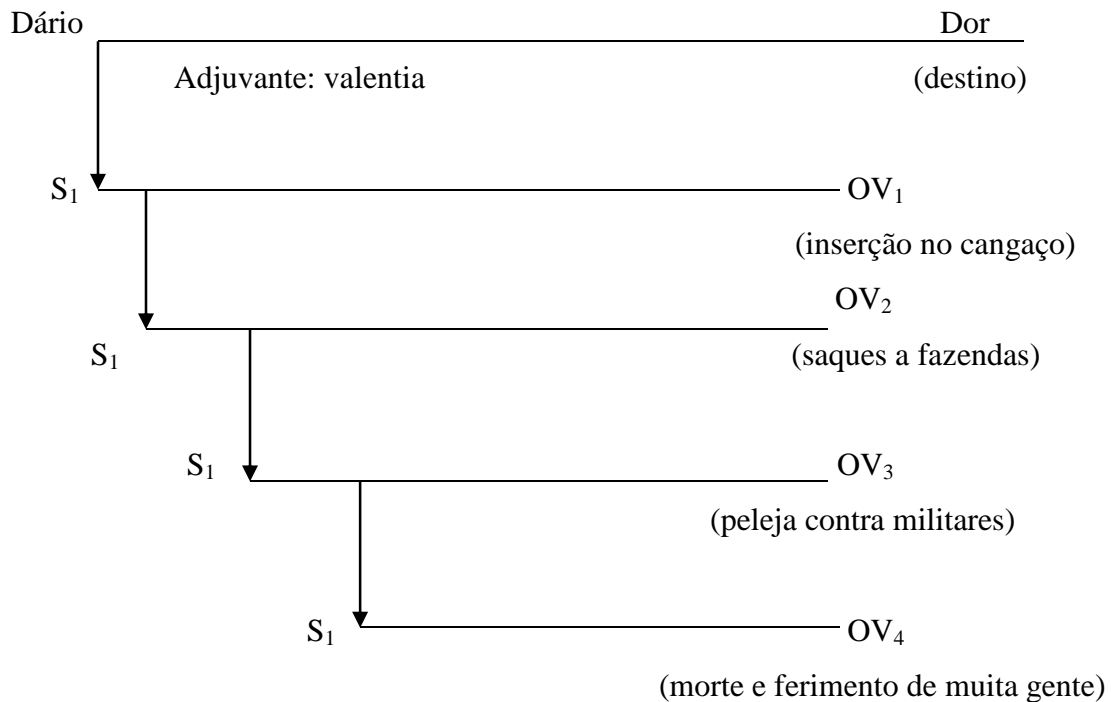
4.4 O último dia de Lampião

O folheto em questão retrata, de uma forma geral, a vida de Virgulino Ferreira, mais conhecido por Lampião, um nordestino que ganhou fama em todo o país pela sua valentia e pelo ódio que conquistou de seus inimigos, representados por militares e fazendeiros, que eram as maiores vítimas desse astucioso cangaceiro. O cordel traz toda a trajetória de Lampião, seu nascimento, seu ingresso no cangaço, as batalhas violentas em que se envolvia com seu bando, as mulheres que o acompanhavam e as perseguições que o cercavam, a última delas, realizada pelo tenente João Bezerra, resultou na morte trágica do valente Lampião e dos demais componentes do bando.

4.4.1 Estruturas Narrativas

4.4.1.1 A propósito do sujeito semiótico 1:

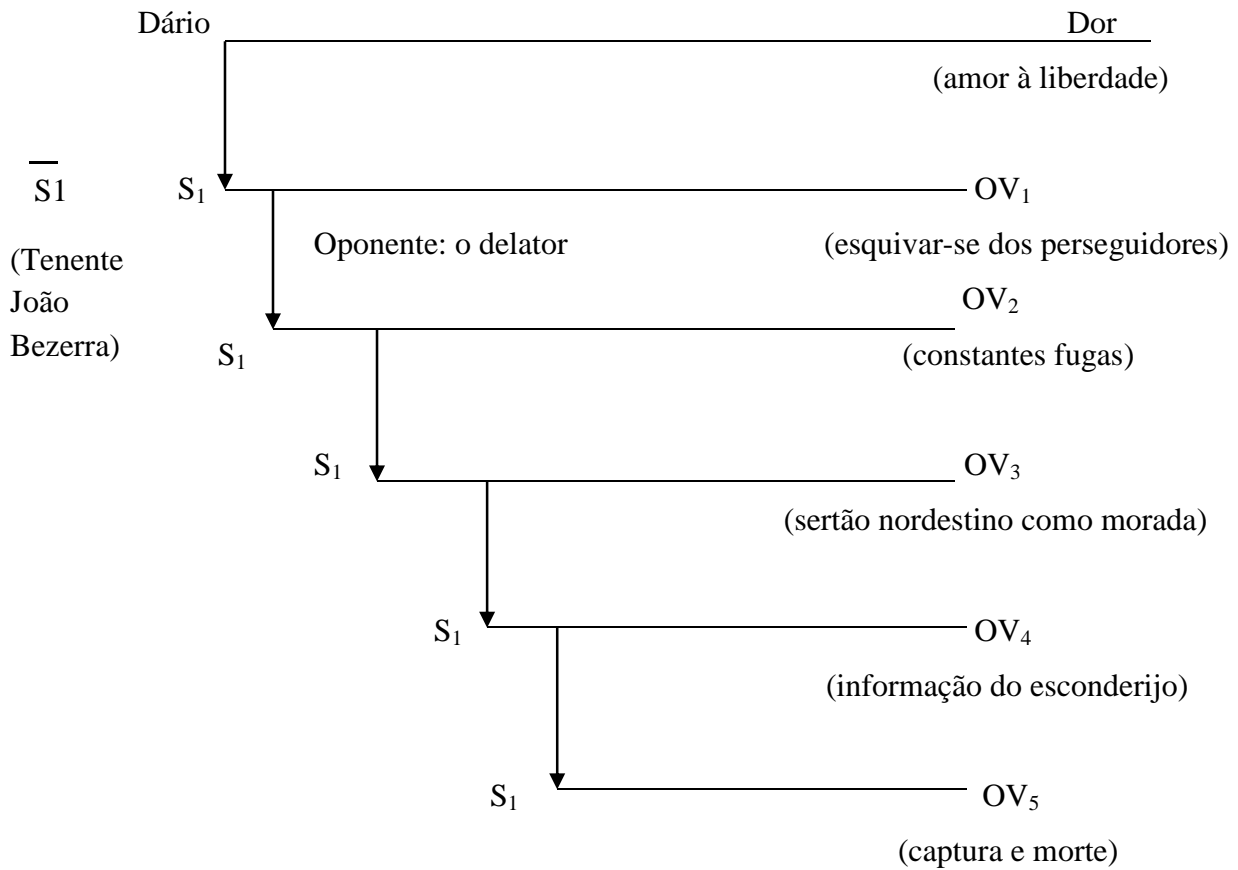
O sujeito semiótico 1 (S_1) surge figurativizado por Virgulino Ferreira, o famoso Lampião, e apresenta um percurso marcado por dois momentos. O momento inicial reflete a instauração do S_1 através da modalidade do *dever-ser* cangaceiro, porquanto, coagido pelo destino, o sujeito inseriu-se na vida de crimes, o cangaço (OV_1), e passou a saquear fazendas (OV_2) e a pelejar contra militares e fazendeiros (OV_3). Esses conflitos resultavam na morte e no ferimento de muita gente (OV_4) por Lampião e seu bando, que tem na valentia, característica marcante do S_1 , uma adjuvância. Veja-se:



$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_1 \cap \mathbf{OV} \rightarrow (\mathbf{S}_1 \cap \mathbf{OV})]$$

Percebe-se que o S_1 iniciou e terminou seu percurso conjunto com seu objeto de valor principal, que era sua inclusão no cangaço. Ele é o responsável direto pela continuidade do estado de conjunção, ou seja, o próprio sujeito semiótico 1 realiza o fazer transformador que mantém essa relação de conjunção.

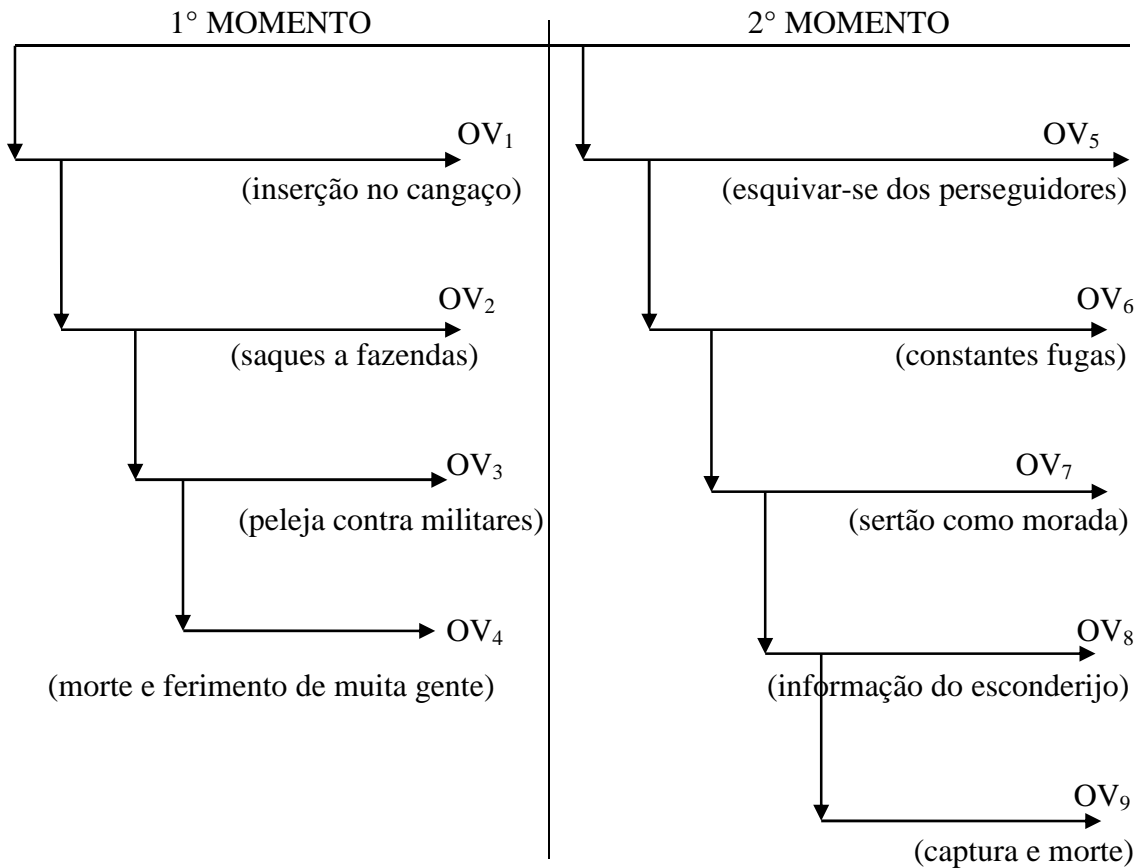
O segundo momento do percurso surge em decorrência dos combates travados por Virgulino, que atraiu ódio e fez muitos inimigos. Como consequência dessa inimizade, o sujeito semiótico 1 passou a ser perseguido pelos seus adversários e se instaura pela modalidade de um *dever-fugir*. Destinado pelo amor à sua liberdade, procurou esquivar-se de seus perseguidores (OV_1) e iniciou um estado de constantes fugas (OV_2). Sem lugar fixo para residir, o sertão nordestino se transformou em sua morada (OV_3). Contudo, a determinação de um inimigo em capturá-lo, o Tenente João Bezerra, representando aqui o anti-sujeito, pôs fim à sua fuga. O militar foi informado por um delator sobre a localização do esconderijo do S_1 (OV_4), é quando este é capturado e morto (OV_5). O esquema seguinte oferece uma sistematização do percurso:



$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_1 \cap \mathbf{OV} \rightarrow (\mathbf{S}_1 \vee \mathbf{OV})]$$

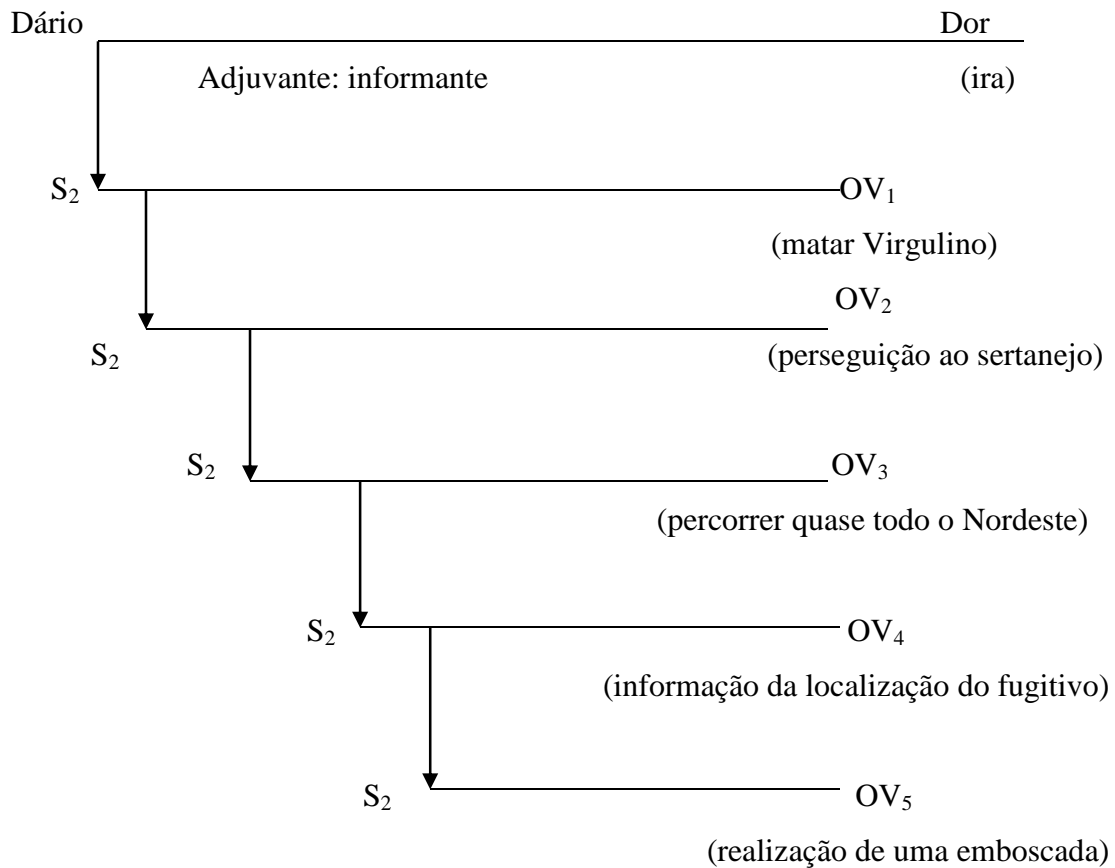
Nesse segundo momento, o S_1 encontra-se num estado inicial de conjunção com seu objeto de valor, passando para um estado final de disjunção com o mesmo.

O percurso completo do S_1 , com os dois momentos, é esquematizado no esboço a seguir:



4.4.1.2 A propósito do sujeito semiótico 2:

O Tenente João Bezerra reveste figurativamente o sujeito semiótico 2 (S₂). Organizado por um *querer-vingar-se* e incitado pela ira, possui como alvo, como objeto de valor principal (OV₁), matar Virgulino e, para isso, aproveita-se de sua respeitada posição hierárquica de tenente e compõe um forte batalhão para ir em perseguição ao criminoso sertanejo (OV₂). Para concretizar sua vingança, o S₂ percorre quase todo o Nordeste (OV₃), porém nunca conseguia encontrar-se com Lampião, até que um dia, ao receber a exata localização do fugitivo através de um informante (OV₄), realiza uma emboscada (OV₅) e mata Lampião, como também todo o seu bando. O esquema abaixo sintetiza o percurso do sujeito semiótico 2:



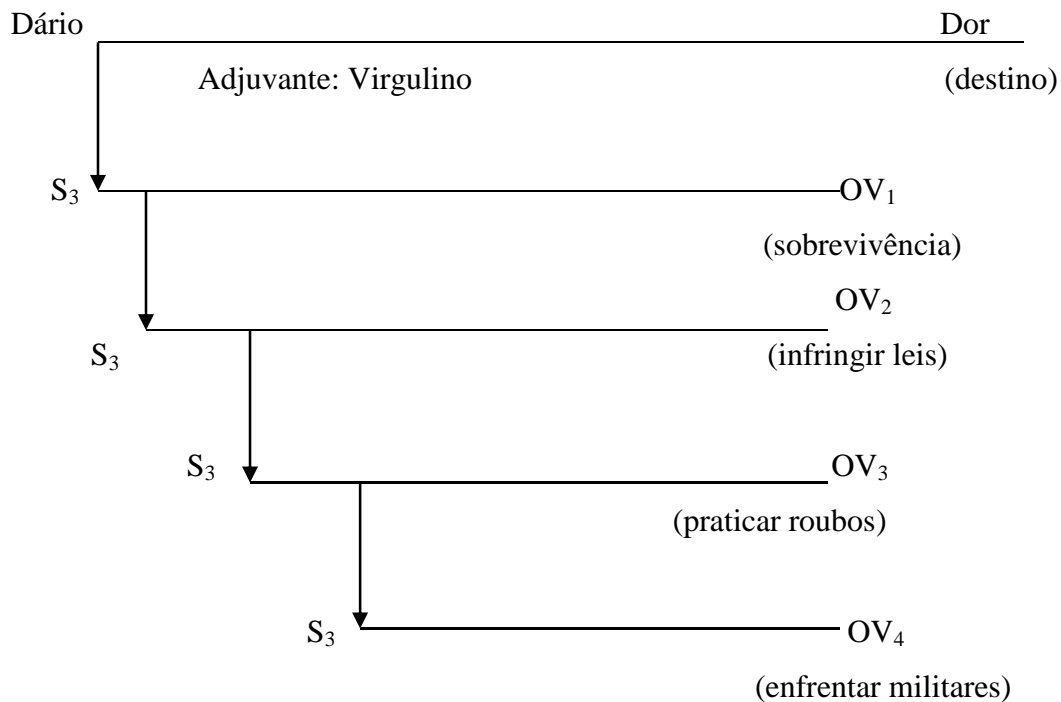
$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_2 \vee \mathbf{OV} \rightarrow (\mathbf{S}_2 \cap \mathbf{OV})]$$

No início do percurso, o S_2 achava-se numa posição disjunta com seu objeto de valor, no entanto, após o fazer transformador efetivado por ele próprio, conclui o percurso conjunto com o referido objeto.

4.4.1.3 A propósito do sujeito semiótico 3:

O sujeito semiótico 3 (S_3) aparece no texto figurativizado pelos cangaceiros que seguiam Lampião, representados pela formação inicialmente e final do grupo. A primeira era composta por seus irmãos Antônio, João, Livino e Ezequiel. O bando final era constituído de apenas quinze homens, número reduzido devido aos violentos combates em que Lampião e seus companheiros se envolviam, que acarretavam em muitos mortos, tanto do lado inimigo, como do lado dos cangaceiros. São eles: Coruja, Corisco, Quinta-feira, Açú, Peitica, Criança, Bentevi, Lavandeira, Xexéu, Pinto D'água, Cajazeira, Beija-flor, Andorinha, Pedro

Cândido e Tananjeira. Todos eles foram acometidos pelo destino a uma vida de privação e se viram obrigados a ingressarem no mundo de crimes para sobreviver (OV_1). Dessa forma, o S_3 é constituído através da modalidade do *dever-ser* um criminoso, um cangaço. Com o auxílio de Virgulino, sertanejo valente, representante maior do cangaço, formaram um bando e passaram a infringir leis (OV_2), praticando roubos (OV_3) e enfrentando com violência os militares que os perseguiram (OV_4). O S_3 , com a liderança de Lampião, transformou-se no representante do cangaço no Nordeste do Brasil.

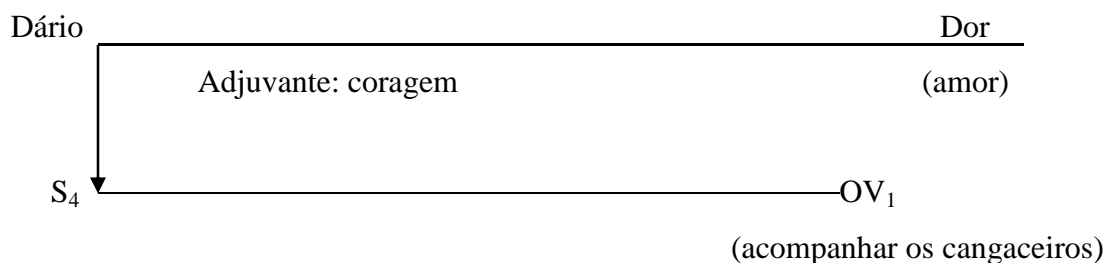


$$En = F [S_3 \cap OV \rightarrow (S_3 \cap OV)]$$

Averigua-se que esse percurso assenta-se numa relação prévia de conjunção. Ao receber os valores modais que o possibilitam a agir, o S_3 executa uma performance que lhe agracia com a obtenção do objeto.

4.4.1.4 A propósito do sujeito semiótico 4:

Da mesma forma que o S_3 , cuja figurativização era composta por diferentes atores, o sujeito semiótico 4 encontra-se numa situação análoga. Na narrativa, S_4 está sob o revestimento figurativo das mulheres que compunham o bando de Lampião: Enedina, Cila, Maria Bonita e Bentinha. É um sujeito instaurado pela competência modal de um *querer-ser* companheiro, porquanto, por amor aos cangaceiros e recebendo o auxílio da coragem que detém, o S_4 se absteve de uma vida calma e de um lar fixo para acompanhar esses homens numa trajetória arriscada, regada a perigosos conflitos. Esse acompanhamento representa o objeto de valor do S_4 .



$$\mathbf{En} = \mathbf{F} [\mathbf{S}_4 \cap \mathbf{OV} \rightarrow (\mathbf{S}_4 \cap \mathbf{OV})]$$

O S_4 , como pode ser constatado no percurso acima, é sancionado positivamente, ou seja, mantém a conjunção com o objeto de valor desejado. O fazer que possibilita esse estado juntivo advém do próprio S_4 que adquire competência para realizar a performance e obter seu objeto. Não existiu uma ação que impedisse a realização dessa obtenção.

4.4.1.5 Quadro-resumo das estruturas narrativas

Sujeito Semiótico	Objeto de Valor	Junção		Destinador	Anti- sujeito	Adjuvante	Oponente	Modalização Instauração do sujeito
		Conjunto	Disjunto					
S ₁ (Virgulino Ferreira)	Cangaço	x	-	Destino	-	Valentia	-	<i>Dever-ser</i>
S ₂ (Tenente João Bezerra)	Matar Virgulino	x	-	Ira	-	Informante	-	<i>Querer-vingar-se</i>
S ₃ (cangaceiros do bando de Lampião)	Sobrevivência	x	-	Destino	-	Virgulino		<i>Dever-ser</i>
S ₄ (mulheres do bando de Lampião)	Acompanhar os cangaceiros	x	-	Amor	-	Coragem	-	<i>Querer-ser</i>

4.4.2 Estruturas Discursivas

No texto, o discurso apresentado pelo enunciador é informativo, ou seja, retrata a vida de um famoso cangaceiro, o Lampião, que ganhou destaque nacional pela sua bravura. Para uns, o cangaceiro foi um criminoso digno de uma severa punição, para outros, era um herói. Mesmo sendo um discurso informativo, o enunciador deixa transparecer na tessitura do texto suas marcas ideológicas, o que denotam uma posição favorável à figura de Virgulino pelo enunciador que, estabelecendo seu enunciatário, o leitor, constrói seu discurso envolto de elementos que visam comprovar a veracidade de sua opinião. Para isso, transmite a voz a cinco atores, são eles: Lampião; os cangaceiros do bando, representados por dezenove figuras: Antônio, João, Livino e Ezequiel, Coruja, Corisco, Quinta-feira, Açú, Peitica, Criança, Bentevi, Lavandeira, Xexéu, Pinto D'água, Cajazeira, Beija-flor, Andorinha, Pedro Cândido e Tananjeira; as mulheres do bando, nomeadas por Enedina, Cila, Maria Bonita e Bentinha; o Tenente João Bezerra e um “cabra”.

Lampião, por se tratar o texto de uma descrição breve de sua vida, corresponde ao ator em que os acontecimentos da narrativa se constroem em torno. Ele aparece como o maior representante do cangaço, um fenômeno que ocorreu no Nordeste brasileiro entre os séculos XIX e XX, cujas raízes de seu surgimento estavam em questões sociais e econômicas, que acometiam moradores do sertão a uma vida de dificuldades e privações. Era um movimento caracterizado por ações violentas de assaltos, sequestros e outros crimes. Comprove o que foi dito no trecho abaixo:

“Os seus dezessete anos
Virgulino completou
não queria ser perverso
mas o destino o obrigou
nunca mais teve alegria
quando no cangaço entrou”

Na narrativa, o ator Lampião encontra-se na maior parte debreado do enunciado em tempo, pessoa e espaço, uma vez que é projetado pelo enunciador num tempo passado, em terceira pessoa e num espaço *lá*, representado pelos estados nordestinos que percorreu ao longo de sua vida. Eis os textos que asseveram:

“Lampião foi nordestino
famoso rei do cangaço
que dominou sete Estados
nunca achou embaraço
Tinha destreza nas armas
quando manajeva o braço”

“Nasceu em noventa e oito
a doze de Fevereiro
sua vida no cangaço
assombrou o mundo inteiro
já nasceu predestinado
para ser um cangaceiro”

Em outros momentos no texto, o enunciador delega a voz a Lampião, que se manifesta através de falas diretas, o que marca a fusão do ator com o enunciado. Observe-se:

“Sempre dizia: - Não faço
herezia nem besteira
tenho que honrar meu nome
sou Virgulino Ferreira
e também tenho direito
nesta terra brasileira”

não nasci para semente
por causa de uma vingança
brigarei eternamente”

“Lampião sempre dizia:
- Serei um homem valente
brigarei enquanto vivo

“Fugiu para uma fazenda
Para melhor se tratar
Com um alicate, o espinho
Conseguiram arrancar
Disse ele: - Só com um olho
Ficou melhor de atirar.”

Assim como Lampião, os cangaceiros, atores representados pelos componentes do bando do sertanejo, possuem as mesmas características do chefe do grupo, eram bravos e violentos e também foram instigados pela situação de penúria em que se encontravam ao entrarem no cangaço. Esses atributos tornaram o bando de Virgulino um dos mais afamados e perseguidos na história do cangaço no Nordeste. Por serem esses atores mencionados em terceira pessoa e num tempo passado, estão debreados do enunciado.

“Era ele e quatro irmãos
Antonio, João e Livino
Ezequiel o mais moço
Tinha o coração ferino
Foram eles os primeiros
Do grupo de Virgulino”

“Tinha o valente Coruja,
Corisco e Quinta-feira,
Açu, Peitica e Criança,

Bentevi e Lavandeira
E o valente Xexéu,
Pinto D’água e Cajazeira
Beija-flor e Andorinha”
“Homens de gênio cruel
O valente Pedro Cândido
Sempre fez um bom papel
E o Tanajura falado
Que nunca foi infiel”.

O bando de Lampião não era composto apenas por valentes homens, existiam também quatro mulheres corajosas que acompanhavam esses cangaceiros. Elas desempenhavam papéis de esposas e faziam as tarefas dignas de tal posição, que eram o companheirismo e os próprios afazeres domésticos. No cordel em questão, esse ator representado pela presença feminina no bando não aparece manifestado por uma fala, mas sim mencionado pelo enunciador em terceira pessoa. Eis os fragmentos:

“E tinham quatro mulheres
Uma delas, Enedina
Cila e Maria Bonita
De Lampião concubina
E Bentinha que morreram
Cumprindo uma triste sina”

“Eram todas corajosas
Andavam na companhia
Do bandido Lampião
Porque sempre ele dizia:
- Para o homem sem mulher
A vida não tem valia”

Mais um papel atoral emerge na narrativa na figura do Tenente João Bezerra, que aparece no texto para representar todos aqueles que viam Lampião como um criminoso digno de uma ríspida penalidade. Por pertencer à milícia, viu-se mais responsável ainda em prender ou matar o malfeitor sertanejo e, aliado à sua valentia e determinação, inicia uma incansável busca ao cangaceiro em todo o território nordestino. É um ator que ora está debreado ora embreado do enunciado, pois em certos pontos do texto é citado em terceira pessoa, com verbos no passado, e em outros, a voz lhe é delegada, é quando se instaura através de um diálogo com o “cabra”, ator que informa ao tenente a localização de Lampião e seu bando. Este último ator aparece como aquele que intermediou a morte de Virgulino,

pois foi através de sua informação que o ator João Bezerra consegue matar o cangaceiro juntamente com seu bando e ter a fama dissipada em todo Brasil. Os excertos comprovam:

“No ano de trinta e oito
um batalhão reforçado
do Tenente João Bezerra
chefe forte e respeitado
já andava no encalço
desse batalhão malvado”.

“Na cidade de Piranhas
ficou Bezerra hospedado
até que um certo dia
alguém trouxe-lhe um recado
o qual dizia: - Tenente
Lampião está acampado”.

“Percorreram Alagoas
entraram pela Bahia
depois foram a Pernambuco
e João Bezerra dizia:
-Deixe está bandido velho
eu hei de pegar-te um dia!”

“O tenente perguntou-lhe:
- Me conte certo o roteiro
me diga se sabe mesmo
onde está o cangaceiro?!
o cabra disse: - Eu conheço
onde vive o bandoleiro”.

Na organização da narrativa, a temporalização do cordel em análise apresenta as marcas que evidenciam tanto o sistema temporal linguístico, quanto o sistema temporal crônico. No que diz respeito ao tempo linguístico, existe a presença de verbos que ordenam a narrativa, são verbos no passado, presente e futuro.

Por relatar uma história que se encontra no âmbito da memória, o enunciador a coloca num tempo passado e mantém-se afastado do enunciado. Por relatar a história de vida de um famigerado cangaceiro, o enunciador faz uso desse tempo verbal para destacar o caráter verossímil do que enuncia e, assim, convencer seu enunciatário da credibilidade de seu discurso.

“Lampião **foi** nordestino
famoso rei do cangaço
que **dominou** sete Estados
e nunca **achou** embaraço
Tinha destreza nas armas
quando **manajeva** o braço”

No final da narrativa, a presença de verbos no pretérito perfeito assinala a fusão do enunciador com a enunciação e, ao mesmo tempo, seu distanciamento em relação ao enunciado, uma vez que esse marco verbal foi utilizado para chamar atenção para a importância histórica da trajetória do cangaceiro Lampião.

Já **terminei** a história
do famoso bandoleiro
o homem que **ganhou** fama
na arte de cangaceiro
seu nome imortalizado
e também **ficou** lembrado
até pelo estrangeiro

O presente do indicativo aparece no texto para marcar um distanciamento do enunciador em relação ao enunciado. É quando transfere a voz aos atores. Afirmação comprovada nas falas do tenente, do informante e do próprio Lampião. Os trechos a seguir demonstram:

“-Me **conte** certo o roteiro / me diga se **sabe** mesmo / onde **está** o cangaceiro?!”

“Eu **conheço** onde **vive** o bandoleiro”

“**Fica** daqui a três léguas
onde **existe** um riachão
uma fonte, um enorme grutilhão
é lá que **está** acampado
o bandido Lampião”

“Para o homem sem mulher a vida não **tem** valia”

Esse distanciamento também é detectado nos verbos no futuro do presente, que aparecem para assegurar a bravura do homem sertanejo, que não teme perigos nem inimigos. Por causa dessa qualidade, o nordestino ficou conhecido nacionalmente pela sua masculinidade, pela sua virilidade. A fala do ator Lampião atesta:

“Lampião sempre dizia:
 -**Serei** um homem valente
brigarei enquanto vivo
 não nasci para semente
 por causa de uma vingança
brigarei eternamente”

No que concerne ao tempo crônico, responsável pela organização da narrativa através de expressões de tempo, o cordel em análise apresenta uma ordenação dos fatos narrados por meio de datas, idade e horas. Todos os acontecimentos ali registrados são situados historicamente. Podemos perceber essas demarcações temporais na data do nascimento de Lampião: *noventa e oito a doze de Fevereiro*; na idade em que Virgulino se inicia no cangaço: *desessete anos*; no tempo em que o cangaceiro permaneceu na vida de crimes: *23 anos*; no ano de sua morte: *ano de trinta e oito*; e na hora em que o Tenente João Bezerra e seu batalhão chegaram ao esconderijo de Lampião e fizeram uma cilada que culminou na exterminação do mais temerário cangaceiro do Nordeste e seu bando: *quatro da madrugada*. Todas essas expressões temporais são utilizadas para oferecer maior veracidade ao que é narrado, pois corresponde a uma história verídica e de grande notoriedade.

Na espacialização, o espaço linguístico do texto em questão é determinado por uma debragem do enunciador em relação ao que enuncia, visto que os fatos por ele narrados estão mnemonicamente situados.

Na expressão: *Vamos ler o relatório / do famoso Lampião*, constata-se uma proximidade, uma identificação do enunciador com o espaço da enunciação, é quando estabelece um diálogo com o leitor, seu possível enunciatário, pois fazendo isso, ele, mais uma vez, intenciona convencer sobre a veracidade do que vai expor.

O espaço tópico é constituído pelo *Nordeste*, correspondendo aqui ao metaespaço, uma vez que esse espaço compreende as demais demarcações espaciais que aparecem no enunciado.

O *Nordeste* do Brasil é uma região conhecida pelo seu clima semiárido, principalmente no sertão, área muito castigada pelo forte sol e pela escassez de chuvas, o que acarreta numa longa estiagem promovendo, assim, a seca, que leva muitos nordestinos a buscarem em outras regiões suas subsistências. Esse fenômeno migratório é percebido desde tempos longínquos, não advém da atualidade, é comum encontrar nordestinos espalhados

pelas demais regiões do país. Por outro lado, outros sertanejos não viam essa mudança de estado como a única solução para sair da situação de miséria em que viviam, optavam por outra alternativa: a vida de crimes. É o caso dos cangaceiros, homens que andavam errantes pelo sertão saqueando fazendas, armazéns, carros que viajavam com mantimentos. Por causa disso, eram pessoas que conheciam bem os territórios nordestinos, principalmente a caatinga, por isso que era difícil a captura desses malfeitores. No texto, esses espaços são representados pelos estados e cidades nordestinos que o ator Tenente João Bezerra percorre em busca de Virgulino: *Alagoas, Bahia, Pernambuco e cidade de Piranhas*. E também pelo lugar em que o cangaceiro estava escondido, *Angico / aquele lugar deserto / já nas águas sergipanas / de Piranhas muito perto*. Toda a narrativa se processa na região Nordeste, além dessas demarcações territoriais, o lugar onde nasceu Lampião também representa essa localidade: *nascido em Águas Belas / lá nas plagas do sertão / do famoso Pernambuco / onde só deu valentão*.

Os temas e as figuras que aparecem no texto remetem a fatos verossímeis, constituintes da cultura popular nordestina. Uma vez que os temas existentes remetem a uma realidade do povo sertanejo e todos aparecem interligados.

O tema *valentia* corresponde a uma característica inerente ao homem do sertão. São varões vigorosos, que gostam de exercer suas autoridades como líderes e chefes de família, a quem todos devem obediência e respeito. No texto, esse tema pode ser conferido no caráter de Lampião, sujeito de uma desmedida bravura, que liderou um bando composto por homens também rijos que agiam com muita coragem e determinação. A *valentia* também pode ser verificada no Tenente João Bezerra, pessoa muito respeitada pela sua bravura, que decide capturar Virgulino. Os adjetivos “valentão” e “forte” e a expressão “um cabra macho” figurativizam esse tema:

“Certo dia numa luta	Lampião ‘ um cabra macho ’
O famoso valentão	O cangaceiro afamado
Num combate com a polícia	Que assombrou o sertão
Seu rifle fez um clarão	Com seu batalhão malvado”.
-Daquele dia por diante	
Seu nome foi Lampião.	“No ano de trinta e oito
	Um batalhão reforçado
“Por causa desse combate	Do Tenente João Bezerra
Seu nome ficou mudado	Chefe forte e respeitado

Já andava no encalço
Deste batalhão malvado”

A designação que aparece nos exemplos a cima do batalhão de Virgulino, “malvado”, denota a percepção de mais um tema, a *violência*. Esta era o cunho das ações do sertanejo e seu bando, que causavam terror por onde passavam. Por outro lado, esse mesmo tema é ainda registrado na atuação dos soldados de João Bezerra para pôr fim à vida de Lampião e seu grupo. “Fogo cerrado” aparece como mais uma figura desse tema. Os fragmentos testificam:

“Quando ele levantou-se
Com sua dama de lado
Os soldados do Bezerra
Fizeram um **fogo cerrado**
Descarregaram os fuzis
Lampião foi alvejado”

“Logo Lampião caiu
Já sem vida sobre o chão
Também Maria Bonita
Morreu sem fazer ação
E começaram a matar
O resto do batalhão”

Ligado à *violência*, o tema *vingança* aparece como o impulsionador dos atos que acontecem na narrativa, porquanto é por uma vindita que Lampião se insere no mundo de crimes e passa a enfrentar autoridades e aqueles que possuíam dinheiro e prestígio. E, além disso, é a *vingança* que motiva a morte do sertanejo, pois o militar João Bezerra queria se vingar do cangaceiro devido aos seus violentos atos e crimes sem nenhuma punição. É aí que se surge mais um tema, a *morte*, que, em decorrência de todo o ódio que o nordestino atraiu para si, muitos queriam vê-lo morto e por muitas vezes ele conseguiu esquivar-se da *morte*, mas o desejo de vingança do tenente foi superior que conseguiu por fim à trajetória de valentia de Lampião. Notem o que foi dito nos seguintes trechos:

“Lampião sempre dizia:
-Serei um homem valente
brigarei enquanto vivo
não nasci para semente
por causa de uma vingança
brigarei eternamente”.

“Depois da vingança feita
 os soldados justiceiros
 cortaram todas cabeças
 dos famosos bandoleiros
 e também de Lampião
 Rei de todos os cangaceiro”

A *fama* vem a ser um tema que se refere tanto a Lampião quanto ao tenente. O primeiro ganhou notoriedade pela sua *valentia*, a denominação que lhe atribuíram, “rei do cangaço”, testemunha essa *fama*. Por ter sido o cangaceiro mais famoso da história do nordeste e, ao mesmo tempo, o mais perseguido, o Tenente João Bezerra, único que conseguiu capturar Virgulino, tornou-se uma figura aclamada. O modo como ficou conhecido pelo seu feito, “herói”, figurativiza esse tema. Vejam:

“João Bezerra ganhou fama
 teve a palma da vitória
 porque venceu uma luta
 que lhe trouxe muita glória
 a qual ficou registrada
 nas páginas desta história”.

“Porque foi grande herói
 em vencer um batalhão
 de fama imortalizada
 como o de Lampião
 que foi o rei do cangaço
 o assombro do Sertão”

Em oposição a todos esses temas, o *companheirismo* é um tema que representa a parte feminina do bando de Lampião, composta por mulheres determinadas e ousadas, que acompanhavam os cangaceiros para onde fossem. Essa característica é muito marcante na mulher nordestina, que sempre está ao lado de seu companheiro em todos os momentos, fossem bons ou ruins, sempre zelando pelo lar, pelo marido e filhos. Essa qualidade de ser companheira é valorizada por Lampião:

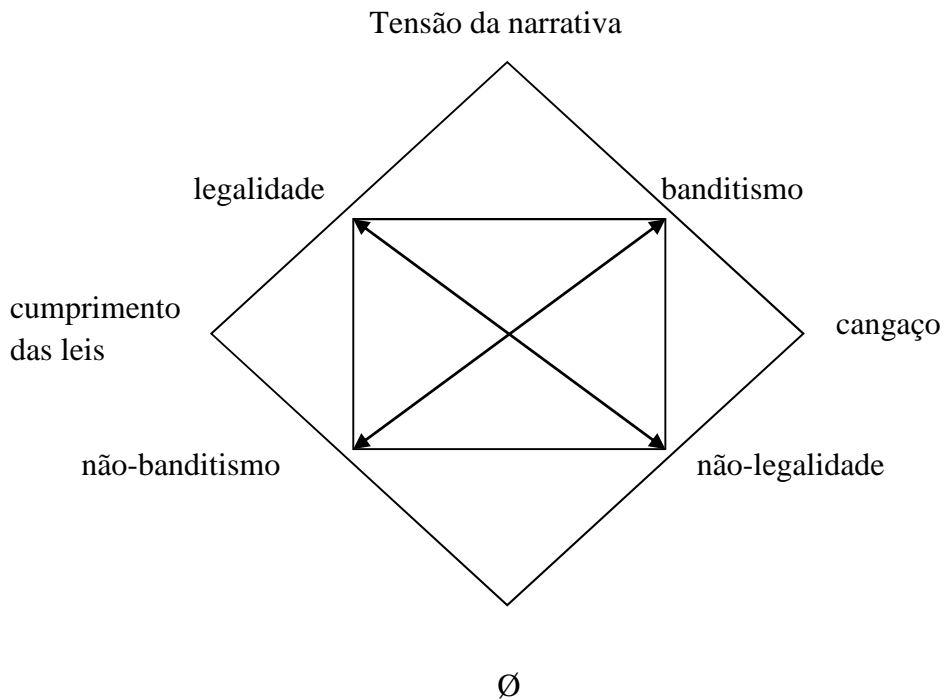
“Eram todas corajosas
andavam na companhia
do bandido Lampião
porque ele sempre dizia:
-Para o homem sem mulher
a vida não tem valia”.

4.4.3 Estrutura Fundamental

O nível fundamental do folheto de cordel em questão concentra as relações conflitivas que permitem a compreensão da ideologia subjacente na narrativa.

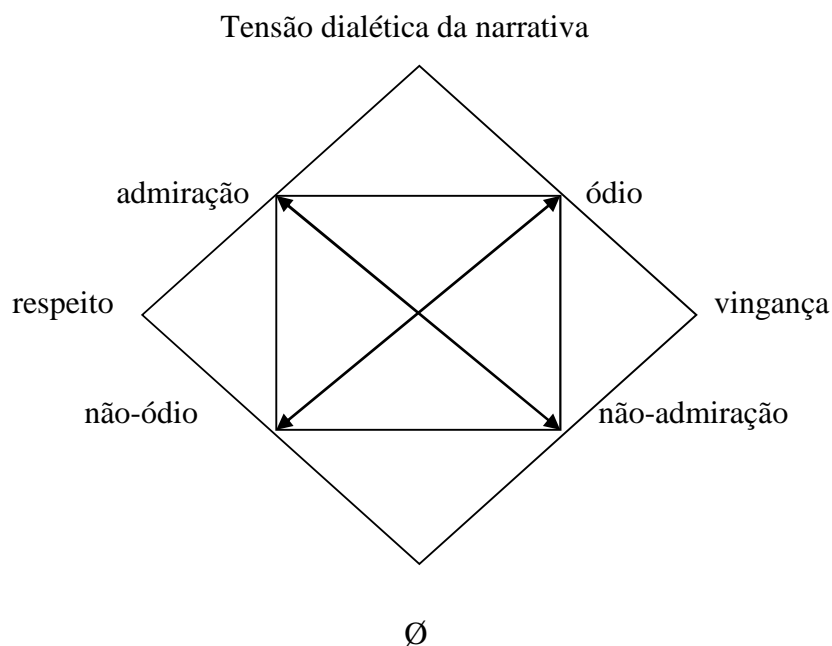
A primeira tensão dialética corresponde ao conflito entre a *legalidade* e o *banditismo*. O termo *legalidade* é o contrário de *banditismo* e o contraditório de *não-legalidade*. *Legalidade* implica em *não-banditismo* e dessa implicação resulta no *cumprimento das leis*. O termo *banditismo*, por sua vez, é o contrário de *legalidade* e o contraditório de *não-banditismo*. A pressuposição entre *banditismo* e *não-legalidade* manifesta o metatermo *cangaço*.

O termo *legalidade* torna-se eufórico para o ator João Bezerra, porquanto, por possuir a função de zelar pelo cumprimento da lei, tem a responsabilidade de prender aqueles que a transgridem. Já o termo *banditismo* torna-se eufórico para Lampião, um famoso cangaceiro, cuja trajetória foi marcada por práticas de diversos crimes, vivia para violar leis. Essa tensão dialética é demonstrada pelo seguinte octógono semiótico:

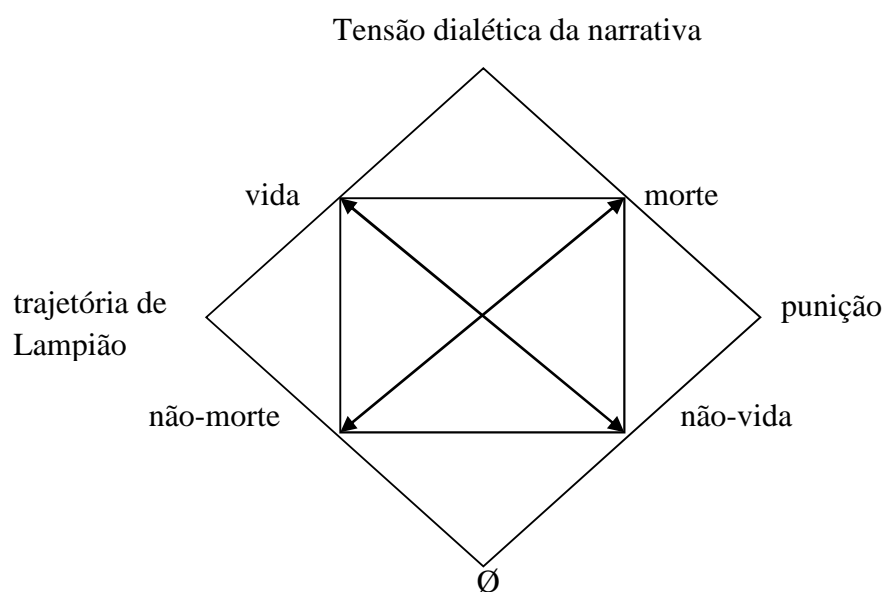


A segunda relação conflitiva aparece entre os termos *admiração* e *ódio*, sentimentos atraídos por Lampião, pois para uns ele era tido como um herói, um homem valente, no entanto, para outros, um facínora que deveria pagar pelos seus crimes.

Admiração corresponde ao inverso de *ódio* e o contraditório de *não-admiração*. A admiração sem o ódio resulta no *respeito* que a figura de Lampião deteve. Já o *ódio* representa o contrário de *admiração* e o contraditório de *não-ódio*. O *ódio* sem a *admiração* reverte-se no desejo de *vingança* ao famoso cangaceiro e seu bando. O octógono abaixo comprova essa oposição:



Outro conflito que emerge na narrativa é entre os termos *vida* e *morte*. O primeiro deles refere-se à própria existência de Lampião, marcada por muitas dificuldades desde sua adolescência até a sua *morte*, efetivada pelo tenente João Bezerra. O termo *vida* aparece como o contrário de *morte* e o contraditório de *não-vida*. A *vida* sem a *morte* resulta na própria *trajetória de Lampião*. O termo *morte* é oposto à *vida* e o contraditório de *não-morte*. A implicação da *morte* sem a *vida* corresponde à *punição* que Virgulino teve pelos seus crimes e pela aquisição de muitos inimigos, que queriam vê-lo morto. A tensão dialética entre *vida* e *morte* pode ser visualizada no octógono a seguir:



Em todo o texto, Lampião aparece como uma figura respeitada e representante do Nordeste, pois todos os seus atos, mesmo que infringissem as leis, eram eufóricos, porquanto seus crimes eram motivados por uma existência marcada pela miséria, a escassez de alimentos e de dinheiro impulsionava-o a cometer tais delitos.

CONCLUSÕES

As narrativas de acontecimento ocupam um lugar de destaque na literatura popular. Mesmo o folheto de cordel ostentando uma acentuada variedade temática, a função de informar contribuiu para o aumento dessa diversidade, visto que os fatos que aconteciam na sociedade eram disseminados para a população de uma forma diferenciada, divergindo do jornal convencional, que transmite os fatos de modo imparcial e objetivo. As notícias passaram a ser comunicadas de uma maneira própria da literatura de cordel, envoltas de humor, muitas vezes pelo humor irônico, de críticas e de parcialidade, pois ao propagar um fato, o cordelista deposita em suas composições seu juízo de valor sobre que anuncia, apenas comprometido em firmar seus preceitos, suas convicções.

O que se percebe é que, com o passar dos anos, a função informativa do cordel está cada dia mais em crescimento. É grande a presença de folhetos ditos noticiosos, nos dias de hoje, dispostos à venda. Retratam casos de corrupção na política, escândalos no mundo dos famosos, fatos que chocam a população etc. Podemos afirmar que a velocidade com que as informações são espalhadas se torna um fundamental contribuinte na intensa produção desses folhetos.

Nos quatro folhetos analisados, o enunciador revela seu posicionamento em relação aos fatos que noticia e procura representar os valores sociais e culturais de seu povo. No primeiro deles, o enunciador alia dois mundos, o das celebridades e o do esporte e aproveita-se do escândalo de Ronaldo com os travestis para propagar a notícia com sua marca ideológica, que reprova totalmente a atitude do protagonista do episódio. No segundo, há uma grande apreensão pela política atual, representada pela transposição do rio São Francisco, uma preocupação da nação que vem gerando muitos conflitos. As marcas ideológicas presentes na narrativa são do sujeito enunciador que se responsabiliza por uma coletividade e busca radicalmente ir contra o governo. No penúltimo texto, a inquietação refere-se ao atentado contra o Papa João Paulo II, mais uma vez o enunciador aparece como um sujeito representante da religiosidade católica do povo nordestino, que se mostra muito aflito e temeroso quanto à sobrevivência do sumo pontífice romano. No quarto e último texto, o enunciador transmite um fato muito marcante do Nordeste, o cangaço, e, por representar o povo nordestino, torna-se um sujeito defensor desse histórico movimento.

As estruturas narrativas dos folhetos analisados mostraram-se simples, no que diz respeito à quantidade de Sujeitos nelas envolvidos, com a presença de no máximo seis. Em

dois deles, em *Ronaldinho, o fenômeno jogando errado* e em *O último dia de Lampião*, apresentam sincretismo actancial, ou seja, quando o mesmo ator funciona como dois sujeitos semióticos. Em todos os sujeitos existentes, a maioria apresenta a conjunção com seus Objetos de Valor no estado final, sendo, pois eufórico. O primeiro folheto analisado, *Ronaldinho, o fenômeno jogando errado*, traz o maior número de sujeitos disjuntos com seus Objetos de Valor, visto que, por trazer à tona em sua narrativa um acontecimento marcado por grandes confusões, os percursos dos sujeitos sofreram fortes oponências, que se revelaram atuantes e inibidoras de um estado final de conjunção. Na maior parte dos casos, as modalizações instauradoras do sujeito, referem-se ao *querer*, que caracteriza o discurso como manipulatório e persuasivo.

Nas estruturas discursivas, nos folhetos analisados, o Sujeito enunciador aparece, no primeiro momento, distanciado do enunciado e, portanto, do seu enunciatário, no tempo e no espaço quando se apresenta como um Sujeito de um saber sobre os valores dos atores no enunciado. No segundo momento, ele se inclui como ator, dentro do enunciado, que dialoga com outros atores ali presentes, considerando-se, entretanto, uma distância espacial que os mantém afastados.

A constituição social, contexto em si da narrativa, dá suporte para as formações discursivas, inserindo-se nelas os temas e as figuras que formam o discurso. Os atores são participantes dessa formação social.

Com o percurso temático figurativo, fica evidente a leitura do favoritismo do enunciador para determinados atores, principalmente os que se encontram no ambiente nordestino, porquanto o cordel é uma literatura que busca expressar as ideologias do povo nordestino, principalmente, do menos favorecido.

No primeiro cordel, os temas e as figuras revelam uma exautoração dos atores envolvidos na narrativa, cujos atos são condenados pelo enunciador. Já o segundo texto permite inferir que a transposição é uma jogada política do governo que será o único beneficiado e destaca a importância de se preservar o rio que tantos benefícios traz à população. A outra dedução que se faz é a de que as populações ribeirinhas não estão a favor da transposição e que o governo, preocupado com questões pessoais, está surdo à voz do povo. Com relação ao terceiro folheto, os temas evidenciam a religiosidade do povo nordestino de forma eufórica pelo enunciador e apenas condena a atitude do turco que tentou contra a vida do Papa, aparecendo na narrativa, portanto, disforicamente. Mais uma vez o Nordeste é retratado euforicamente no último cordel: todos os temas presentes mostram com clareza a realidade social e econômica do homem nordestino que, acometido pelas

dificuldades, vê a única forma de sobrevivência no crime. Mesmo a figura do tenente, representando a porção rica e respeitada dessa região brasileira, é tratado de forma eufórica, denotado pelo respeito com que sua figura é disposta no discurso pelo enunciador.

No que diz respeito à estrutura fundamental, as relações de conflito são representadas pelas oposições semânticas entre alegria *versus* tristeza; desejo *versus* repulsa; homossexualidade *versus* heterossexualidade; transposição *versus* revitalização; vida *versus* morte; estima *versus* raiva; legalidade *versus* banditismo e admiração *versus* ódio. Todas essas oposições permitem a percepção inicial do microuniverso semântico do discurso, de cuja articulação de suas unidades sêmicas constituintes, decorre a manifestação dos sistemas axiológicos que subjazem à narrativa.

Esta pesquisa deteve-se no exame da presença da cultura nordestina em textos da literatura popular de acontecimento. Espera-se que esta investigação contribua, sobretudo, para o entendimento dos fundamentos socioideológicos que envolvem nossa cultura. Ademais, pretende-se que esta dissertação possa despertar o interesse científico pelos princípios e normas que regem a sociedade, em especial a nordestina, com base nos textos populares, mais notadamente, nos textos de acontecimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Como preparar trabalhos para Cursos de Pós-graduação**. São Paulo: Atlas, 2003.

ANDRADE, Rachel Gazolla de. **Fábulas nuas e cruas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Paulus, 2005 (Coleção Nossa Literatura).

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Maria Aparecida. Estruturas e Tipologia dos Campos Conceptuais, Campos Semânticos e Campos Lexicais. IN: **Acta Semiótica et Linguística - SBPL**, vol. 08. São Paulo: Plêiade, 2000.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. e.d. São Paulo: Ática, 1999.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa. O discurso semiótico. In: _____: ALVES, Eliane Ferraz; CHRISTIANO, Maria Elizabeth Affonso. **Linguagem em foco**. João Pessoa: Idéia, 2001, p. 133-157.

_____. **A Tradição Ibérica no Romancero Paraibano**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2000.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa. **O Discurso Semiótico da Literatura Popular e Tradicional do Nordeste do Brasil**. Projeto de pesquisa apresentado à Coordenação Geral de Pesquisa, Ciência, Tecnologia e Inovação. João Pessoa: UFPB, 2006.

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- CARVALHO, Márcia Ferreira de. **O romanceiro ibérico de amor desgraçado: uma abordagem semiótica**. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Letras. João Pessoa: UFPB, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3. e.d. São Paulo: Editora Universitária, 1984.
- CORTINA, Arnaldo & MARCHEZAN, Renata Coelho. Teoria Semiótica: a questão do sentido. In: **Introdução à Linguística – Fundamentos Epistemológicos**: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (orgs.). 4.ed. v. 03. – São Paulo: Cortez, 2009, 393-438.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002. 318 p.
- _____. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1999.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Lingüística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GREIMAS, A. J. . Os Atuantes, os Atores e as Figuras. IN: **Semiótica Narrativa e Textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. **Semântica Estrutural**. Tradução de Haqira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- GREIMAS, A. J. **Semiótica do discurso científico. Da modalidade**. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difel, 1976.
- _____. ; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979. 493 p.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003. 147 p.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Lingüística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1995.

LYONS, John. **Linguagem e Lingüística**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **As Idéias de Chomsky**. São Paulo: Cultrix, 1970.

NETO, José Borges. O Empreendimento gerativo. In: **Introdução à Linguística – Fundamentos Epistemológicos**. 4.ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. **Panorama da Semiótica – de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

PAIS, Cidmar Teodoro. Texto, Discurso e Universo de Discurso. IN: **Revista Brasileira de Lingüística – SBPL**, nº 1, v.8. São Paulo: Plêiade, 1995.

_____. Lazer, trabalho, afeto, paixões e valores na cultura e na sociedade brasileiras: ensaio em semiótica das culturas. IN: **Revista Brasileira de Lingüística – SBPL**, v.10. São Paulo: Plêiade, 1999.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

ROMERO, Silvio. **Contos Populares do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SARAIVA, Arnaldo. O Início da Literatura de Cordel Brasileira. In: **Estudos em Literatura Popular**. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

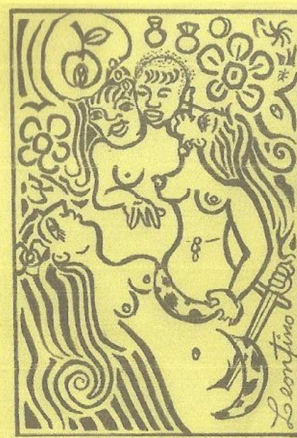
SAUSSURE. Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 11. e.d. São Paulo: Cultrix.

ANEXOS

Valentim Martins Quaresma Neto
Poeta de cordel, professor de Português e Diretor
da Escola Estadual de Ensino Fundamental
Monsenhor Manoel Carlos de Moraes,
Umari-CE - Fone: 0xx(88)3578-1133

Visite o nosso site na internet:
<http://literaturadecordel.vila.bol.com.br>
E-mail: literaturadecordel@bol.com.br

Ronaldinho, O Fenômeno Jogando Errado



LITERATURA DE CORDEL

Autor: **Valentim Martins Quaresma Neto**
Santa Helena-PB, 28/06/2008

Eu vi um homem chorando
Assistindo o futebol
Foi no dia que Romário
Fez um gol, dando um lençol...
E um elástico em Amaral,
E um velho passou mal
Não viu mais a luz do sol...

Já vi um bêbado jantando
Gritando de boca cheia,
Isso já à meia noite
E o jogo foi quatro e meia
Dizendo: - gooooool do Brasil,
Até minha irmã riu
Disse: - pai que coisa feia!

Já vi gente declarar
Que já esteve no céu,
Foi na hora de dois pênaltis
Que defendeu Tafaél
Vendo o berro de Galvão
E que chorou com emoção
Com Dunga erguendo o troféu.

Num jogo de futebol
Junta gente de carrada,
Tem barulho em tom de caixa,
Torcida emocionada
Gritando o nome de alguém
Que muitas vezes não tem
Caráter, não vale nada.

Por isso quero falar
O que a mídia já falou
É do dia que Ronaldo
Porque quis se enganou.
E promoveu a muvuca
Que começou na Tijuca
E ainda não terminou...

Um homem que namorou
Com tanta mulher bonita
Tem lá também seus caprichos,
Suas idéias esquisitas
Essa vida é engraçada
Pensei que ele era espada
A gente sempre acredita.

02

Já tivemos o Galinho,
O Dinamite, o Doutor,
O Animal, o Baixinho,
O Rei, o Imperador
E o Fenômeno traveco
Um pateta, um marreco
Metido a embaixador.

Sei que tudo começou
Numa tarde ensolarada.
Ronaldo estava triste
Brigou com a namorada...
E foi dar uma saída
Disse: - vou gozar a vida
Nem que seja na baixada.

Entrou em quatro botecos
E bebeu oito bicadas,
Fumou 16 cigarros
E deu mais umas tragadas,
Acelerou o carrão
Rodando na contra mão
Sem respeitar quase nada...

03

Juntou quatro travestis
E partiu para o motel
Com as duas mãos na cintura
Dançando a dança do crú
E falando no ouvido:
- Já estou muito envolvido,
Vai ter troca de anel...

Na sua embriaguês
Nem percebeu o Mané
Que estava mais Juarez,
Dezarote e André,
Tudo macho igual a ele
Pegando nas coisas dele,
Não havia uma mulher.

E naquele funaré
Um na frente e outro atrás
O panaca percebeu:
- Aqui tem bola demais
E outro fenômeno cresceu
- Eu sei que não é o meu,
Agora não quero mais...

04

Com o fundo na parede
Começou a se retirar
Foi aí que a Andréia
Disse: - pare alto lá!
Veja o teu precipício
Depois desse rebuliço
Tu vai sair sem pagar?

- Eu dou mil a cada um
E ninguém sabe, ninguém viu.
- Tu não tá mais na Europa,
Você tá é no Brasil.
Dinheiro tu tem demais
Me pague logo rapaz,
Eu quero 50 mil.

Ronaldo disse: - Eu não pago.
André disse: - Eu sabia!
Deu um murro no espelho,
Chutou e arrancou a pia...
Por toda essa zoada
A polícia foi chamada,
Foram pra delegacia.

05

Na 16ª DP
O delegado Zé Pinto
Colheu os depoimentos,
Botou ordem no recinto,
Fez a documentação
Junto com o escrivão,
Tudo é verdade, eu não minto.

E perguntou a Ronaldo:
- O que foi que aconteceu?
O jogador meio gogue
Prontamente respondeu...
- Eles querem me roubar
E eu não quero entregar,
O culpado não sou eu...

Eu só queria sair
E comer coisas diferentes,
Brincar naqueles lugares,
Fumar, beber aguardente.
Assim Ronaldo falou,
O delegado anotou
E entrou o outro cliente.

06

Andréia disse: - Seu Pinto,
Eu estava na calçada,
Foi ele quem me chamou,
Não tenho culpa de nada
Veja o que ele me apronta
Não quis me pagar a conta
Por isso eu estou zangada.

Mas já estou indo embora,
Agora sei aonde vou:
Na Hebe, na Luciana,
No Pânico amanhã estou,
Fantástico é meu esquema,
Logo vou para o cinema
Fazer um filme pornô.

O delegado falou:
- O caso está encerrado,
Não encontrei inocente
E muito menos culpados
E falou enfurecido:
- Vocês foram absolvidos,
Magotes de condenados...

80 07

Certos ídolos minha gente
Não merecem o nosso esforço
De torcer, pular, gritar,
Eles nos dão é desgosto
Ganham dinheiro à vontade,
Praticam muitas maldades
De medalhas no pescoço...

Convido aos torcedores
A erguer outras bandeiras,
Fazer outros movimentos,
Torcer de outras maneiras,
Lutar pelo bem comum
Chorar de jeito nenhum
Por gente que faz besteiras...

A consciência política
É que move o cidadão
Para fazer a justiça
E libertar a nação,
Toda casta brasileira
Deve ter essa bandeira
Empunhada em sua mão.

FIM 08

Compre cordéis pela internet
a partir de 10 exemplares + postagem:

edtapera@bol.com.br


- 1.O jumento que entrou na faculdade.
- 2.O pastor que virou acarajé!
- 3.Os gays que quebraram o pau numa praia da Bahia!
- 4.O buraco do metrô arrombou com Salvador!
- 5.O baba em que Bobô babou!
- 6.A briga da besta com o buzú!
- 7.Iemanjá foi embora com um turista francês!
- 8.Os dentes da galinha.
- 9.Carta de um professor à Secretária da Educação.
- 10.João Barandão cabeça de mamão.
- 11.A mulher que trocou o marido por um computador.
- 12.Vão matar o Velho Chico para regar o sertão!
- 13.Estudantes da Bahia dão lição em professor!
- 14.Beira-Mar pra Presidente! Para salvar o Brasil!
- 15.A pelega Internetica entre dois cabras da peste!

Literatura de Cordel



Vão matar o Velho Chico
para regar o sertão!

Autor: Jotaçê Freitas

Editora  Tapera
Salvador - Ba

1.

A natureza mãe santa
Fez o mundo como fez
Redondo como uma uva
Que em mar se liquiefez
A terra só leva o nome
Em cinco partes ou seis.

Água é um elemento
Que tem o olho na terra
Jorra em grandes cascatas
Escorrega pelas serras
Corre em leitos de rios
Passa cercas fura pedras.

Vai traçando seu caminho
Atraindo multidões
O povo às margens d'água
Cria civilizações
Nilos Tigres e Eufrates
Sena Tejos e Jordões.

2.

No lado de cá do mundo
O Brasil se posiciona
E possui o maior rio
Que se chama Amazonas
E o homem civilizado
Criou por lá uma zona.

No coração do país
Corre um rio importante
Chamado de São Francisco
Por causa do santo amante
Dos animais e das plantas
Bondade santificante.

Esse rio integra povos
De quase toda a nação
Sai lá de Minas Gerais
Da Bahia é o coração
Em Pernambuco Alagoas
E Sergipe tem vazão.

3.

Por ser muito generoso
Esse rio é muito amado
Tem a fartura do peixe
E apesar de assoreado
Serve pra navegação
E irrigação dos dois lados.

O povo das suas margens
O chama de Velho Chico
Em um gesto carinhoso
Lhe puseram esse apelido
Íntimo e familiar
Pra mostrar como é querido.

O Chico as vezes enche
E derruba as moradas
Dos que ficaram bem perto
Não fez casa recuada
Acaba com plantações
Leva tudo na enxurrada.

5.

Como pode um governo
Dizer que veio pra todos
Quer descobrir nosso santo
E nos deixar a ver lodo
Para ir cobrir um outro
Criando o maior engodo.

O Chico anda largado
Está sendo poluído
Por esgoto e lixo tóxico
Precisa ser protegido
Recuperar suas matas
Pra torná-lo mais garrido.

Em vez disso o que ele quer
É dilapidá-lo mais
Fazer jogada política
O que muito lhe apraz
Põe na frente o Ciro Gomes
Ministro de Satanás.

4.

Dona pequena é baixinha
Por isso tem esse nome
É séria e trabalhadora
Ninguém no mundo a embrome
Quando ela fica nervosa
Dá surra até em dez homêns.

Ela scube dessa história
Da tal da transposição
Que farão no Velho Chico
Para regar o sertão
Repartindo-o no meio
Como quem reparte um pão.

Ela disse ninguém faz
Operação no meu Chico
Cuido dele direitinho
Desde quando era Francisco
N'é hoje depois de velha
Que vão vim meter o bico.

6.

Me perdoem os irmãos
Moradores do Nordeste
Pra quem a transposição
Muitos sonhos refloresce
Mas se isso ocorrer
Vão saber que mal fizeste.

Paraibanos e Cearenses
E Potiguares também
Serão beneficiados
E ao governo dizem amém
Que do seu lado afirma
Que irá nos fazer um bem.

Um bem que só servirá
Pra promover eleição
O impacto ambiental
Não causa preocupação
Com essa conversa mole
Vocês não me enrolam não.

7.

Inventaram um comitê
Para democratizar
Mas não respeitam o voto
Dos que foram lá votar
Contra a transposição
Dizem que assim não dá.

O governo sabe mais
Que o povo que lá vive
Às margens do velho Chico
E que dele sobrevive
Se acha o sabichão
E poderoso inclusive.

Atropela as decisões
Com decreto executivo
Convidando empreiteiras
Para dar um incentivo
Na aprovação da obra
Fazendo uns donativos.

8.

A mãe natureza sabe
O que fazer com seus filhos
Se nos botou nesse mundo
De homens entorpecidos
Pelo poder do dinheiro
É por termos merecido.

Talvez seja fatalista
Essa minha opinião
Parafraseando Ruy
Haverá um tempo então
Em que o homem sentirá
Orgulho de ser ladrão.

Quem não escuta o povo
Terde a quebrar a cara
Pois toda mentira um dia
Tropeça e se desmascara
Não recebe mais o voto
O povo o desampara.

Salvador, 20 de janeiro de 2005

Autor: Jotacê Freitas

Autor Poeta: Leonardo Rodrigues dos Santos

O Atentado do Papa Abalou o Mundo Inteiro



Autor Poeta: Leonardo Rodrigues dos Santos

O ATENTADO DO PAPA ABALOU O MUNDO INTEIRO

Peguei na pena chorando
fitando ao céu primeiro
as lágrimas de quatro e quatro
molhando o travicreiro
o atentado do Papa
abalou o mundo inteiro

Era meio dia, em ponto
na rua da Imperatriz
quando eu ia passando
um colega assim me diz
o atentado do Papa
abalou todo País

En escrevi a chegada
muito alegre e bem sutil
até os passaros cantavam
nesse céu cor de anil
foi a sete de Agosto
ele chegou ao Brasil

Autor Poeta: Leonardo Rodrigues dos Santos
O Atentado do Papa
Abalou o Mundo Inteiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
29/10/84
5385

Foi na praça de São Pedro
no meio da multidão
mas sendo lá na Itália
eu vi na televisão
ele abraça uma criança
quando viram o pipocão

Só via o povo correndo
outros caído no chão
e dois saíram feridos
cá na minha opinião
também uma Americana
no meio da confusão

Todos países do mundo
chora sem consolação
com bem toda Polónia
é de cortar coração
a sua terra natal
do Papa Paulo João

Chora toda humanidade
do Brasil ao Japão
a Suíça e o Chile
com os joelhos no chão
pedindo a sua saúde
do Papa Paulo João

E o padre Elder Camara
ao saber do ocorrido
disse que o nosso Papa
a muito que foi ferido
no sofrimento do povo
que estava comovido

Vamos orar todo mundo
de joelhos companheiro
pedindo logo a Jesus
o nosso pai verdadeiro
de saúde ao nosso Papa
o seu grande mensageiro

Era umas Dez mil pessoas
todos fazendo oração
foi quando veio os disparos
nessa mesma ocasião
já o Papa se achava
prostrado lá pelo o chão

Também foi preso na hora
se achava muita gente
com a pistola na mão
de raiva rangendo os dentes
e também quase licho
foi preso diretamente

Mehemed Ali Azca
é nome do assassino
e ele alvejou três vezes
com um jacto de mofino
a Justiça do Vaticano
é quem manda o seu destino

E foi com seis ferimentos
o Santo Papa João
levado diretamente
no meio da multidão
também foi submetido
com êxito uma operação

Segundo o diretor
e depois de medicado
ficou fora do perigo
pior teve o seu estado
depois da operação
se acha bem delicado

Da unidade Cirúrgica
da policlínica Gemelli
foi logo na ambulância
e sem demora ali
segundo ouvi pelo rádio
por isso eu conto aqui

O Vaticano distribuiu
aproveitando a jornada
quer dizer uma e quarenta
mas sendo de madrugada
duas e quarenta em Brasília
pra relógios de tacada

Das dezoito e vinte e três
foi de Maio cidadão
mas sendo no dia treze
você preste atenção
outra cirurgia também
quer dizer intervenção

Ao departamento médico
pouco distante dali
sendo na Universidade
Católica, eu digo aí
o Sagrado coração
do hospital Gemelli

Mehmed Ali Azca
fugitivo da prisão
do presidio da Turquia
e sem dar satisfação
já matou um diretor
por isso sua prisão

Agora quando foi prezô
ali naquele momento
a policia foi a ele
para mostrar seu talento
no bolso do desgredado
nao tinha um documento

O Papa nas duas voltas
no seu jippe arrodiano
umas vinte mil pessoas
se achava ali rezando
mas ou menos cinco metros
o triste foi atirando

Aqui eu fasso uma pauza
com fé na Virgem Maria
pra falar em Nostradamus
um Astrologo de valia
e Frances do seculo XVI
com toda diplomacia

E ele foi quem previu
com a maior importancia
uma entrevista em jornal
com toda preceverança
do partido Socialista
que existe lá na França

O Francis Nostradamus
disse ao povo do senado
que a sua profecia
nunca deu um golpe errado
e tambem uma ameaça
ta haver lá no Papado

Lá na praça de São Pedro
ninguem deixa de rezar
de joelho pelo o chão
olhando para o altar
pedindo a Jesus Cristo
pro Papa recuperar

Vamos rezar todo mundo
do Brasil ao Estrangeiro
com a fé no coração
pedindo a Cristo primeiro
pela saúde do Papa
vamos rezar Brasileiros

Um reporte perguntou
a uma criança em um segundo
tú soube do atentado
e ela com os olhos fundo
respondeu a ele assim
isto é o fim do mundo

Se Jesus vinher a terra
fica do tamanho dum ovo
e não dá pra mais missa
apanha de todo o povo
deixa ele miudinho
pora não voltar de novo

Eu peço a Jesus Cristo
a virgem da Conceição
velte a saúde do Papa
pra consolar os Cristão
para o triste assassino
a ele dá o perdão

Na Polônia onde nasceu
parece que morreu jente
quando soube da noticia
muitos ficaram doente
e outros enloqueceram
outros morreu de repente

Aqui eu mando uma prece
com ordem do Soberano
para a saúde do Papa
com todos Pernambucanos
o poeta manda prece
ao Papa do Vaticano

FOLHETARIA CASA DOS HOROSCOPOS

Mantém um ótimo sortimento de Romances e folhetos populares adquiridos por compra ao autor JOAQUIM BATISTA DE SENA, já conhecidos como os melhores da LITERATURA DE CORDEL.

ALMANAQUE O JUÍZO DO ANO 1979

Vitória de São Cipriano com Adrião Mágico - Nascimento, Vida e Morte do Padre Cícero - O homem que dormiu 100 anos - Assis e Minervina - Heroísmo de Mizael - João Desmantelado - A filha do Vaqueiro Valente - A morte do Vaqueiro nas Vaquejadas do Céu Geraldo e Madalena - Mulheres de Pedra - Cobra Choca na pega do Lobisomem - 7 Dores de Maria Santíssima - Amada de 3 amantes A filha Noiva do Pai - Casamento do Negrão Chiquinho e Juliana - Apolinário - Aventuras de Pedro Malazarte - O Negrão com O Monstro do Rio Negro - Noberto e Luciana - A fera do Parano - Filho de Zé de Souza Leão - Mundoa - Desordeiro com Negrão Não teme nada - Nogueira e Juscelina - Sermão do Padre Cícero Os 3 Cavalos encantados - Rogaciano e Ritinha O divórcio de Zé Lasca e Noberto e Madalena

Mantém uma centena dos melhores Romances

Manoel Caboclo e Silva

Rua Todos os Santos, 263

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

São agentes: de Almanques e Romances:

JOSÉ FLOR: Café São Miguel, dentro do Mercado Central, 13 — Fortaleza — Ceará

ANTONIO ALVES: Rua Clodoaldo Freitas, 707 Terezina — PI

JOÃO SEVERO: Travessa Dr. Carvalho, 70 Bayeux — PB. — Raimundo Silvino Rua Pará, 586 Imperatriz — Maranhão.

Autor: João Fernandes de Oliveira (1 ED.26-5-78)

Editor Prop.: Manoel Caboclo e Silva

Insc. Estadual 66219527-1 — CGC 07042591/0001-09

O ÚLTIMO DIA DE LAMPIÃO



Autor: João Fernandes de Oliveira
Editor Prop.: Manoel Caboclo e Silva

O Último dia de LAMPIÃO

Lampião foi nordestino
famoso rei do cangaço
que dominou sete Estados
e nunca achou embaraço
tinha destreza nas armas
quando manejava o braço

Sempre dizia: — Não faço
herezia nem besteira
tenho que honrar meu nome
sou Virgulino Ferreira
e também tenho direito
nesta terra brasileira

Vamos ler o relatório
do famoso Lampião
nascido em Águas Belas
lá nas plagas do sertão
do famoso Pernambuco
onde só deu valentão

Nasceu em noventa e oito
a doze de Fevereiro
sua vida no cangaço
assombrou o mundo inteiro
já nasceu predestinado
para ser um cangaceiro

BPPA / BIBLIOTECA CENTRAL

156 Cordel
197 183 189 - 1
66969

Os seus desessete anos
Virgulino completou
não queria ser perverso
mas o destino o obrigou
nunca mais teve alegria
quando no cangaço entrou

Era ele e quatro irmãos
Antônio, João e Livino
Ezequiel o mais moço
tinha o coração ferino
foram eles os primeiros
do grupo de Virgulino

Certo dia numa luta
o famoso valentão
num combate com a polícia
seu rifle fez um clarão.
—Daquêle dia por diante
seu nome foi Lampião.

Por causa deste combate
seu nome ficou mudado
Lampião "um cabra macho"
o cangaceiro afamado
que assombrou o sertão
com seu batalhão malvado

Assim viveu este homem
desastoso e infiel
durante 23 anos
desempenhou seu papel
para uns foi muito bom
pra outros muito cruel

Preparou o seu reforço
só de homem valentão
brigou com forças legais
com tenente e capitão
destruiu muitas fazendas
o grande herói do sertão

Lampião sempre dizia:
—Serei um homem valente
brigarei enquanto vivo
não nasci para semente
por causa de uma vingança
brigarei eternamente

E continuou assim:
forte, bravo e destemido
enfrentou forças volantes
e fazendeiro atrevido
feria e matava gente
sem nunca sair ferido

Um dia ele foi cercado
por um grupo valentão
quando um mandacaru
deste que há no sertão
um espinho vazou-lhe o olho
perdeu do mesmo a visão

Fugiu pra uma fazenda
para melhor se tratar
com um alicate, o espinho
conseguiram arrancar
disse ele: —Só com um olho
ficou melhor de atirar.

No ano de trinta e oito
um batalhão reforçado
do Tenente João Bezerra
chefe forte e respeitado
já andava no encalço
deste batalhão malvado

Percorreram Alagoas
entraram pela Bahia
depois foram a Pernambuco
e João Bezerra dizia:
—Deixe está bandido velho
eu hei de pegar-te um dia!

Na cidade de Piranhas
ficou Bezerra hospedado
até que um certo dia
alguém trouxe-lhe um recado
o qual dizia: —Tenente
Lampião está acampado

O tenente perguntou-lhe:
—Me conte certo o roteiro
me diga se sabe mesmo
onde está o cangaceiro?!
O cabra disse: —Eu conheço
onde vive o bandoleiro

Fica daqui a três léguas
onde existe um riachão
uma fonte, um arvoredó
um enorme grutilhão
é lá que está acampado
o bandido Lampião

Lampião estava ali
tranquilo e bem descansado
com seus fiéis companheiros
de retaguarda, a seu lado
nem sequer imaginava
que já estava emboscado

E chamava-se Angico
aquele lugar deserto
já nas águas sergipanas
de Piranhas muito perto
era ali que o cangaceiro
teria a morte por certo

Seu batalhão já não era
como nos tempos passados
era apenas quinze homens
dispostos e afamados
aqui direi alguns nomes
que foram identificados

Tinha o valente Coruja,
Corisco e Quinta-feira,
Aça, Peitica e Criança,
Bentevi e Lavandeira
e o valente Xexéu,
Pinto D'água e Cajazeira

Beija-flor e Andorinha
homens de gênio cruel
o valente Pedro Cândido
sempre fez um bom papel
e o Tanajura falado
que nunca foi infiel

6

E tinham quatro mulheres
uma delas, Enedina,
Cila e Maria Bonita
de Lampião concubina
e Bentinha que morreram
cumprindo uma triste sina

Eram todas corajosas
andavam na companhia
do bandido Lampião
porque sempre ele dizia:
—Para o homem sem mulher
a vida não tem valia

Há poucos dias atrás
Lampião tinha sonhado
que o rifle mentia logo
seu punhal estava quebrado
viu muitos corpos feridos
muito sangue derramado

Porém a culpa condena
quando o réu é o culpado
neste sonho Lampião
estava bem avisado
outra mais que um "coiteiro"
trouxe vinho invenestado

Tudo aquilo era um aviso
mas ele não atendia
e mesmo ele já tinha
de passar nesta agonia
os dias estavam contados:
Este era seu último dia.

7

O valente João Bezerra
com seus soldados chegou
as quatro da madrugada
perto da gruta encostou
tão próximo dos cangaceiros,
mais nem um presenciou

Depois que rezaram o ofício
como eram acostumados
trataram em fazer café
bastantemente animados
o Bezerra com os soldados
estavam bem encostados

Conservaram-se em silêncio
sem fazer perturbação
esperando que saísse
o famoso Lampião
para poderem fazer
do combate a invasão

Quando ele levantou-se
com sua dama de lado
os soldados do Bezerra
fizeram um fogo cerrado
descarregaram os fuzis
Lampião foi alvejado

Logo Lampião caiu
já sem vida sobre o chão
também Maria Bonita
morreu sem fazer ação
e começaram a matar
o resto do batalhão

8

Morreu Maria Bonita
a Cila e Enedina
quase todos os cangaceiros
passaram na disciplina
morreram sem remissão
ninguém revogou-lhe a sina

Depois da vingança feita
os soldados justiceiros
cortaram todas cabeças
dos famosos bandoleiros
e também de Lampião
Rei de todos cangaceiros

João Bezerra ganhou fama
teve a palma da vitória
porque venceu uma luta
que lhe trouxe muita glória
a qual ficou registrada
nas página desta história

Porque foi grande herói
em vencer um batalhão
de fama imortalizada
como o de Lampião
que foi o rei do cangaço
o assombro do Sertão

Já terminei a história
do famoso bandoleiro
o homem que ganhou fama
na arte de cangaceiro
seu nome imortalizado
e também ficou lembrado
até pelo estrangeiro — FIM

Doado p/ Prof. Sábino Ramalho Soares

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)